



A CANÇÃO DE VARIATA

Helton Timoteo

Carlos Massa Ratinho Junior
Governador do Estado do Paraná

João Evaristo Debiasi
Secretário da Comunicação Social e da Cultura

Ilana Lerner
Diretora da Biblioteca Pública do Paraná

Coordenador do Prêmio Biblioteca Digital
Omar Godoy

Jurados | Romance
Deonísio da Silva
Luiz Rebinski

Preparação editorial
João Lucas Dusi

Revisão
Entrelinhas Editorial

Projeto gráfico e diagramação
Thapcom.com

Ilustrações e capas
Cantalupo

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecário responsável: Bruno José Leonardi – CRB/9 - 1617

Timoteo, Helton

A canção de Variata [livro eletrônico]/ Helton Timoteo. -
Curitiba, PR : Biblioteca Pública do Paraná, 2020.
187 p. - (Biblioteca Paraná)

“Vencedor do Prêmio Biblioteca Digital – Categoria romance”
ISBN 978-65-89223-08-5 (e-book)
PDF

1. Ficção brasileira. I. Biblioteca Pública do Paraná. II. Título.

CDD (22ª ed.)
869.3

A CANÇÃO DE VARIATA

Helton Timoteo



PRIMEIRA PARTE

(APARIÇÕES E REVELAÇÕES)

CAPÍTULO I

ORAÇÃO DOS PESCADORES

João Pescador amanheceu devagar. Os olhos ofendidos pela claridade matutina. Mexeu calmamente com os pés. Bocejou uma, duas, três vezes. Cruzou as mãos sob a nuca e ficou olhando o teto. Pensar? Não pensava em nada. Apenas acompanhava, com a curiosidade de um macaco, o entrelace amoroso das tiras de sapê que *telhavam* a choupana.

João Pescador tinha uns... sessenta e poucos anos. Alto. Magro. Rosto encarquilhado pelo sol e pelo vento. Cabelos enluarados. Gosto de maresia no corpo. E um jeito agudo de olhar para as coisas e as pessoas, como se as consumisse na fome geral do granito.

Levantou-se com lentidão. Enrolou a esteira, depositando-a, em seguida, no canto mais claro da choupana. Sentou na única banquetta junto à mesa de madeira. Fechou os olhos. Suspirou fundo. Fincou os cotovelos na tábua encardida. Cerrou os punhos nodosos, onde as veias grossas e esverdeadas ameaçavam romper-se a qualquer momento. E resmungou — ainda sonolento — a Oração dos Pescadores.

Terminado o singelo ritual, reabriu os olhos, ergueu-se pesadamente. Voltou a suspirar profundamente. Olhou a sua volta, procurando, talvez, algo para preencher o tempo ocioso, ou simplesmente constatando, com o olhar fatigado, a precária existência dos objetos ao seu redor.

Colocou, no fogão a lenha, uma vasilha com água. Ateou fogo à madeira seca, que logo entrou em combus-

tão. Tornou a sentar, aguardando, calmamente, que a água fervesse. Ou melhor: que atingisse uma temperatura ideal, antes dos cem graus centígrados, para ele fazer o café. Segundo acreditava, dessa forma ficava mais saboroso.

Preparado o café, João encheu uma lata de salsicha, que lhe servia de xícara, até a borda. Começou a saborear, devagarzinho, o líquido marrom escuro e quente, sem uma pitada de açúcar. Olhou novamente o teto da choupana e os objetos em torno. Os olhos vidrados, como se apreesdessem apenas o enorme vazio a que se reduzira sua miúda existência.

Esse vazio, contudo, não deve ser entendido no sentido niilista do termo. Não é que a sua vida tenha perdido completamente o sentido ou se tornado um vácuo absurdo. Mas como uma forma de esvaziamento de tudo quanto é desnecessário. João acumulara, durante sua longa existência, inúmeras experiências, inúmeras vivências, algumas muito boas, outras muito ruins. Logo, esse esvaziamento nada mais era do que um jeito sábio de abandonar definitivamente o que não presta; o que excede ao coração de um homem simples.

Várias vezes ele se perguntava por que tinha ido morar naquela ilha, a extensas milhas do litoral, habitada apenas por algumas famílias de pescadores e outros pouquíssimos habitantes. Longe de tudo e de todos. Questionava-se, embora sem muita ênfase, por que deixara para trás toda uma vida que, se não era tão pródiga, também não era de todo precária. Uma vida repleta de aventuras e possibilidades de todas as espécies. Mas, pensando bem, era justamente disso que ele tinha fugido; talvez não quisesse mais sucumbir à agitação feérica da vida urbana. À avalanche cotidiana.

Aproximou-se da janela, em cujo parapeito apoiou os cotovelos calejados. Ficou contemplando, com certa isenção, a paisagem exterior. A maré estava baixa. As embarcações suavemente balançavam na água calma, exibindo a maior parte dos seus cascos desgastados pelo salitre. Gaivotas sobrevoavam a orla, em busca do seu desjejum. Alguns pescadores já estavam no mar, nos preparativos da pesca. Outros consertavam suas redes embaixo de uma grande amendoeira. As mulheres concentravam-se nos afazeres domésticos, enquanto as crianças brincavam na areia.

O armazém e o bar já estavam abertos. Só a barbearia do Neco continuava fechada. Ele costumava abri-la só depois das dez horas. Sabia que não teria fregueses antes desse horário. Sentado numa canoa velha e inserível, Zé do Trabuco limpava carinhosamente sua arma, como quem acaricia uma namorada. Perto dele, o jegue de Manoel Manco fuçava uma lixeira e, com os beiços flácidos e os dentes encardidos, tentava mastigar uma folha de papel, amarelada e suja.

Ao ver o animal, João Pescador sorriu afetuosamente. Há muito que o jegue frequentava sua casa. Diariamente, em geral no finzinho da tarde, após ter sido explorado e maltratado o dia inteiro pelo seu dono insensível, Manoel Manco, ele se aproximava da choupana do Pescador. Sabia, intimamente, que ali não haveria espaço para maus-tratos. O Pescador daria água para ele e comida. Alisaria seu dorso e sua cabeça com carinho. Falaria palavras doces ao seu ouvido.

O dono dele é que não apreciava nem um pouco essa amizade. Talvez achasse que João pretendesse, sub-

-repticiamente, se apropriar do pobre animal. Vontade não faltava. Mas ele jamais o faria. Abandonara na cidade todo o seu senso de propriedade. Não queria ter nada, não queria ser dono de nada. Apenas gostava da companhia do bicho, espontaneamente. Sem interesse de espécie alguma. Apenas nutria por ele uma grande afeição, o que ele não poderia dizer em relação ao seu dono. Havia algo nele e em suas atitudes que desagradava profundamente o Pescador. Contudo, não sabia precisar.

João Pescador tomou outro gole de café, antes de, com um ar de enfado, sair para se dedicar aos seus afazeres cotidianos.

CAPÍTULO II

O POMBO

Apesar da tormenta e do vento que assobiava ensurdecedoramente nos coqueiros atrás da choupana, João Pescador conseguiu ouvir os pios do filhote de pombo. Tomou depressa o resto do café. Largou a lata sobre a mesa. E saiu. Apurou os ouvidos, tentando adivinhar de onde provinham os sons.

Na praia, as pedras indispostas lutavam contra as ondas. A água revolta prometia romper a unidade secular. Os barcos ancorados faziam um tremendo esforço para suste-se nas amarras. Um deles, bastante jovem, parecia ser o único a divertir-se em meio à tempestade.

João Pescador aproximou-se, com relativa dificuldade, da canoa que dormia rente à choupana. Achou uma imprudência mamãe pomba ter feito o ninho sob a nave. E mesmo uma crueldade ter abandonado o filho numa chuva daquelas. Não cogitou sequer que ela poderia ter sofrido um acidente ou ter sido assassinada por mão perversa. Preferiu — fato, aliás, absolutamente comum entre os homens — restringir-se à sua avaliação precipitada.

Dobrou-se penosamente, e recolheu o pobre animal, que não parava de piar. Curvou-se, e correu o mais que pôde em direção à choupana. Acendeu o fogareiro. Embrulhou a ave numa estopa velha e fedorenta, aproximando-a do fogo amarelo e azul. O pombinho parou, finalmente, de piar. Os olhinhos agradecidos fitaram João, e inundaram-se de um riso cor de lírio. João, comovi-

do, afastou-se até a porta. Não ficava bem fragilizar-se diante do pobrezinho.

Enquanto — ainda completamente encharcado — olhava para a chuvarada, João tentava entender o que o tinha levado a sair no meio daquele temporal, para chegar ao local de onde vinha aquilo que supunha serem pios de uma ave. Certamente agira por instinto. Mas, afinal, o que seria o instinto? Uma força ancestral e cega, totalmente incontrolável por vias racionais? Uma energia subterrânea aquém dos alicerces da consciência? Ou impressões profundas que vão sendo amalgamadas, ao longo de nossa precária existência, numa espécie de placa mental, às quais recorreremos, de forma absolutamente intuitiva, em dados momentos de nossas vidas?

João não sabia a resposta a essas indagações. No fundo, não eram respostas que ele buscava. Interrogar, apenas interrogar, se tornara, para ele, uma forma de distração, um jeito saudável de manter a mente solitária acesa, um artifício sutil de se manter integrado ao mundo, se bem que, às vezes, parecesse se ausentar completamente dele. Sobretudo em momentos de puro ato de contemplação. Mas também havia outra coisa: no enunciado de uma pergunta ou na maneira de elaborá-la, muitas vezes vem embutida a possibilidade de resposta. Disso o Pescador sabia. Tanto que o exercício do questionamento lhe propiciava um prazer devastador. No bom sentido, é claro.

Mergulhado nesses devaneios, João voltou-se para o interior da Choupana. Atrás dele, relâmpagos e raios furiosos fustigavam o céu encardido pela tempestade. Ribombavam trovões. A força do aguaceiro abria frinchas no

telhado de sapê. Inúmeras goteiras ameaçavam inundar a pobre habitação. Caso a chuva não cessasse logo, os danos poderiam ser irreparáveis. Isso preocupava demasiadamente o velho Pescador. Ainda mais agora que tinha, sob sua tutela, outro ser para proteger. Consigo mesmo não se preocupava muito. Estava velho e encarquilhado. Aguardando apenas o frio beijo do nada.

João resolveu esquecer-se temporariamente da chuva, do mau tempo. Aproveitaria a impossibilidade de sair para pescar ou perambular pela ilha, em busca de pequenos prazeres que lhe preenchessem a alma, para ajeitar a choupana. Ela estava precisando mesmo de uma arrumada. Não que ele fosse propriamente um desleixado. Mas é que nos últimos tempos andava demasiadamente ocupado com suas pescarias reais e com as fantásticas. Queria também aproveitar o temporal para se dedicar aos cuidados do seu novo amigo. Temia que, em vista das circunstâncias em que foi encontrado e de sua natural fragilidade, não resistisse.

Ao pensar nessa possibilidade, João Pescador estremeceu; um arrepio descendo pela sua coluna, da cervical até o cóccix. Caso isso realmente ocorresse, jamais se perdoaria. Quando resgatou o pombo de sob a canoa, automaticamente tornou-se responsável por ele. E João Pescador não era homem de fugir às suas responsabilidades. Pelo contrário. Desde sempre se agarrara aos seus compromissos com uma tenacidade invejável. Sendo, às vezes, pelo menos na época em que trabalhava na cidade, considerado terrivelmente chato por isso.

Foi exatamente o que fez. Dedicou-se a cuidar do pombo, com um tremendo afinco, o resto do dia.

CAPÍTULO III

TEMPESTADE

A chuva do dia anterior causou inúmeros estragos. Partiu embarcações. Fraturou três pés de coqueiro. Desalojou alguns passarinhos. Desarrumou os cabelos das ervas em volta da choupana. Encrespou as ondas. Encharcou as roupas nos varais, arremessando algumas peças a muitos metros de distância. E assustou muito as mulheres dos pescadores, que naquela noite não se olharam no espelho, nem fizeram amor.

Uma trovoada graúda — dessas que ribombam no céu, anunciando o fim do mundo — ficou presa na mangueira, e três mangas madurinhas gritaram de susto. Para João, contudo, foi um belo tumulto. No meio de toda aquela balbúrdia, somente ele, e o adorável jegue de Manoel Manco, pareciam verdadeiramente felizes e cúmplices de uma alegria sorrateira.

João Pescador entrevia, em toda aquela desordem, a ordem natural de tudo. E o seu espírito tranquilo conformava-se naturalmente à dinâmica indomável e irrefreável da natureza. João sabia. E saber lhe conferia uma íntima organização. Apesar disso, houve momentos em que pensou que a frágil choupana soçobraria, sepultando a ele e ao pombinho, o que, se realmente acontecesse, seria uma tragédia.

Não porque poderiam morrer sob os escombros. Ou, pelo menos, não apenas por isso. Mas porque o esforço de João para salvar o bicho resultaria inútil. E a inutilidade da ação, para ele, soaria como uma morte mais absoluta e de-

finitiva. Praticamente irrevogável. Isto é: se a morte não se desse de uma forma instantânea, haveria tempo de preencher a consciência com seu conteúdo destruidor. Pensando bem, não só isso: haveria tempo de a consciência da inutilidade do gesto esmagar sua alma, esfacelando seu coração.

Essas reflexões algo sombrias martelavam o cérebro do pobre homem. Se toda aquela ruína de fato se produzisse, juntaria, a inúmeros fracassos e derrotas acumuladas ao longo de sua ínfima vida — vidinha, como ele próprio gostava de cognominá-la —, a derrota mais desastrosa, o fracasso mais devastador. O mais cruel e insofismável malogro. Sorte que nada disso aconteceu. E ele, desistindo de sondar, nos arredores da choupana, os estragos causados pelo temporal, voou de volta para casa. Precisava urgente se certificar que o pombinho estava bem. Enfim, que a sua ação temerária não tinha sido em vão. Com certeza, isso provocaria, em seu humilde espírito, uma dupla satisfação.

O pombo estava bem, muito bem até. E o coração vergastado do Pescador tranquilizou-se, aquietou-se. Agora era só desdobrar-se nos cuidados do outro. Transformar-se na mãe de que ele, com sua vida tão frágil quanto uma teia de aranha, tanto precisava. Sua preocupação com a ave, no entanto, era perfeitamente justificada: o bicho, não obstante todos os esforços de João para mantê-lo alimentado e aquecido, piara a noite toda, mal o deixando dormir. Em vários momentos, ele chegou mesmo a temer o pior. A cogitar seriamente na possibilidade de fracassar. Felizmente, como já se sabe, não foi o que ocorreu.

O pombo, ao ver o Pescador irromper a choupana, a princípio assustou-se, quase caindo de cima da mesa. Mas aos poucos foi se acalmando. Havia, finalmente, re-

conhecido o seu benfeitor. Começou a piar mais alto que antes, só que não mais de fome, de sede, de medo ou desespero. Piava de gratidão, de reconhecimento, de afeto, de amor. João, percebendo essa devoção, sorria satisfeito. Na sua modesta concepção, não salvara apenas uma vida: ganhara um novo amigo. E esperava sinceramente que aquela nova amizade durasse até o fim de seus dias.

Curiosamente, ao pensar nisso, certa apreensão perpassou ligeiramente seu coração. João ficou meio incomodado por não saber o motivo daquela estranha sensação de desconforto. Tudo indicava que o pombo sobreviveria. Por que, então, se preocupar? Por que não se entregar apenas à fruição daquela amizade, sem grandes sobressaltos? O problema é que certas apreensões inusitadamente perturbam nosso coração e nossa mente de uma forma totalmente inexplicável. Fruto talvez do nosso inconsciente sobrecarregado pelas mazelas cotidianas. É como se todo um arcabouço de ruínas ficasse profundamente enraizado em nossa consciência, e nós, por mera questão de autopreservação, recalçassemos o seu conteúdo no fundo do inconsciente. Conteúdo que com frequência vem à tona, agitando a superfície calma da água.

De qualquer modo, embora essas apreensões fossem reais, João preferiu balançar a cabeça de um lado para o outro, sacudindo-as para bem longe. E, ao perceber que o pombo infantilmente lhe imitara os movimentos, balançando igualmente sua cabecinha, seu coração se recompôs e ele finalmente sorriu, imediatamente esquecido de suas mais recentes preocupações. Voltou-se integralmente, amorosamente para o pombo, com quem decidiu ficar o restante do dia.

CAPÍTULO IV

A PESCA MÁGICA

Por entre nuvens aborrecidas, o olho do sol brilha amarelo. João Pescador, que não é bobo nem nada, sabe que o sol vigia os pescadores malvados. Não respeitam o tempo certo da pesca. Sabe que um dia, sem aviso prévio, os arrebatará de suas choupanas para suas carnes que cantam.

João não acredita no inferno, mas teme o diabo. Por isso, seu caniço de pesca não tem linha nem anzol. Entretanto, todos o veem diariamente encaminhar-se para as pedras, caniço na mão, samburá a tiracolo, chapéu de palha e olhos molhados onde mergulham peixes. Sobe nas pedras. Esquadrinha o cristal das águas. Curva-se todo. Arremessa a linha invisível, e o anzol faz “chac”, ao cair no mar.

Quando, depois de longo tempo entretido nessa aventura bizarra, retorna para casa, o lado que sustenta o samburá inclina-se suavemente para o chão, formando um ângulo de meiga utopia. Os outros zombam dele. Fazem chacotas com seu nome. Enfim, não o compreendem. João nem liga. Sabe que o sol entende-lhe o coração. A lua faz-lhe tranças nos cabelos.

O Pescador, do alto de sua sabedoria, adquirida por longa experiência de vida, e de uma vida rica em vitórias e desastres, bem lá no fundo do seu peito envelhecido, mas ainda relativamente robusto, perdoava não só aos outros pescadores, como também a todos os demais habitantes da ilha. Embora, a bem da verdade, o fluido

do seu perdão não encerrasse em si uma substância homogênea, de modo que atingisse a todos com igual intensidade ou densidade. Sua distribuição, portanto, não era equitativa. E não o era nem na substância nem na quantidade distribuída.

A rigor, o perdão depende do distribuidor e do recebedor. Assim também como da natureza da falta cometida contra nós. Com João Pescador, o ato de perdoar não funcionava de forma diferente da maioria dos homens. Este ato — deve-se frisar veementemente — independe de qualquer inclinação religiosa ou mesmo filosófica. Mas de uma inclinação intrínseca a cada indivíduo. Cada um de nós possui — exceto os sociopatas e os psicopatas, aos quais falta o sentimento de empatia — em maior ou menor grau a capacidade de perdoar. O difícil mesmo é esquecer o que nos fizeram de ruim.

Por essa razão, João Pescador — não por meio de um ato racional ou intelectual, mas instintivo, intuitivo — no momento da distribuição do seu normalmente generoso perdão, distinguia, naqueles que o receberiam, a justa medida de sua substância e cota. De tal modo que, se os a serem perdoados fossem as crianças e as mulheres dos outros moradores da ilha, sobretudo aquelas, o perdão fluía de si tão espontaneamente quanto um sorriso de felicidade ou um esgar de raiva. Ou, no caso dos homens da ilha, vazava do seu coração como se o esgarçassem os cravos agressivos de uma cerca de arame farpado, especialmente em se tratando de dois deles, insuportáveis: Manoel Manco e Zé do Trabuco.

Se, num torpe ato de indiscrição, quiséssemos sondar o Pescador sobre o motivo da sua antipatia por aque-

les dois indivíduos, talvez ele próprio não soubesse precisar. Na verdade, tendo em vista os vários significados dessa palavra de origem grega, fica difícil identificar no outro que pormenor nos afeta de forma mais ou menos desagradável. Ora, a antipatia é uma aversão espontânea, irracional, gratuita por (alguém ou algo); malquerença, repulsão. Parece que esses dois indivíduos tinham a *virtude* de causar antipatia não só nele, mas em todos os outros moradores que, a bem da verdade, os temiam.

João Pescador se impôs manter a devida distância daqueles caras. Temia, no fundo, que sua capacidade de perdoar conhecesse finalmente o fracasso.

CAPÍTULO V

O FAROL

A função de um farol é orientar as embarcações para que, em dias de nevoeiros intensos, e durante a noite, não se choquem contra os corais e arrecifes. Qualquer pescador sabe perfeitamente disso. João também. Daí ter estranhado a atitude daquele farol, no nevoeiro de anteontem. Entre gargalhadas de luzes, conduziu, como um embriagado, um enorme cargueiro direto para a rebenção. Ouviu-se um estrondo medonho. E fagulhas azuladas incendiaram as águas.

No outro dia, porém, nem sinal de naufrágio. O farol, funcionando com sua regularidade habitual, mantinha-se ereto sobre as pedras, parecendo cumprir, religiosamente, sua nobre função. O mar estava calmo. As ondas suavemente espumavam na areia. As embarcações dançavam sensualmente na água salgada, verde-azulada. Nenhum corpo de náufrago boiava. Nenhum destroço denunciava qualquer tragédia... Teria João sonhado com a rebeldia do farol, ou o cargueiro era um navio-fantasma?

Não se poderia afirmar, com absoluta convicção, que o bom e velho Pescador fosse afeito a certos devaneios, a certas alucinações. Obviamente, como ocorre a qualquer um de nós, apesar de sua idade um tanto avançada, a cabeça dele resguardava resquícios de fantasia, pelo menos uma porção diária, absolutamente necessária para afastá-lo da loucura, para apartá-lo, tal uma faca amolada, do total desvario. Conquanto sua verdadeira predileção, porque mais segura, era manter-se quase o

tempo todo naufragado na mais completa e radical lucidez. Não que ele fosse radicalmente racionalista, biso-nhamente positivista.

Na verdade, João Pescador, além de ser um ho-mem extremamente modesto na sua forma de vida, era igualmente uma pessoa simples. A lógica que permeava seus pensamentos e ações, contudo, apresentava varia-dos graus de complexidade, como, aliás, é imanente a qualquer sorte de lógica. Independente do indivíduo em que ela se processa. O fato de ele ser modesto — e, na maioria das vezes, agir de modo simples — não implicava necessariamente uma apatia intelectual, o predomínio da tolice, um embotamento da razão. João de forma alguma era tolo. Embora nem sempre se possa considerar a tolice como uma profunda ignomínia do ser.

Com efeito, de vez em quando é preciso fazer-se de tolo perante o outro — dependendo da circunstância e da constituição desse outro —, apenas para não se parecer demasiado soberbo, excessivamente déspota, o que, neste caso, acontece com vergonhosa frequência, com absurda facilidade. Se bem que, por mais que se tente frear esses impulsos da mais fragorosa vaidade, às vezes, mesmo que seja somente por um átimo e em seguida se esforce para reparar os danos, eles vêm à tona com uma força impe-riosa, emergindo inconscientemente de cada um de nós.

Nos momentos em que isso acontecia de fato com João, em que essa substância melíflua emergia traiçoeira-mente do canto mais recôndito do seu ser, ele empalidecia e sentia-se, não raro, terrivelmente envergonhado. Quan-do isso ocorria, mirava-se no espelho, seja da superfície de uma poça d'água, seja da superfície de um vidro, e a

sua turva imagem lhe provocava uma sensação de náusea, de asco, de repugnância. Sentia-se, então, como o farol tresloucado que, de um jeito absolutamente inadvertido, conduzia o outro para a rebentação. Resultado: remorso, sem nenhuma possibilidade de remissão.

Mas normalmente João, como um farol bem comportado, costumava iluminar, com sua luz suave e calma, o caminho dos que estavam a sua volta. E o fazia naturalmente. Embora acreditasse, no fundo, na natureza inata da maldade humana. Se bem que, invariavelmente, essa convicção soçobrasse antes mesmo de ganhar força em seu espírito. Isto é: havia, no seu caso, tal inclinação para a compaixão pelo outro — o que até certo ponto não deixa de ser uma forma disfarçada de soberba — que mergulhava piamente na crença da bondade humana. Certeza. Incerteza. Contradição.

CAPÍTULO VI

O VOO DO POMBO

O pombinho estava crescendo. As penugens amarelas rápido se transformaram em penas pretas e brancas. No princípio, João teve que alimentá-lo como o fazem as mães dos passarinhos: mastigava o alimento bem mastigadinho, aproximava os lábios ao bico da avezinha e, com a ponta da língua, dava-lhe migalhas.

O pombinho agitava as asas numa clara manifestação de felicidade. João sorria. Ia cumprindo bem sua tarefa de pai do órfão. Toda manhã, soerguia-o na palma da mão. Com tênues movimentos para cima e para baixo, ensinava-lhe, aos poucos, a incrível arte de voar.

Quando as asas já estavam bastante grandes, João levou-o para fora da choupana. O pombinho arrulhou feliz, as penas luziram ao sol fresco. João umedeceu o polegar direito, erguendo-o ao vento. Ficou de costas para o mar. Arremessou-o a cerca de três metros de altura. O pobrezinho caiu esbaforido. A areia quente massageando-lhe o tenro ventre. O coração acelerado.

Rindo pra danar, João arremessou-o mais uma, duas, três vezes. Na terceira, a avezinha bateu as asas desajeitadamente, e voou para o cume das pedras perto. João aplaudiu satisfeito. Correu até ele e lhe pregou um beijo no alto da cabecinha. O pombo beliscou-lhe o nariz alegremente. De novo bateu asas e, já mais elegante, entrou numa corrente de ar — e sumiu.

João passou o resto do dia sentado na areia, o olhar silencioso perdido no horizonte. Sentia-se triste. Ator-

mentado. Achava natural que o pombo seguisse seu destino. Mesmo assim sentia sua falta. Todo o lado esquerdo do seu peito era incomodado por uma dorzinha aguda.

No fim da tarde — as silhuetas dos barcos dançando sobre as águas — João pensou ter entrevisto, num rapidíssimo relance, o voo cortante do pombo junto ao ancoradouro. Mas foi apenas uma projeção de sua vontade, sem qualquer eco na realidade. Isso entristeceu ainda mais o Pescador que, na falta de melhor ocupação além da impaciente e infrutífera espera, rumou de volta para a choupana, seu lar e, mais do que isso, sua fortaleza.

A tristeza de João provinha, logicamente, do fato de já se ter afeiçoado ao pombinho, tornando-o inadvertidamente objeto de sua ternura, o que de certa maneira criava entre os dois um forte laço de amizade, mas também de perigosa dependência, e também por outro motivo um pouco mais obscuro e astucioso: sentia-se assustadoramente sozinho, embora sua mudança para aquela ilha não tenha ocorrido por outra razão, senão a de se isolar, na medida do possível, do resto do mundo, ou pelo menos do que se entende por mundo civilizado.

CAPÍTULO VII

VARIATA

Estava distraidamente deitada na areia. Os olhos infinitamente azuis contemplavam o céu; distraíam-se com o incessante movimento das nuvens. Os cabelos encaracolados ostentavam o sol em cada mecha. Agitavam-se ao vento morno da manhã. Uma florzinha rosa, à altura do baixo-ventre, tentava omitir-lhe o gênero. Contudo, sob o rosado alvacentos da pele e sob a forma arredondada do rosto, adivinhava-se uma menininha.

João sentou ao lado dela. Sobre os pés descalços, começou a despejar, muito lentamente, flocos de areia úmida. Ela nada falou. O olhar distante continuava a se entreter com as sucessivas mutações das nuvens. João respeitou-lhe o silêncio e a aparente indiferença. Achou natural. Ao fim de algum tempo, porém, a menina pareceu dar-se conta da presença dele. Com os olhos presos no rosto dele, e uma voz bem suave, perguntou-lhe:

- E o pombo, João?
- Por aí. Respondeu, com o cenho franzido.
- Ele volta.
- É... Talvez.

Levantou-se. Sacudiu a areia que lhe grudara em várias partes do corpo. Tornou a olhar para o céu. E, antes de seguir em direção ao ancoradouro mais próximo, despediu-se dele.

- Tchau, João!
- Tchau!

O vento do norte soprou-lhe forte nos cabelos, e um leve arrepio percorreu-lhe, de alto a baixo, a coluna vertebral. Sacudiu lentamente a cabeça, numa tentativa inútil de afastar, do seu pensamento, a imagem da menininha cor-de-rosa, que acabara de desaparecer no meio das embarcações.

João, profundamente inquieto com o encontro inusitado, decidiu voltar para casa. A mente confusa. A alma ligeiramente conturbada. Quem era aquela menina? Como sabia seu nome? Por que dissera que o pombo voltaria? De onde provinha tanta certeza? Seria verdadeiramente real ou apenas um equívoco do seu cérebro fatigado? Preferiu esquecer aquele encontro, aquelas indagações, e voltar à sua rotina de homem simples, sem nenhuma pretensão além de viver e, chegado o momento, passar, como passa o vento.

No fundo, embora se esforçasse para encarar a presença da menina como uma aparição absolutamente natural, a idade avançada, a vida difícil de outrora escavara em sua alma algumas depressões, umas rasas, superficiais, de escassos limites, outras mais profundas, mais amplas, como indeléveis cicatrizes. E era justamente dessas depressões que dimanavam interrogações alheias a sua vontade, infensas a sua teimosa mania de tentar controlar tudo, até mesmo suas emoções, suas sensações, seus pensamentos e seus atos. Pura bobagem.

João sabia perfeitamente disso. Decidiu, pois, tentar ignorar aquele encontro. Ou pelo menos intentar neutralizar a inquietação dele advinda. Assim, mal entrou na choupana, jogou-se na cama dura e desconfortável. E conseguiu, depois de muito esforço, adormecer.

Durante o sono, sonhou que a menininha cor-de-rosa chamava-o da porta da choupana, enquanto ele, sensivelmente intrigado com o desaparecimento do pombo, preparava o café da manhã.

Não ouviu de imediato a voz da menina. Ele sentiu primeiro uma forte lufada de vento e o aroma salgado da atmosfera marinha. Sua pele engelhada arrepiou-se inteiro. Seus cabelos enluarados chicotearam o ar. A mente de João, submersa nessas sensações agradáveis, entorpeceu-se. Momentaneamente, o Pescador naufragou no próprio íntimo, não pensando praticamente em nada, concentrando-se apenas no singular ato de despejar, no coador onde depositara o pó de café, a água quente.

Não lembrou sequer o sumiço do seu amiguinho. Não por rancor ou mágoa. Tampouco por uma falsa esperança de que, de uma hora para outra, ele surgisse diante de si. Apenas estava absorto demais, talvez tentando sondar, no lago profundo do ser, mistérios e segredos insondáveis pela própria natureza. Ou talvez estivesse simplesmente mergulhado na mais genuína ausência de si.

A menina o chamou com mais força. As notas musicais de sua voz estrondaram nos ouvidos do Pescador, despertando-o da sua aparente letargia. Voltou-se para ela, entre surpreso e assustado. Talvez mais assustado que surpreso. Pouco importa. O importante mesmo é que notara, finalmente, a presença da garotinha. Aí ele viu, estarrecido, o corpo do pombo, as penas quase todas manchadas de sangue, um orifício semelhante a um botão de casaco em pleno peito, a cabecinha flácida, tombada de lado, e as narinas ensanguentadas.

Ela estendeu o corpinho sem vida em sua direção. João espalmou as mãos. Sentiu na pele grossa o contato das penas, o morno nauseante e viscoso do sangue. E ficou durante muito tempo estático, boquiaberto, sem esboçar qualquer reação, como se o choque produzido em seu cérebro houvesse disparado em seu interior um mecanismo secreto que liberou, para o resto do corpo, uma substância anestésica.

A menina, após ter-lhe entregado o pombo, desapareceu diante de seus olhos espantados. João continuava inerte, voltado para a porta da choupana, sem nenhum indício de emoção em seu rosto. Por mais que se esforçasse, não conseguia voltar a olhar para as próprias mãos, como se a visão do seu conteúdo confirmasse uma terrível e insuportável verdade. Mesmo assim, inclinou para baixo, com toda a lentidão possível, a cabeça pesada: não havia pombo, não havia penas, não havia sangue. Ele segurava nas mãos pálidas apenas uma bola de futebol toda suja de lama, como quem a própria infância sustenta no ar.

CAPÍTULO VIII

REENCONTRO

Depois de perambular por algum tempo pela orla marítima, João finalmente entrou na choupana. O vento do norte entrou com ele. Soprou a poeira dos móveis e do chão. Levantou as cinzas do fogareiro. Sacudiu, num prego próximo à única janela, um pano de prato encardido e ensebado.

João deteve-se no meio da moradia. Suspirou fundo, lembrando-se do seu amiguinho. Por onde estaria àquela hora? Coçou levemente a cabeça, encrespando ainda mais a pele já encarquilhada do rosto. Olhou em torno, munido de uma desolação inaudita. Descaiu os ombros. Voltou a suspirar fundo.

Subitamente, deparou com o pombinho deitado na mesa, dormindo a sono solto. Comovido, pegou-o no colo. Afagou-lhe, com imensa ternura, as penas do dorso. Beijou-o muitas vezes: no bico, nos olhos, na nuca. O bicho encolhia-se, transido de prazer.

João estendeu a esteira no chão tosco da choupana. Deitou junto com o pombo e, antes de pegar no sono, lembrou vivamente do vaticínio da menininha cor-de-rosa. Lembrou também o sonho terrível que sonhara na noite anterior. Seria fruto apenas de sua paterna preocupação? Seria — o que seria absurdamente pior — uma espécie de premonição? Ou talvez as duas coisas ao mesmo tempo?

O certo é que, sendo isso ou aquilo, essas indagações não criaram raízes na sua cabeça. Passaram fu-

gazmente por ela, sem deixar vestígios. O essencial era a presença física do pombo, a sua vida materializada no fulgor de sua presença. O resto era somente especulação vazia, carente de perpetuidade. Que importava a motivação oculta do sonho, se é que havia alguma motivação oculta? Preocupação? Premonição? Seja lá que outros artefatos psíquicos. Às favas com tudo isso! Que significação maior haveria para João, além da certeza de que o pombo tinha voltado e, mais que isso, estava vivo, maravilhosamente vivo diante de si? Talvez seja uma grande tolice perder tempo demais com arguições inúteis. O de que o Pescador precisava mesmo era fruir interminavelmente a ternura que emanava daquele corpo quente, o amor incondicional e desinteressado que rescendia daquelas penas macias. O resto, como já se disse, não passava de especulação em torno do vazio.

CAPÍTULO IX

BALADA DO TIL

No dia seguinte, bem cedinho, João Pescador preparou o café. Depositou-o na lata-xícara. Sorveu, em goles amenos, o líquido amargo e quente. Pegou o pombinho no colo. Transbordando de uma felicidade quase pueril, saiu da choupana para aproveitar cada segundo do dia que estava apenas começando.

O céu ardia em brisa e anil. O sol queimava gostoso o dorso das pedras. A areia, suavemente aquecida, massageava as grossas solas dos pés de João. O dia abria despretensiosamente a calda de pavão. O mar bramia — baixinho — a líquida canção. E o vento do norte beijava úmido o rosto de João.

O Pescador cerrou os olhos. A paisagem à sua volta convertida numa enorme franja laranja. O calor do sol, na sua pele ressecada e engelhada, semelhava o contato morno de antigos lábios femininos. O vento do norte soprou forte em seus cabelos. João lembrou-se da menininha cor-de-rosa. Intimamente agradecido pelo retorno do pombo (agora pousado no seu ombro direito), desejou revê-la. Talvez conhecê-la melhor.

Ao ouvir o ruflar das asas do pombo alçando voo, João reabriu os olhos. Sorriu francamente ao se certificar de que seu amiguinho continuava vivo e saudável, esbanjando alegria. Algumas crianças brincavam de pique junto das canoas mais próximas. Outras tomavam banho de mar. O Pescador procurou a menininha cor-de-rosa entre elas, sabendo, de antemão, que não a encontraria.

Primeiro porque ela jamais se misturava às outras, segundo porque ela sempre surgia justamente quando menos se esperava. Isso, naturalmente, de acordo com as primeiras impressões que teve dela.

O pombo voou em direção ao mar e pousou no mastro de um barco velho, bastante desgastado pelo salitre e pelas intempéries. João tornou a sorrir. Estava muito contente com o retorno do seu companheiro que, aos poucos, ia-se tornando seu mais recente camarada, pois já se formava entre eles uma camaradagem semelhante a que existe entre soldados num campo de batalha. Por isso aquele sonho o deixara tão chateado. Por mais que fosse apenas um sonho, ou melhor, um pesadelo — e ele, antes mesmo de as especulações em torno dele tomarem vulto, delas declinasse —, a sua matéria informe deixara inevitavelmente algum resíduo na mente de João.

Mas preferiu não ocupar seu pensamento com aquilo. Ao invés disso, ficou distraidamente olhando o suave balanço das ondas e ouvindo seu doce marulho. Isso tranquilizou seu velho coração. Agora com o espírito mais leve, passou a observar a faina incansável de alguns pescadores. Quatro deles estavam no alto de uma jangada, segurando o centro de um enorme arrastão, enquanto seis outros, três em cada extremidade da rede, com a água até o tórax, iam aos poucos fechando o cerco em torno de centenas de peixes de várias espécies.

João sentiu-se impelido pela primeira vez — certamente motivado pela alegria de ter reencontrado o pombo — a se aproximar dos outros pescadores, a fim de ajudá-los, como algumas pessoas sempre o faziam, a terminar de puxar a rede repleta de dorsos quase todos prateados,

que saltavam, na agonia da morte, feito touros num rodeio. Mas logo desistiu desse intento. Certamente os outros achariam que estava mendigando algum peixe. Não gostaria, aliás, não suportaria que fizessem um mau juízo dele, interpretando equivocadamente suas reais intenções. Pelo menos, não nesse caso.

Esqueceu-se, momentaneamente, dos pescadores, das crianças, da menininha cor-de-rosa e até do pombo. Penetrou-se apenas da paisagem a sua volta. O céu ardia em brisa e anil. O sol queimava gostoso o dorso das pedras. A areia, suavemente aquecida, massageava as grossas solas dos pés de João. O dia abria despreziosamente a calda de pavão. O mar bramia — baixinho — a líquida canção. E o vento do norte beijava úmido o rosto de João.

CAPÍTULO X

CANÇÃO DE REPETIR

O dia de João transcorreu sem grandes novidades. Nenhum sobressalto turvou as águas cristalinas do seu ser. Vagou de um lado para o outro, absorto. Dedicado apenas a seus pequenos afazeres cotidianos. Durante todo o tempo, o pombo, que já se tornara um exímio voador, o acompanhou por todos os lugares. Recolhia migalhas da areia. Bebericava a água suja depositada no fundo de alguns barcos. Pousava nas árvores próximas ou nos mastros de algumas embarcações.

Enquanto trabalhava, João observava a paisagem ao seu redor: o mar, as árvores, as embarcações, as humildes choupanas dos outros pescadores, o bar do Juvenal, o armazém do seu Alfredo, a barbearia do Neco, o ancoradouro, as crianças, os pássaros, alguns cães vadios, o jogue de Manoel Manco. Tentava, inutilmente, não pensar. A imagem da menininha não abandonava sua memória. Subiu numa pedra alta, cheia de ouriços.

As ondas batiam violentamente contra a pedra. Já disse que as ondas batiam violentamente contra a pedra? Pois é. As ondas violentamente batiam contra a pedra. No entanto, uma fogueira, pequenina, mas insolente, crepitava no dorso dos corais. João teve a nítida impressão de ter entrevisto a figura da menininha cor-de-rosa flutuando acima dos corais, sentada com as pernas cruzadas uma sobre a outra, como o gênio da lâmpada. O coração do Pescador instantaneamente incendiou-se de uma alegria precária, pois ilusória.

O que ele tinha visto, de fato, fora apenas uma miragem, produzida pela evaporação da água salgada. A visão não durou mais que alguns segundos. Entretanto a frustração, oriunda da bendita ilusão, essa ficou corroendo vorazmente o coração dele por muito, muito tempo, bem mais tempo do que ele, na verdade, gostaria. Mas isso não chegou a levá-lo ao desespero. No fundo sabia que, de um momento para o outro, ela reapareceria, com sua capacidade extraordinária de brotar do nada, e precisamente no momento que mais precisasse dela. Aos poucos, João ia se acostumando com essa incontestável verdade: o aparecimento da menina (ou seria aparição?) independia totalmente de sua vontade.

Entretanto, a verdade mais premente naquele instante, para o velho Pescador, era, como já se disse alhures, que as ondas batiam violentamente contra a pedra. Já disse que as ondas batiam violentamente contra a pedra? Pois é. As ondas violentamente batiam contra a pedra. No entanto, uma fogueira, pequenina, mas insolente, crepitava no dorso dos corais.

CAPÍTULO XI

O AFOGADO

Um dia desses, naufragadas as últimas fragatas do sol, alguns pescadores e moradores detiveram-se bem ali, naquelas pedras. Conversavam sobre pescarias passadas e vindouras, sobre marés e maremotos, sobre ventos e ventania, cada um com uma entonação e gesticulação particular. Mas no conjunto — e da distância de onde João os observava — formavam um todo, um grande bloco com diversos quadradinhos dinâmicos e confusos, de uma esterilidade passional e triste.

Num momento da conversação, um deles, muito excitado, apontou para o mar. Os outros, curiosos, acompanharam-lhe a viril indicação. A cem ou cento e cinquenta metros, a cabeça de um afogado aparecia e desaparecia conforme o capricho das ondas.

Os espectadores, os corações sobressaltados, espalmaram as mãos sobre os olhos e esquadrinharam a vastidão do azul. Todos tentavam, por uma espécie de precaução e preservação pessoal, confirmar a existência de um cadáver boiando à flor da água.

Depois de alguns segundos de angustiosa observação, descobriram tratar-se de uma cabaça de coco, um tanto desgastada pelo tempo e pela salsugem. No fundo de cada um dos pescadores e moradores (os gestos de desalento denunciaram-nos), João percebeu uma decepçãozinha fina e melancólica, feito essas chuvas de meados de agosto que apenas põem sobre a areia uma camada superficial de breve umidade.

A distância, meio velha e ressecada, a suposta cabeça parecia rir-se da ingenuidade daquelas pessoas simplórias e de toda sua propensão ao drama e à aventura gratuita, desde que alheios. Girando sobre si mesma — e como que superior àquelas superstições bestas — a cabeça boiava à beira-vento.

Os espectadores, uma vez frustradas suas expectativas diante da possibilidade de um espetáculo que abalasse, pelo menos por algum tempo, os alicerces de sua rotina, dispersaram-se. Alguns, os pescadores, dirigiram-se ao mar. Outros foram na direção do bar do Juvenal. Algumas crianças voltaram a brincar. Outras simplesmente retornaram para casa. As mulheres, por sua vez, retornaram aos seus afazeres domésticos. Em suma, a rotina voltou a exercer sobre todos os habitantes da ilha seu fatídico domínio.

Até mesmo sobre João Pescador, que, ao se dar conta disso, não conseguiu conter uma gargalhada de escárnio.

CAPÍTULO XII

SOL POENTE

João Pescador distraía-se matando algumas formigas saúvas que brotavam do tronco de uma árvore podre. Variata — como João passou a chamar a menininha cor-de-rosa — chegou de fininho, imitando a voz da consciência dele:

— Muito bem, João!

João levou um tremendo susto. A mão suspensa no ar. A próxima vítima, aliviada, escondeu-se sob a areia. O Pescador, talvez adivinhando uma possível reprimenda da menina, desviou o olhar para o lado oposto ao que ela estava. Mas o sol do meio-dia, numa espécie de conluio contra ele, alongava a sombra da *criança*, que o encobria como o manto da justiça.

— Na China, diriam que você interrompeu um ciclo; afetou, com seu gesto impensado, o feixe dos eventos.

O Pescador, meio sem graça, coçou a cabeça. Fremiu levemente as narinas. Fingiu olhar para o mar. Embora concordasse com a menina, ele apenas comentou — como quem mata uma borboleta pelo simples fato de ela ser preta:

— Eu sei. Mas sou filho do sol poente.

A menininha cor-de-rosa sorriu marota, mas não havia exatamente desdém naquele sorriso, nem sequer sarcasmo. Mas a compreensão de que a maioria dos homens age por um impulso bestial, muito, muito aquém da razão. Depois, se eles chegavam ao despropósito de se matarem uns aos outros, desde os primórdios, por que ra-

zão positiva esses nobres senhores deixariam de dar cabo de uma vida considerada, para eles, tão ínfima, como a de uma formiga ou de uma mosca?

Pensando bem, talvez seja preciso operar uma pequena retificação no que foi dito acima, e uma retificação que, ao contrário de ajudar, ainda mais desqualifica os homens, esses seres pretensamente racionais: afirmou-se que *a maioria deles age por um impulso bestial, muito, muito aquém da razão*. Bobagem, porquanto muitos deles agem por um impulso bestialmente racional ou racionalmente bestial; no fim das contas tanto faz.

O fato é que a maioria acredita agir eticamente, mas só quando estão diante dos outros e desde que suas ações não impliquem necessariamente uma sorte de dano para eles mesmos. Isso prova que, normalmente, definem ética de uma forma muito restrita. Não como aquilo que se deve ou não se deve fazer de errado, independente da presença ou ausência de testemunhas. E independente dos resultados positivos ou negativos provenientes das ações.

Em todo caso, a afeição que ela já nutria pelo Pescador a fez fitá-lo compassivamente. Embora ele ainda só conseguisse perceber, em função do pouco tempo de convívio com ela, a superfície dessa compaixão. Ou que outro nome tenha esse gesto de perdão.

CAPÍTULO XIII

MINHA CASA É UM MUNDO

Variata entrou correndo na choupana. João Pescador estava dando comida ao pombinho. Mesmo antes de ela entrar, João tinha farejado no vento do norte o ouro de sua presença. A menina debruçou na mesa, enquanto acariciava a cabecinha do pombo. Parecia não ter se dado conta da presença dele, mas ele sabia tratar-se de mera impressão. Desconfiou, desde sua chegada inopinada, que não fora ali só para brincar com o pombo, ou por causa da pequena ave. Ela parou de acariciar o pombo. Começou a fazer de conta que traçava, com o dedo indicador, algumas formas geométricas na tosca mesa.

Em seguida, contornou o móvel. Deu alguns passos pelo recinto, parecendo aspirar a sua essência. João Pescador, ao perceber a curiosa sondagem da menina, soltou uma gargalhada forte, contrariando o seu hábito de homem de pouco riso, deixando-a, a princípio, meio sem jeito. Mas ela se refez rapidamente. Aproximou-se da janela e, depois de algum tempo olhando o longe, voltou-se para o interior da choupana. Apesar de a luz externa ter ofuscado parcialmente sua vista, impedindo-a de enxergar com nitidez o ambiente, sussurrou:

— Sabe, João — ergueu o indicador direito —, sua choupana é muito bela, muita rica e, apesar de pequeninha, muito vasta, vasta como um palácio.

João refletiu por instantes. Olhou ao redor. Pensou: Os móveis de minha choupana, pelo menos na aparência, são iguais a quaisquer móveis. Mas a surda comuni-

cação mantida entre si, a posição com que se distribuem no espaço e o afeto que arrancam do meu peito, quando me é possível ter afeto, torna-os diferentes, singulares. Para onde vou, carrego minha choupana comigo. Por mais longe que eu esteja, sei o exato lugar de cada peça como sei a disposição completa do cenário. A choupana me fere de chofre nos múltiplos sentidos dos cinco.

— É. É muito vasta. Mas não como um palácio: vasta como o seu coração.

Depois de falarem ainda sobre muitas outras coisas e de ele ter oferecido a ela café, o qual ela naturalmente rejeitou, decidiram sair da choupana, ou melhor, do palácio de João, a fim de perambular pela ilha, até que a menina, talvez motivada por um capricho irresistível e no fim das contas para ele incompreensível, como já o fizera, subitamente o abandonasse com seus próprios pensamentos. Ou na companhia saborosa do pombo, ou, como de costume, deliciosamente sozinho.

CAPÍTULO XIV

A VORAGEM DO SALITRE

João Pescador limpava os barcos, quando Variata apareceu. Não se cumprimentaram verbalmente, mas os olhares trocaram faíscas de clara compreensão. Ela sentou na areia e ficou olhando o longe. O vento do norte cantava em seus cabelos. Balançava suavemente a porta da choupana. João percebeu uma nesga de melancolia nos olhos da menina, mas silenciou, preferindo aguardar que ela mesma se manifestasse. Apesar de se conhecerem, há tão pouco tempo, aprendera a conviver com as esquisitices dela.

— João, eu posso fazer uma pergunta?

João continuou mudo.

— Por que você vive nesta aldeia de pescadores? Por que não volta para sua terra, para sua cidade, para sua família, onde possa gozar tranquilamente a velhice?

João parou de trabalhar. Olhou para o céu. Para as nuvens. Depois para as pedras e para o mar. Ficou refletindo durante alguns instantes sobre a pergunta da menina. Na verdade, ele próprio já havia se perguntado, não propriamente o que ela inquireu, mas por que, em dado momento de sua vida, resolvera abandonar a vida que levava na cidade e viera se esconder naquela ilha, como quem foge do mundo e talvez de si mesmo, mantendo o seu passado e os entes que possivelmente faziam parte dele relegados ao mais denso abandono, feito uma embarcação à deriva num espesso nevoeiro. Girou a mão à altura do queixo, em semicírculo, e calmamente redarguiu:

— No fim de minha vida, conceder-me essa liberdade precária e provisória me faz muito bem. Saber que há o mar, as pedras, a areia quente sob os pés e sentir tudo isso com a força de um coice em pleno peito, livre da penumbra dos compromissos inadiáveis e das setas envenenadas do tempo, é simplesmente maravilhoso. Saber que a vida mina diminuta nessas pedras recobertas de algas e musgos, e nas órbitas circulares e assustadiças dos caranguejos; saber que os cupins líquidos do mar devoram a madeira do ancoradouro com a voragem do salitre me faz um bem enorme. Como é bela, Variata, a corrosão dos parafusos e dos pregos! Como é bela a oxidação dos ossos!

É claro que algumas vezes sinto falta de minha antiga vida. De vários parentes e amigos que, sinceramente, nem sei se ainda estão vivos. Não sei sequer se ainda se lembrariam de mim, caso decidisse visitá-los. O fato é que já estou velho demais e, além disso, tão habituado à vida simples e pacata deste lugar, que certamente não me acostumaria a viver novamente numa cidade grande, em meio ao tumulto e à agitação. Por mais sedutores sejam o tédio-dinâmico e o tédio-estático provenientes disso.

Aliás, minha querida amiguinha, é justamente disso que eu tentei fugir o tempo inteiro, mesmo quando morava do outro lado deste mar. Embora, a bem da verdade, eu tenha sucumbido várias vezes a essas duas forças tentadoras, diabólicas. De qualquer forma, o que de fato mais me cansava naquela época, me causava um terrível enjoo e uma perigosíssima náusea, era exatamente o modo como os que me circundavam encaravam a existência. Ou em constante pressa, em alucinado frenesi, querendo se divertir e ser feliz a qualquer preço;

ou miseravelmente afundados nas salas de suas casas, diante de uma televisão, como se os sofás fossem barcos avariados em pleno mar, e a total ausência de vento os mantivesse presos numa linha de sombra tão poderosa, que não lhes restava outra coisa a não ser mergulhar no mais contundente e estatizante tédio.

É, pois, desse frenesi e desse tédio que tenho verdadeiro horror. É preferível, portanto, continuar aqui. Pouquíssimas pessoas, minha menina, moram nessa ilha. E dificilmente tenho qualquer tipo de problema com qualquer uma delas. Por uma razão muito simples: não as frequento; convivo com elas a uma distância confortavelmente segura, nem muito longe, nem muito perto. Assim, me sinto completamente feliz, pois não me sinto tão solitário, nem engolfado em relações de amizade, cuja proximidade excessiva muitas vezes se torna excessivamente perniciosa. Quando casualmente cruzo com os outros pescadores, com suas mulheres, com seus filhos, ou com os outros habitantes daqui, cumprimento-os com toda a cordialidade que adquiri com a minha idade algo avançada. E gosto mesmo de ficar admirando seu jeito simples de ser e de viver. Com raríssimas exceções, me parece que também eles se sentem felizes em morar neste lugar. Apesar de toda a precariedade material e tecnológica.

Depois, menina, tem outra coisa: Como vou abandonar os meus recentes, porém verdadeiros amigos, que nada me pedem e nada me cobram; vivem comigo em verdadeira harmonia e mútua doação? Não posso abandonar você, ou o pombo, nem mesmo o jegue, embora este *pertença* a um cara chamado Manoel Manco, de quem eu, particularmente, não gosto muito, de quem eu,

por razões absolutamente desconhecidas mesmo para mim, talvez por pura intuição, prefiro me manter o mais afastado possível. Um cara por quem definitivamente não nutro um mínimo de simpatia.

A menina voltou a sorrir. Silenciosamente concordava com ele. A rigor, já devia saber qual seria a resposta à pergunta que fizera. Mas gostava de incitá-lo a falar, de motivá-lo a expressar o que se passava no mais profundo do seu ser. Ele, que não era bobo nem nada, também já tinha notado as estratégias daquele jogo *inocente*. E, de alguma maneira, igualmente se divertia com aquilo, isto é, procurava tirar disso o máximo de proveito possível. Por isso começara a gostar tanto da menina: entre eles não havia qualquer tipo de cerimônia, nem qualquer sorte de simulacro, tão comuns na cidade que ele tanto renegava. Os dois agiam um diante do outro, como devem agir os mortos: vestidos da mais completa nudez.

CAPÍTULO XV

PRECONCEITO

Chovera muito durante três dias consecutivos. O ar estava lavado; a areia, encharcada. Durante a ventania e a tempestade, o mar esteve áspero, violento, intratável. Agora, que um sol tímido resplandecia por entre as nuvens persistentes, o mar calmo assumia colorações esquisitas, que iam de um azul esmaecido até um verde desbotado, passando por um tom cinza, fugidio.

Era um bom dia para a pesca, apesar de o sargaço arrancado às pedras boiar por toda a orla numa superfície de aproximadamente cinquenta metros mar adentro. Um cheiro forte de verde machucado desprendia-se das ervas semimortas. O verniz descascado dos barcos punha no ar um odor de pau molhado.

No ancoradouro, a ferrugem amorosamente devorava os ferros, com lentidão e acrimônia. O salitre punha um gosto de sódio nas bocas dos marujos do cruzador fundeado a longo alcance. Umedecia sua pele calcinada pelo sol e pelos ventos. Agitava, no alto do mastro, a bandeira de um país qualquer. Anonimato e saudade. Suspiros e solidão.

João Pescador, munido da curiosa vara de pesca, sem linha nem anzol, e do samburá de palhinha, chegou à porta da choupana, ergueu os olhos para o céu e fez “ah!”. O torso completamente nu, a velha calça dobrada até os joelhos, os pés grandes, grosseiros, cheios de rachaduras, afundando delicados na areia, lá vai João Pescador.

Suas costas musculosas, embora esbatidas pelo

tempo, são as costas de um homem comum. Os cabelos ao vento, entregues a uma dança cheia de minúcias e delicadezas, imitam o doce movimento das palmeiras. Parecem ter nascido muito antes que ele, muito antes que o mar e as pedras, antes até que o próprio mundo. Dir-se-ia que o mundo nasceu dessa cabeleira cheia de encanto e magia. Certamente sobreviverá ao resto do corpo.

João avistou, no meio das pedras pontiagudas, Variata, a menininha cor-de-rosa e cabelos cor de aurora. Dirigiu-se para lá. Quando ela se deu conta da presença dele, também veio em sua direção.

— Precisava mesmo falar com você, João. Parece que você não goza de boa fama entre os aldeões.

João olhou a menina em silêncio, o semblante meio contrariado. Sabia o que pensavam os outros pescadores, mas não gostou de ouvir aquilo de uma pessoa por quem nutria já uma ternura quase que inabalável. Contrafeito, justificou-se:

— Não se pode julgar um homem no fulgor do seu silêncio. Quem, dentre eles, me perguntou de onde vim; quem eu era, para onde ia, o que sabia? Ninguém. Olharam para as minhas vestes, e pensaram que elas pudessem falar. Olharam para os meus gestos, e pensaram que eles pudessem gritar. Enganaram-se. Os gestos e as vestes são mudos como a cabeça de um rei decapitado.

A menininha não disse nada. Apenas sorriu com doçura. Os olhos perdidos na vastidão do mar.

CAPÍTULO XVI

A MORTE DO JEGUE

Fazia uma semana que o jegue de Manoel Manco tinha caído de um barranco atrás da choupana de João. Quando o dono o encontrou com o flanco esquerdo bastante machucado e a perna direita ralada e inchada, julgou que ele não prestaria pra mais nada. Decidiu abandoná-lo à própria sorte. No seu íntimo, atribuiu a culpa da queda do animal ao Pescador.

O pobrezinho, mancando muito, abrigou-se nos fundos da choupana de João. Desde muito pequeno, acostumara-se ao convívio com aquele homem terno, que lhe havia ensinado tantas e tantas coisas. Aprendera, por exemplo, a atender aos assovios do Pescador, quando esse o avistava de longe, e o chamava. Sempre vinha em sua direção, balançando alegremente a calda, mesmo na presença do seu carrancudo proprietário. Este não apreciava aquela amizade. Achava que o afeto de João deixaria o jegue meio frouxo.

João, ao deparar com o pobre animal naquele estado deplorável, compungiu-se. Tentou de tudo para curar as feridas do bicho, por quem nutria verdadeira afeição. Lavou os machucados com creolina para evitar que desse berne. Envolveu a pata num pano com erva-de-santa-maria e saião. Improvisou uma tala para reduzir a fratura. A cada dia, porém, crescia, em torno das feridas, a população de varejeiras. Do fundo dos olhos untados de remela, a morte germinava como um rancor. O animal, num estoicismo invejável, sofria calado. O olhar perdido.

Um riso tão evasivo nos lábios descaídos, que denunciava o sofrimento. Aos poucos, por mais que João insistisse, parou de beber e comer.

O Pescador, penalizado, resolveu pôr fim ao tormento do pobrezinho. Procurou Zé do Trabuco. Pediu-lhe auxílio naquela triste empreitada. No início, ele relutou um pouco. Não gostava de atirar em animais. Dava azar. Preferia matar homens. Afinal, João conseguiu convencê-lo. Não dava azar matar animal já quase morto. Ponderou. O outro acabou cedendo.

João não quis presenciar o sacrifício. Entretanto, ao ouvir o estampido, e o zurro derradeiro e abafado do *burro*, estremeceu. Um baque doloroso no peito. Entre uma lágrima e outra, pensou na ingratidão de Manoel Manco. Não veio nem prestar uma última homenagem ao velho companheiro de labuta. Suspirou fundo, penalizado. Se bem que, pensando direitinho, não esperava mesmo grande coisa daquele indivíduo. Um desocupado que perambulava pela ilha, junto com o belicoso irmão Zé do Trabuco, sempre caçando encrenca com os outros.

CAPÍTULO XVII

A DOENÇA DE JOÃO

O rosto de João amanheceu estranhamente pálido. Levantou-se mais tarde que de costume. O tremor das pernas não lhe permitira o passeio rotineiro. O pombo, notando a apatia do seu companheiro, preferiu manter-se na choupana, ao seu lado. Profundamente desanimado, os olhos muito cansados, João olhava para as tiras de sapê, para a janela por onde o sol da manhã penetrava.

Variata, como frequentemente acontecia desde que o conhecera, apareceu em seu auxílio. Apesar da fraca claridade matutina e de as flores ainda não se terem aberto totalmente, o mesmo esplendor de azul brincava em seus olhos. A boca minúscula, lábios cor-de-rosa, sorria levemente.

Quando a viu, o coração de João Pescador sobressaltou-se como o de um apaixonado. Reflexo da forte emoção que sentia perante ela. Fez um esforço enorme. Levantou-se. Comovido e agradecido, soergueu-a até a altura do seu rosto e deu-lhe, carinhosamente, um beijo em cada face. As bochechas da menina ficaram ainda mais coradas que o habitual. Não esperava aquele arrebatamento. Sorriu feliz.

Ao notar as olheiras e o encovado do rosto do seu velho amigo, seu semblante anuviou-se. Ingentemente, tinha adquirido um afeto quase que materno por ele. Sacudiu seguidamente a cabeça. Achou horrível o aspecto de João. Recomendou-lhe procurasse o médico. Mas não fosse ao modesto posto de saúde do lugarejo. Como ele

sabia, ali trabalhavam apenas dois funcionários, tão velhos quanto ele, e provavelmente nem médico eram. Que fosse à única ilha vizinha a deles.

Apesar de entrever o destino do bom companheiro, não achava digno que se penetrasse no reino da Grande Dama tão aniquilado, tão vulgar e medíocre. Sabia que ainda não chegara a hora dele. Mas, quando isso ocorresse, preferia que ostentasse uma dignidade santa no semblante, uma serenidade de monge, uma impassibilidade de freira.

João coçou a cabeça. Correu os dedos pelos cabelos longos, parecendo refletir. Sua atitude, seus pequenos gestos, porém, não passavam de pura mímica, sem força essencial nenhuma, sem nenhuma força expressiva. Eram inúteis, como de resto seria inútil qualquer recusa a uma proposta de Variata. Cada palavra dela soava para João como uma explosão de imperatividade, como um bruto estampido que estilhaçasse os débeis cristais de sua vontade. Ela propunha — ele logo atendia: menino obediente.

Aliás, sem exatamente abandonar sua condição de homem (e de um homem cuja consciência nutria-se das mais lúcidas reflexões), João curvava-se perante os caprichos da menina, como se ela fosse sua neta. É bem verdade que não se poderia considerá-la uma criança normal. Assemelhava-se a uma delas quanto à candura, à ternura, à meiguice, ao desprendimento e, sobretudo, à clarividência com que enxergava o mundo.

Mas havia nela certas qualidades, certos atributos que só se adquirem com um longo estágio de vida. Em torno de sua existência, pairava uma aura de mistificação pouco aliada ao que se poderia chamar de concreto, de

real. Com efeito, ninguém sabia de sua origem, nem onde morava, quem eram os seus pais, o que fazia perdida naquela aldeia. Nem mesmo João poderia esclarecer, já que nunca lhe perguntou nada. Não por pudor. Mas talvez por distração ou ainda por naturalidade e profundo respeito a tudo o que existe.

Apenas observou que a presença dela sempre era acompanhada pela presença de um casal de botos, cujos dorsos rosados rebrilhavam ao sol até que a menina o deixava sozinho, absorto em seus pensamentos. Percebeu que o vento do norte executava uma canção nas pedras toda vez que ela surgia. Repetia sempre as mesmas pungentes notas, tiradas talvez de um canto fúnebre ou de um réquiem fora de moda.

Como nunca lhe dissera o verdadeiro nome, nem ele lhe perguntara, João resolveu chamá-la de Variata. Nome cuja origem atribui-se a uma tribo indígena norte-americana, e quer dizer Vento do Norte.

Curiosamente, depois das aparições da menininha cor-de-rosa, como ele também a chamava, a vida de João passou a fluir mais naturalmente. Uma canoa que navegasse em mar tranquilo, sem destino certo, mas cuja rota certamente a levaria a imponderáveis praias.

Todas as presenças dela precediam a um grande acontecimento na vida de João Pescador, quer um espetáculo da mais saudável simplicidade, quer um fenômeno sobrenatural, sobre-humano. De longe em longe, João ia percebendo essas miudezas, essa capacidade extraordinária com que Variata antevia o futuro, sendo mesmo capaz de projetá-lo.

Um duplo sentimento se organizava em seu ser:

ora se sentia fortalecido e protegido pela menina, ora a presença dela lhe causava horror e insegurança, fornecendo-lhe, inclusive, uma maior certeza de que a morte o espreitava por uma frincha estreita que a cada dia se ampliava, se ampliava, e a qualquer momento poderia saltar sobre ele a pantera da escuridão. Mas no fundo, no fundo, sentia-se tranquilo. Seu coração envelhecido não pesava mais que a brisa. Por isso, e apesar de a outra ilha distar várias milhas dali, olhou confiante para Variata, aceitando a proposta:

— Tá bem. Eu vou.

CAPÍTULO XVIII

VENTO DA LONGA ESPERA

— Pois é, Variata, eu fui ao médico. Mas — sorri — minha visita não foi muito proveitosa. Não no sentido orgânico da coisa. Cheguei à casa dele por volta das dez. Amarrei meu barco no ancoradouro. Atravessei a ponte. Bati na porta. Veio me atender um rapazinho de uns treze anos. Olhou-me de cima em baixo, naturalmente classificando-me.

Antes que ele abrisse a boca, perguntei-lhe pelo doutor. Voltou-se para o interior da casa e, sem me convidar a entrar, apontou para um dos aposentos, de cuja porta pendia um letreiro velho e enfadonho: CONSULTÓRIO DO DR. SAMUEL SINCLAIR. O rapazinho, sem nenhuma delicadeza, mandou que aguardasse um pouco. O doutor tinha visita.

Sentei na varanda e me pus a esperar. Passaram-se mais ou menos duas horas. O sol marcava meio-dia. As gaivotas comiam peixes na sombra do píer. Os barcos, balançando suavemente ao sabor de uma brisa fresca, apenas cochilavam. Meu barco, com paciência incomum, também me esperava.

Esperei, Variata, durante muito tempo ainda. Os operários de minha espera haviam construído já um castelo com os tijolos de minhas ânsias inflamadas. Na espera, Variata, o esperado ganha proporções suprarrealis. Se não chega, ou se chega reduzido à peculiaridade e mendicidade do real, o castelo das ilusões se desintegra. Tudo ao redor, que antes nos causava um pequeno incômodo, um mal-estar quase imperceptível, torna-se

monstruosamente desagradável, repelente, insuportável. Nossa frustração, nossas mágoas rapidamente nutrem-se de tal vigor, que tentam estraçalhar o inimigo outrora invisível com o fulgor de nossa insatisfação desnorteada. E muitas vezes injustificada.

Esperei ainda mais cerca de meia hora. Quando já estava prestes a desistir, a porta do consultório rangeu e se abriu, dando passagem a uma moça muito distinta, muito decente. Com as faces ainda em fogo, tentava porque tentava ajeitar o decote do vestido. Atrás dela, olhares obscenos dirigidos ao seu traseiro, o doutor aliava o incrédulo bigode.

Quando a moça atravessou o modesto cais, perdendo-se no interior do barco que a esperava, o Dr. Sinclair suspirou fundo, olhou o tempo. O rapazinho apontou em minha direção. O médico me fitou quieto, meio contrafeito. Eu não usava decotes, nem tinha um aroma adocicado sob as axilas. Aliás, minha doença não devia mesmo ser importante. Nada tinha importância para ele. Somente seus prazeres pérfidos e artificiais.

Deve ter notado a dureza do meu olhar, já que me perguntou se o esperara muito. Respondi-lhe que mais de três horas. Fingidamente me pediu desculpas. Observei-lhe que o problema não estava na espera, que o problema não era o tempo. Disse-lhe que, se na volta para casa, eu encontrasse uma canoa azul, com uma linda dona de vermelho, olhar doce e penetrante, a respiração suspensa, seria para mim uma sensação agradável. O sorriso espontâneo da moça e a beleza da paisagem naquele instante me dariam uma alegria provisória, que iluminaria minha vida por muitos dias.

Mas se no meio do caminho o céu se turvasse, o mar se encapelasse e eu fosse tragado pelas águas, então seria para mim uma tristeza. Não esperava morrer tão já. A alegria provisória ou a morte súbita — continuei — são obras do acaso, doutor. Mas um acaso engendrado a partir da longa espera a que sua vontade, o seu capricho me sujeitou. Nenhum fato nasce isolado, doutor, nem morre isolado: é engendrado por outros fatos e a outros fatos engendra. Portanto, qualquer que seja o desfecho da minha atual aventura, de certa forma o senhor será o responsável, quer para o bem, quer para o mal.

Não sei o que sucedeu em seu interior, Variata. Mas o homem me olhou intrigado. O desdém, que inicialmente se formara em seu semblante, estilhaçou-se. Claro que não esperei pelo atendimento. Depois desse discurso todo, bruscamente as costas lhe voltei e, sem sequer me despedir dele, vim embora.

Entretanto, minha visita ao médico não foi totalmente infrutífera. Fez-me refletir no seguinte: na vida há os que defendem o acaso e aqueles que defendem o destino como regentes da vida de um homem. Para os primeiros, tudo acontece casualmente, independente de uma relação de causa e efeito. Para os últimos, tudo acontece segundo os desígnios divinos. Para mim, pobre pescador inculto e tolo, que só entende de peixes e gaivotas, nossa vida se faz dia a dia, como as ondas dia a dia laboram nas pedras a forma de sua vertigem.

Mas se, apesar disso, um barco se esfacela contra a rebentação, então é uma fatalidade. E a fatalidade é o dilaceramento da lógica, uma falha na estrutura do sistema, a desintegração da geometria e um incêndio nas geleiras da razão.

Variata, a menininha cor-de-rosa, que ouvira todo o relato e toda a digressão do Pescador em silêncio, olhou demoradamente para ele, o rosto sereno, como se avaliasse, ao mesmo tempo intuitiva e racionalmente, as palavras dele. Não o recriminou por não ter se deixado consultar. Não o criticou pela ideologia um tanto cética, algo pagã. Sorriu resignadamente. Pegou, de cima do fogareiro, o pombinho. Fez carinho em sua cabecinha. Misteriosamente, vaticinou:

— Você está certo, João. Não precisa mais de médico. Em breve não precisará mais de mim. Esse pombo sim — ergueu a ave contra a luz — ainda precisa de você.

Como das outras vezes, ele absorveu as palavras dela tal uma sentença definitiva e irrevogável. Um sentimento indefinível corroendo seu coração. E o vento do norte sacudindo-lhe os alicerces da alma.

CAPÍTULO XIX

O ESPELHO

Choveu muito nos últimos dias. O mar andou triste e abandonado. Os pescadores, sem ter o que fazer, ou consertavam suas redes e canoas, ou bebericavam uma cachacinha no bar do Juvenal, gastando as horas de ociosidade em conversa fiada.

João Pescador não saíra da choupana pra nada. Pegara um bruto resfriado. Preferiu repousar até que se sentisse melhor. O pombinho, durante esses dias cinzentos, não saiu do lado dele.

Como ontem o tempo tivesse amanhecido mais claro e um solzinho fraco ameaçava romper o cerco das nuvens, João resolveu sair um pouco de casa. Colocou o pombo no ombro nu, e saiu.

O vento matutino pôs-lhe no rosto um sabor de geladeira. João mexeu os dedos das mãos várias vezes para desentorpecê-los. Com os movimentos, o pombinho aproveitou para voar dos ombros de João, e perdeu-se em meio às gaiivotas.

João, sorrindo, continuou a andar, procurando sempre os lugares onde havia poças d'água. Ora saltava por sobre umas, ora afundava os pés vigorosamente em outras. Deteve-se junto às pedras. Ali encontrou uma poça enorme. Não saltou sobre ela. Não mergulhou os pés em seu frescor. Era bela, feminina, frágil. Boa parte do céu se movimentava em sua superfície. Esse movimento imóvel era encantador.

João agachou-se. Com o indicador direito, agitou a superfície da água. Ficou rindo da fragilidade da realidade. Quando a água voltou a se estagnar, agitou-a novamente, agora com mais vigor. A realidade balançou-se toda. No momento em que a água se estagnou de novo, ele se surpreendeu com a sucessão de imagens que ali se formavam: seu pai, ainda um menino, tangia o gado na fazenda do seu Álvaro; já rapazinho, mergulhava de cima da velha ponte do Rio das Mortes.

João moveu outra vez a água. Quando ela se imobilizou, outras imagens se formaram: sua mãe brincando de roda na roça ingênua e sua avó embalando ao colo o retrato do seu falecido avô. Depois a mãe, já mocinha, chorando desesperadamente no terceiro parto. Espantado, ele se viu sendo expelido do ventre de sua mãe, a cabeça ensanguentada e os olhos arregalados de medo.

Viu-se, em seguida, já mais crescidinho, caminhando para a escola, desejos escondidos, mas a solidão de fora. Mexeu novamente na água. E assim, construindo (ou reconstruindo) realidades a partir das imagens, João nem viu o dia passar.

Quando a tarde ameaçava tombar sobre o mar, levantou-se para retornar à choupana. Contudo, um desejo irrefreável o fez voltar à poça d'água e agitá-la pela última vez. Nova realidade surgiu: numa sala vazia de uma choupana pobre e desconsolada, sobre a mesa de madeira tosca, um corpo jazia — era ele. Ao lado dele, Variata, a menininha cor-de-rosa, anotava, num caderninho de capa encarnada, o desfecho de sua missão. Enquanto o vento do norte embalava as embarcações.

CAPÍTULO XX

LOBISOMEM TRISTE

A fogueira acesa no tempo, João Pescador tirava uma pestana sob o grunhido das ondas. O fogo brando, agitado pelo vento, consumia a cor da noite na vertigem do salitre. O bom João Pescador ressonava, recostado numa estaca de madeira.

Lá pela meia-noite, quando a lua cheia lembrava um balão aceso no cume do céu, um barulho de plástico amassado despertou João. Ele abriu os olhos calmamente. Sem susto, sereno e um tanto resignado, observou a figura lastimável do lobisOMEM. Recurvado como um doente do estômago, ele mastigava lentamente as brasas da fogueira: orelhas caídas de burro velho, dentes totalmente cariados e dois olhos imensos, famintos, onde ardiam duas tochas de tristeza e solidão.

João contemplou com piedade aquele animal lendário que a tradição, quando ainda existia, pintava de maneira mais soberba, mais viril e devastadora. O lobisOMEM, provavelmente com vergonha da aparência deplorável, nem sequer ousou fitar o Pescador. Sentia-se medíocre, franzino, quase um menino. João sentiu tanta pena dele, que pensou em levá-lo para casa como fizera com o pombinho e o jegue de Manoel Manco. Embrulharia o pobre bicho na esteira e, apesar dos seus dois metros de altura, faria com que adormecesse em seus braços.

Terminada a refeição, porém, o homem-animal retirou-se lentamente. Cabisbaixo. O olhar namorando a trajetória dos pés descabelados e gastos. Pobre. Infinita-

mente pobre. João viu-se naquela figura desgastada pelo tempo e pelo excesso de postes de luz. Desgastada por uma época sem encanto, onde a única música audível era a dos ponteiros dos relógios.

Mas não tentou decifrar o enigma daquela aparição. Sentia-se velho demais pra isso. Apenas ficou olhando, com um misto de ternura e comiseração, para a figura despropositada, que ao longe desaparecia entre as embarcações. Ao se levantar para retornar à choupana, duas lágrimas insistentes inundaram-lhe as rugas.

CAPÍTULO XXI

JURUPARI

Noite clara. A lua cheia, imensa, dourada, incendiava a pele clara das ondas. João Pescador, sentado à beira da água, nem percebeu quando aquele homem, aparentemente um índio secular, arrastou atrás de si, na areia ainda morna do calor do sol, dois pés calejados, empedernidos, fartos talvez da longa caminhada que não fez.

No rosto endurecido, a pele de um vermelho-pardo, como sangue ressecado, ostentava, entretanto, uma espécie de brilho pálido, à custa de uma estrela brilhante incrustada em cada têmpora. Não sorria. Mas as faces um tanto envelhecidas demonstravam uma expressão que traduzia, ao mesmo tempo, serenidade e ferocidade, como se dentro de sua alma emoções contraditórias medissem forças.

Os cabelos negros, inquietos à força do vento norte, chicoteavam-lhe o tórax musculoso, pintado de listras vermelho carmim e azul-escuro. Ereto na areia, as pernas entreabertas, talvez para lhe favorecer a base, a sombra gigantesca estendia-se pela estrada que a lua cheia abria nas águas até bem longe, até onde dormitavam os barcos.

O índio ergueu a enorme mão direita acima de sua cabeleira avulsa, fixou o rosto de João. Num tupi-guarani anterior à língua geral, soletrou uma oração talvez, talvez uma maldição. Descaiu o braço vigoroso ao longo do corpo. Olhou tristemente para o chão. O rosto agora infinitamente velho e os cabelos desmesuradamente brancos, ele

fitou profundamente João, como se o quisesse salvar de algum infortúnio, ou simplesmente esmagá-lo.

Andando de costas para o mar, o silêncio mal contido fluindo teimosamente dos cantos dos lábios oprimidos, o vulto adquiriu uma dimensão extraordinária, antes de ser absorvido pelas águas, desaparecendo em meio a borbulhas de contraveneno e solidão. O barulho da água agitada sequer incomodou João. Como no caso do lobisomem triste, ele apenas encarou com naturalidade essa nova aparição.

Voltou apressadamente para a choupana. Sentia uma necessidade imperiosa de apalpar a doce realidade do seu amigo pombo. De rever a menina cor-de-rosa.

CAPÍTULO XXII

VISAGEM

Não a reconheceu de imediato. Achou-a bonita, sensual. Uma paizãozinha retrógrada e primária ameaçou derrocar as muralhas de sua certeza. Sobre a pele velha e ressequida, como que a luz de velhos sóis voltou a queimar.

Mas não passou disso. Não porque fosse tarde demais para o amor. Não que sobre a flor dos seus outros lábios não pudessem derramar seu mel. Não que a fúria do sexo, à força da idade, tivesse se esvaído. Nada disso. Só que, observando mais amiúde, aquela mulher quase nua — as carnes suavemente brancas sustentando a lua em cada poro, o verde-dourado das ondas agitando-se em seus olhos — não lhe era de todo estranha.

Lembrava-lhe alguém. Mas João não sabia exatamente quem. Olhou-a mais fixamente, esforçando-se para se lembrar de onde a conhecia. Ela, os olhos lânguidos naufragados em desejos semiocultos, desejos outrora mil vezes acesos e provavelmente mil vezes malogrados, sorria vagamente, aparentemente ignorando o minucioso exame do Pescador. Ou o interpretando equivocadamente.

Por trás daquela sensualidade mansa, daquelas carnes jovens e sedutoras, João pouco a pouco reconheceu a sua mãe, quando ela ainda era viva e muito nova, e ele apenas um menino. O coração sangrou, disparou. João sentiu vontade de correr para ela, de abraçar seu corpo quente, de lhe beijar o rosto, de lhe tomar a bênção, de dizer a ela o quanto sentia por não ter feito nada para

tornar-lhe a vida mais luminosa, e mitigar as dores que a consumiram como o fogo consome o canavial.

Mas não consegui. As pernas pesaram, fincando-o no chão. Os dentes cerrados, como se as mãos poderosas de Jurupari pressionassem perversamente suas mandíbulas, interditando sua fala. João percebeu — uma tristeza enorme corroendo sua alma — que ela, na semiescuridão em que habitava, não reconhecera o próprio filho. Movia lenta e friamente os lábios, sem articular uma palavra sequer, de carinho, de afeto, de amor, ou mesmo de reprimenda, repreensão ou crítica. Absolutamente nada.

Não havia luz no olhar dela. O rosto metálico, descorado, insensível, trazia em si as cicatrizes de velhos rancores; as marcas trágicas de uma vida massacrada nos ferros de uma estrutura perversa e desumana. João sentiu-se infinitamente pequeno e miseravelmente pobre diante de sua genitora. Um sentimento de impotência esmagando ainda mais o cérebro já quase totalmente esmagado pela vida. Sentiu vontade de lhe pegar no colo, de dizer que a amava mais que tudo, mas não conseguia falar, nem se mover do lugar. Isso o deixava desesperado. Exasperado.

Felizmente (ou infelizmente), a estranha visagem durou muito pouco tempo. Aquela forma abandonou, subitamente, o ar sangrento daquela tarde ríspida, nada deixando atrás de si. Exceto um rastro violeta de uma angústia e uma solidão indelével e, no chão calcinado pela desordem, a nódoa escura de uma presença precária e indefinida.

João suspirou fundo. O rosto cansado. O corpo cansado. A alma, extenuada. Desejou ardentemente voltar a

ser criança, a recuperar uma inocência supostamente perdida, a reencontrar a sua mãe, exatamente como era em outros tempos. Sem saber precisamente por quê, sentiu uma tremenda falta do jegue de Manoel Manco. Da sua ternura despreziosa. Do seu carinho ingênuo e do seu despojado afeto. E, pior que tudo, da sua vergonhosa incapacidade de lhe salvar a vida.

CAPÍTULO XXIII

SANTA BÁRBARA

A mulher surgiu numa noite de lua tensa. O mar claro e calmo cantava nos corais. A praia crescera nas últimas horas. O vento do norte ruminava folhas secas. As lâmpadas acesas ofuscavam a beleza dos navios. Um casal de botos brincava próximo às embarcações. Agitavam, com seus corpos lustrosos, a água fria.

João olhava distraído para o mar. Continuava triste por causa da última visagem. Sentia-se profundamente abalado pela visita inesperada e pela forma como o contato (se é que se poderia chamar assim) tinha ocorrido. Aliás, não conseguia explicações para as últimas visitas.

Com o rosto cansado das inúmeras reflexões descabidas, dos pensamentos desconexos, João não percebeu logo o corpo moreno, as carnes vigorosas esplendendo sua nudez, nem os seios graciosos arfando suavemente ao som do vento. Ele viu primeiro dois olhos acesos onde ardiam ânsias estéreis e onde as fragatas da incerteza lançavam suas âncoras.

Sem fixar os olhos nele, a mulher sentou junto à fogueira e, olhando as chamas, comentou:

— Melhor que o calor emanado das chamas é o leve crepitar da madeira.

João nada falou. Afagou distraidamente o queixo e voltou, distraidamente, a contemplar as águas silenciosas. Em face do silêncio-diamante, a mulher, um tanto decepcionada e irrequieta, moveu os lábios e as orelhas. Com um gesto brusco, jogou os cabelos para trás. Suspi-

rou. Com o movimento, os seios se inquietaram e, belos e macios, estremeceram mansamente.

João ouviu o rumor do vento nos mamilos. Ouviu também o forte barulho do perfume das axilas. Tornou a olhar para a mulher. Agora mais amiúde. Reparou no verde dos olhos e na desfaçatez do ventre exposto. Viu que era bela, e desejou-a. O fogo, porém, gritando vigoroso, erguera uma barreira cronológica entre eles. A madeira da fogueira estalava, à proporção que as idades de ambos se consumiam nas labaredas.

João também observou que, sobre o corpo nu, flutuava, em meio a um branco e um azul esmaecido, um longo vestido, de um tecido parecido com cetim, já que brilhava fugazmente à luz da lua. Ora o corpo nu se revelava em toda sua nudez, ora o vestido-manto intensificava suas cores, como se, em torno e possivelmente dentro daquela figura, houvesse um embate cruel entre a sensualidade e a santidade.

João finalmente reconheceu nela a imagem de Santa Bárbara. Santa Bárbara desarvorada. O sexo latejando como um quasar e o ventre regurgitando orações descontraídas. Uma Santa Bárbara um tanto diferente da imagem tradicionalíssima que construíram para ela: cabelos castanhos ondulados, lábios demasiadamente cheios e atrevidos, olhos espetacularmente lascivos e quadris furtivos como nuvens.

— Não tenha medo de mim, João. Seja você a madeira, e eu o fogo que a consumirei no ardor dos meus cabelos.

— Não posso, minha Santa. A aproximação dos nossos corpos nos privaria de luz.

— Veja aquelas ilhas rochosas no centro do oceano. O jovem nadador, no afã de alcançá-las, nada, nada desesperado ao encontro delas. Nada mais almeja, senão ver-se do outro lado, conquistador e poderoso. Mas as montanhas iludem-no. Quanto mais ele nada, mais elas se afastam. O que parecia tão próximo, como se torna distante! Morre afogado... Seja você, João, o jovem nadador e naufrague antes mesmo de tocar meu dorso.

— Faz tempo que desaprendi a enxergar a imagem das coisas antes destas. O que hoje vejo nada mais é do que as próprias coisas, despidas do seu traje de mentiras, da valoração fútil e ilusória que se lhes atribui, de suas verdades circunstanciais. Fique você com sua solidão. A mim me bastam o vento que me possui e a lua que me namora. O mais é cego sem esmola.

A Santa contraiu os olhos bem devagar, e profunda dor fez com que jorrassem duas lágrimas robustas rosto abaixo. Os lábios meio trêmulos, a pobrezinha desabafou:

— Me sinto muito infeliz, João. Sou uma mulher que não pode ser amada. De que adianta adorarem minha imagem, se minhas carnes imaculadas negam a minha feminilidade? Uma mulher, João, percebe o mundo através do corpo e seus múltiplos contatos. Como ser mulher se nem podem me tocar? Queria tanto o sabor de uma carícia! Queria tanto o furor de outros lábios! Mas, ao mesmo tempo, gosto de ser assim — inatingível. Etérea. Como gostaria de ser amada! Você, João, é o único que suportaria a fúria dos meus relâmpagos, único a quem meus raios não rachariam a cabeça, único que seria capaz de me amar de verdade, único a quem eu saberia amar.

— Não creio, minha Santa. O amor não é como o sexo, vulgar. Não se diz: Vou amar aquela mulher, e simplesmente o amor brota em nossos corações. O amor é uma imagem, minha Santa. A imagem que fazemos do objeto que amamos. Dizem por aí que o amor é uma reação química; que os neurônios se desgastam depois de certo tempo, conseqüentemente enfraquecendo (e até aniquilando) o amor. Pode ser, minha Santa. Mas a suposta reação precisa de impulsos que a movimentem, ou melhor, que a desencadeiem. Tais impulsos, por sua vez, carecem de elementos que os engendrem. É necessário que, em certas circunstâncias, em dado momento de nossa vida, uma qualidade qualquer do outro fira nossa sensibilidade, chamando nossa atenção para si, penetrando até as raízes dos nossos corpos e pensamentos e sensações.

João respirou fundo, antes de prosseguir:

— Pode ser que as reações eletroquímicas, isto é, que os neurônios se desgastem, alquebrando o amor. Pode ser. Mas antes de tudo, existem as mutações de um amante em face do outro, muitas vezes em prejuízo das imagens que mutuamente formavam um do outro. Há como que um distanciamento entre a imagem e o objeto que a suscitou, ocasionando um enfraquecimento do amor. Logo, minha Santa, não ocorre propriamente um desgaste biológico do amor, mas um desgaste psicológico e mesmo metafísico. Não são as reações químicas desgastando as células que aniquilam o amor. Mas a queda das imagens constituídas em longo prazo, que antes provocavam o desencadeamento das reações. Pense, minha querida Santa, no amor de mãe. As reações químicas desgastariam as células de um cérebro materno, a ponto de fazer com que a

mãe deixe de amar seu filho? Se as células se desgastam, por que tornamos a amar e amar e amar?

Os românticos do século passado de certa forma acertaram no alvo, descontada a moral religiosa que estimulava suas obras. Perceberam que as imagens sofrem um envelhecimento; que os seres inevitavelmente mudam uns em face dos outros; que o amor não pode durar indefinidamente. Por isso, em suas obras, forçavam uma espécie de congelamento do amor, no momento de maior enlevo da imagem que o originou. É isso, minha Santa, o que penso do amor. Essas são as razões pelas quais, a despeito de todas as suas qualidades fabulosas, não posso amá-la. Algo me impede de formar uma imagem amorosa da senhora. Sem imagens, não há reações químicas; sem estas, não há paixões; sem paixões, há só fogo brando, frágil ao menor sopro de vento.

O discurso de João, conquanto bonito, não agradou à Santa Bárbara. Em meio a trovoadas e relâmpagos, com o rosto enfurecido e vestida agora como convinha a uma santa, afastou-se em direção ao mar, perdendo-se rápido no fundo escuro das águas. Um vento gelado sacudiu a paisagem. João estremeceu. Mas se manteve sereno.

Havia, em sua concepção, agido com sensatez, devolvendo à Santa sua mitologia e, mais do que isso, a versão branca dessa mitologia. Naturalmente, ele percebera a luta entre duas versões para um mesmo mito: a primeira branca, de origem católica, à qual ele, por tradição e comodismo, remeteu a Santa; a segunda de origem negra, a qual ele, por algum pudor, rejeitou.

Contudo, João sabia que o dilema da Santa não estava de todo resolvido. Ambas as imagens em torno de um

mesmo mito acabaram por descaracterizá-lo, quer como Santa Bárbara quer como Iansã, resultando numa fusão entre as duas imagens. Evidentemente, só a força da cultura pôde determinar, aqui e ali, no resultado da fusão, a maior ou menor porção do mito negro ou branco.

Da mesma maneira que a entidade, a Santa, coitada, passou a viver um drama que frequentemente a levava a uma angústia quase que mundana: caso assumisse de vez a sensualidade da entidade, corria o risco de perder a santidade, enfraquecendo-se enquanto mito católico. A entidade, por sua vez, sofria do mesmo infortúnio, só que no sentido inverso: se assumisse de vez a santidade da outra, perderia sua sensualidade, enfraquecendo-se enquanto mito africano. Coitada da Santa! Coitada da entidade!

CAPÍTULO XXIV

OS LOUCOS

João Pescador, seguido de perto pela menininha cor-de-rosa, caminhava lentamente pela praia. O vento do norte soprava suavemente nas folhas das árvores. Agitava as penas do pombo. Balançava as roupas nos varais. O sol aos poucos sucumbia no horizonte, imprimindo na água uma vermelhidão difusa. O céu, com pouquíssimas nuvens àquela hora, paulatinamente escurecia. Quase todos os habitantes da ilha já se haviam recolhido. Apenas alguns homens se distraíam no Bar do Juvenal, bebendo cachaça e contando as peripécias do dia. Entre eles, Manoel Manco e Zé do Trabuço.

A praia estaria totalmente deserta, não fosse um vulto que se aproximava, bem devagar, do Pescador e da menina, os braços erguidos e a cabeça voltada para o céu, mais exatamente na direção de uma nuvem que se robustecia e se tornava cada vez mais espessa e escura, a poucos metros de altura e a cerca de um quilômetro da orla. O sol tinha naufragado no horizonte. A noite começava penetrar na carne das coisas, muitas delas eclipsando. Várias espécies de animais diurnos recolhiam-se aos seus abrigos, enquanto outros, de hábitos noturnos, surgiam do escuro como aparições. Ou simplesmente denunciavam sua presença pelos sons e ruídos que emitiam.

Finalmente, os dois amigos reconheceram o vulto: era Antônio do Mangue (também conhecido como Antônio Marisco, Antônio Maluco ou Antônio dos Raios). Morava sozinho numa choupana na outra extremidade da ilha, próxi-

mo a um mangue. Por isso, o primeiro epíteto. O segundo justifica-se pelo fato de ele viver da cata de caranguejos e mariscos. Os outros dois os adquiriu posteriormente, em decorrência da tragédia que se abatera sobre sua família.

Dizem que ele e a esposa, embora vivessem de forma muito simples, sobrevivendo somente do que extraíam do mangue, eram extremamente felizes. Era comum vê-los passeando abraçados pela orla, trocando beijos ardentes, como dois eternos namorados. Pelo menos nos primeiros anos após sua chegada à ilha. Mas essa alegria, tão invejada pelos outros, não duraria muito. A mulher engravidou e, depois de nove meses de uma gestação extremamente complicada, o primeiro filho nasceu. Natimorto.

O casal ficou arrasado. Mas eram muito jovens. Como se diz, o tempo cura todas as feridas. Ou, se não cura, cicatriza. E, se não cicatriza, ao menos impermeabiliza o coração contra as tempestades da vida. Antônio do Mangue acreditava piamente nisso. E fez tudo o que estava ao seu alcance para consolar a sua combalida companheira e a si mesmo. Tentaram várias vezes. O resultado era sempre o mesmo: depois de longos e sofríveis nove meses, mais uma criança não vinha à luz, como se o útero materno, por uma razão obscura, se houvesse convertido num sepulcro. Isso durou até a sexta gravidez. Na sétima, após uma espera angustiosa, finalmente nasceu um menino: grande, lindo e, principalmente, saudável.

No início, Antônio do Mangue pensou em se mudar para a cidade. Seria melhor criar o filho onde houvesse mais recursos. Não suportaria o risco de perdê-lo. Mas a mulher resistiu. A cidade era muito violenta. Depois, o

menino estava cada dia mais formoso, mais forte, mais esperto. Totalmente adaptado àquele ambiente. Mais até que eles. Divertia-se com os caranguejos. Catava mariscos com o pai. Tomava banhos de mar. Subia nas árvores. Arrastava-se no mangue como um crustáceo.

Um dia, o menino estava nadando na praia, quando subitamente arriou um temporal. Devia ter uns sete anos. O pai, que estava ali perto no mangue catando caranguejos, correu desesperado pela orla. Tinha medo de que o garoto se afogasse. Mas ele estava bem. Havia saído da água e, de olhos fechados, pulava alegremente, deliciando-se com as pesadas gotas de chuva que encharcavam seu corpo. Antônio Marisco sorriu tranquilo.

Despreocupado, voltou para casa. Mas, antes de abrir a porta da choupana, o estrondo de um trovão o deteve. Estremeceu. Sabia que, antes do barulho, sempre vinham os relâmpagos e, junto com eles, os raios. Correu de volta à praia. Profundamente arrependido por não ter arrastado o pequeno consigo. Infelizmente, era tarde. O menino tinha sido atingido em cheio por um raio. Antônio do Mangue gritou de dor. Virou o filho de barriga para cima. Fez massagem cardíaca. Fez respiração boca a boca. Mas a vida do menino tinha se esvaído como a água que escorria dos telhados das choupanas. Pegou-o no colo. Desabou na areia. O corpo do menino parcialmente queimado. Os cabelos, chamuscados. Mas ele não reparou em nada disso. Naufragou num desespero maior que a tempestade.

Algum tempo depois do sepultamento, a mulher, martirizada pela perda do filho — e naturalmente culpando e condenando o marido por não ter impedido aquela

desgraça — e passada a inércia inicial, não suportou conviver ao lado de uma pessoa que passara a odiar com todas as forças de sua pobre alma. Partiu para a cidade, sem sequer se despedir do antigo amor de sua vida. Antônio Marisco, que preferiu ficar na ilha, próximo ao sepulcro do menino, junto ao qual cultivava uma roseira em meio ao lodo, nunca mais ouviu falar dela.

Desde então, o pobre homem perambula pela orla, todo maltrapilho e fedorento, gritando para todos se afastarem da praia por causa dos raios, sobretudo em dias de fortes temporais. Isso explica o terceiro e quarto epítetos: Maluco e dos Raios. Mas, fora essas maluquices, ele é bastante inofensivo. Sendo, por essa razão, motivo de zombaria dos outros moradores, cujas memórias, desbotadas pela passagem dos dias, esqueceram-se completamente da infelicidade daquele ser...

Ao chegar a uns vinte metros de João Pescador e de Variata, Antônio Maluco gesticula freneticamente, enquanto berra:

— Fugam! Fugam! Os raios vão cair nas suas cabeças.

Instintivamente, João olha para o céu. Mas não há mais nenhuma nuvem. Só a lua e as estrelas. Sorri. E, para não contrariar o louco, afasta-se rapidamente.

Quando chegam à choupana do Pescador, olham para trás. Mas o infeliz já havia desaparecido. Provavelmente procurando outras pessoas para, salvando-as dos raios, salvar-se a si mesmo e ao filho.

— Será que alguém seria capaz de fazer mal a uma criatura tão sofrida e inofensiva? — pergunta João, imaginando que alguns podem se sentir incomodados com suas atitudes, apesar de sua boa intenção.

Variata, que já estava se afastando, estaca. Olha para trás. Comenta, antes de se perder na escuridão:

— Com certeza, João. A história da humanidade prova que sim.

Enquanto entra em casa, João Pescador reflete nas palavras da menina. Lembra que, na infância, conhecera dois loucos, tão inofensivos quanto Antônio dos Raios: Roberto Carlos e Pedro Bororó. O primeiro, um negro baixo, atarracado e extremamente forte. Com a fala calma e uma mansidão espantosa. Sempre com um sorriso no rosto. O outro, aparentemente mais velho, mulatinho, franzino, cabelo e roupas endurecidos de sujeira, com um linguajar que ninguém entendia. Aquele vivia de pequenos *bicos*, pequenos favores dos moradores da redondeza. Este, de pedir esmolas nos sinais de trânsito. Eram muito conhecidos no bairro. E, com o tempo, se tornaram cada vez mais queridos, como se fossem dois monumentos, duas atrações do lugar.

Roberto Carlos aparecia quase diariamente na casa da mãe de João. Fazia pequenas tarefas para ela. Em troca, ela lhe fornecia um almoço caprichado. E às vezes o café da tarde. Agradecia e, depois de aturar as brincadeiras da criançada, sumia pela rua. Raramente ficava parado. Era, na verdade, um andarilho. Rodava por todas as ruas do bairro. Por isso era tão conhecido. Talvez mais que Pedro Bororó, embora esse também perambulasse pelo bairro, mas somente pelas mesmas ruas. Como se disse, eram dois inofensivos, tão integrados à paisagem do lugar, que seria difícil supor que alguém seria capaz de lhes fazer algum mal.

Entretanto, um dia o menino João resolveu se diver-

tir à custa do pobre negro. Sabendo que, por mais que o prato de comida estivesse transbordando, ele comia com extrema velocidade, num movimento frenético com o garfo, perguntou se ele gostava de pimenta. Mostrou-lhe seis pimentas dedo de moça, graúdas e bem vermelhinhas. Ofereceu-as a ele, que aceitou imediatamente, os olhos arregalados pela gula. Picou-as todas no prato e as devorou, com semente e tudo, numa voracidade espantosa, enquanto João perversamente aguardava as reações dele.

O pobre homem começou a suar; as narinas, fre-mindo como as de um touro furioso, começaram a expelir um líquido gosmento; os olhos ficaram ainda mais arregalados e lacrimejantes; danou a esfregar freneticamente as duas coxas com as palmas das mãos, enquanto tossia e arrotava ao mesmo tempo. Parecia que ia sufocar. Todos caíram na gargalhada, menos a mãe de João. Antes de socorrer o infeliz, distribuiu chineladas em todos quantos seu braço curto e gordo conseguiu alcançar. João, vendo o estado do pobrezinho, sentiu-se tremendamente arrependido e prometeu a si mesmo que jamais tornaria a fazer aquilo com alguém. Para seu alívio, Roberto Carlos continuou a frequentar diariamente a sua casa, sem nenhum sinal de mágoa no coração.

Infelizmente, Pedro Bororó, que durante décadas fora tratado com imenso respeito e carinho por várias gerações, tornou-se mais uma vítima, não de uma brincadeira perversa (mas relativamente ingênua) como a sofrida por Roberto Carlos. Dois jovens viciados em cocaína e embriagados encontraram-no tarde da noite numa rua quase totalmente deserta e o espancaram durante meia hora, massacrando-lhe o rosto e quebrando-lhe

várias costelas, sem que o infeliz esboçasse qualquer reação. Depois, arriaram sua calça e introduziram um pedaço de cabo de vassoura no seu reto. Em seguida, o abandonaram junto ao meio-fio, acreditando que estava morto. Bororó, no entanto, gemeu alto, e milagrosamente tentou se erguer. Foi um erro fatal: o mais jovem dos dois voltou e, sem qualquer piedade, desferiu dois tiros na cabeça dele. Algumas janelas se abriram, e algumas pessoas puderam ver seus vultos perdendo-se no final da rua. A comoção foi geral.

Dizem que dois meses mais tarde os corpos dos prováveis assassinos foram encontrados num terreno baldio, sem as cabeças, e com mais de trinta tiros cada um. Teria sido realmente eles? Não se tem certeza. O certo é que até hoje ninguém sabe os motivos que os conduziram a cometer tamanha atrocidade contra um indivíduo tão pacato, cujo único pecado foi viver durante muito tempo da generosidade alheia. Essas lembranças levaram João a temer sinceramente pela segurança de Antônio do Mangue. E a concordar com Variata.

CAPÍTULO XXV

BREVE PERFIL DE JOÃO

O sol ainda não havia nascido. Mas na amendoeira perto os pardais já entoavam a canção de acordar. Na choupana sonolenta, João Pescador acordou bem de mansinho. Sem pressa nenhuma, enrolou a esteira, depositando-a no mesmo canto de sempre. Pegou a moringa pela garganta e encheu a latinha com a água fresca. Bebeu em goles amenos, degustando compassadamente o líquido incolor.

João suspirou baixo. Passou a mão pela vasta cabeleira, estremeando de prazer. Toda sua vida fora assim: despertava com satisfação e com prazer ia tentando viver cada parcela de vida que lhe fora reservada. Fora jogador de futebol. Amava a bola com sua precisão aérea. Divertia-se muito caprichando em jogadas que para a maioria seria impossível executar. Simplesmente inexecutáveis, para alguns. Mas para ele, que fazia tudo com alma e espontaneidade, não havia nada impossível.

João não era bom somente no futebol. Mas em qualquer esporte que praticasse. Paradoxalmente, tinha muita sorte até nos jogos de azar. Porém, apesar de todas essas qualidades, evitava zombar do adversário. Frustrava-se mesmo diante da incompetência de alguns. Às vezes chegava a se envergonhar por possuir dons que aos outros faltavam. Era como se, na hora da distribuição divina, coubesse a ele uma parcela avantajada, diminuindo, em consequência, a parcela alheia. Sentia-se como um ladrão.

Mas, a bem da verdade, esse complexo de culpa nunca chegou a perturbá-lo realmente. Perante a alegria

das jogadas, frente às emoções da sorte, seu contentamento superava qualquer culpa, e ele se sentia verdadeiramente agradecido por possuir dons que tais. Extraía do seu talento divertimentos inigualáveis.

Todavia, nunca fez dele uma arma, nem jamais se serviu dele para menosprezar outrem. Apenas se divertia. Embora tal divertimento não se encerrasse em si, feito uma larva no casulo. Irradiava-se para além de sua precária fronteira, muitas vezes invadindo fronteiras vizinhas. Inimizades à parte, a inveja, a idiota inveja, mesmo tendo, durante sua trajetória, lhe causado alguns danos materiais e morais, não serviu senão para lhe fortalecer o caráter e a imagem que construíram para ele.

Dessa forma, entre desamores medíocres e sem combustíveis que os mantivessem e amores apaixonados, como uma madeira sempre a arder na fogueira da memória, João foi vivendo. Os que o conheciam de longe estranhavam sua figura, de vez em quando lhe renegando a imagem; contestando-lhe, mesmo sem qualquer base, as convicções por natureza inabaláveis. Os poucos que o conheciam mais de perto — e de alguma forma já haviam provado do calor da sua lareira, ou já tinham estado sob o teto de sua ternura —, esses nutriam por ele verdadeira devoção, considerando-o quase um santo ou, mais exatamente, um sábio.

Não que andasse pelas ruas com barbas longas, vociferando filosofias e anunciando o fim dos tempos. Nada disso. Simplesmente estimulava a sensibilidade da gente para as coisas mais singelas da existência. Sem ser necessariamente um resignado, um discípulo ávido do sistema, dava pequenas lições de vida aos que o circundavam, mui-

to mais através dos gestos e ações, do que com palavras. Talvez viesse disso sua força convincente.

Mas o tempo foi passando, passando. Os amigos ou sucumbiram na vulgaridade da vida ou simplesmente pereceram. Muitos se casaram, outros viajaram. Alguns, de corações mais fortes e raros, preferiram o suicídio — forma máxima de exílio. Em resumo, de um jeito ou de outro, perderam-se no labirinto do destino.

Mesmo ele, João Pescador, não tivera destino muito diferente: abandonou-se à própria solidão. Curiosamente, quanto mais lutou pela liberdade, através da busca da individualidade, mais sozinho foi ficando. No início, quando marchava à frente dos que queriam ser livres, ainda podia ouvir, à sua retaguarda, os passos deles.

No entanto, à medida que foi se aproximando, se aproximando cada vez mais do túnel, mais o rumor dos passos se enfraquecia, mais o alarido dos pés determinados se tornava opaco, até se transformarem num rumor de brisa levantando pó, até se tornarem o pó do silêncio dos acovardados.

Enfim, João entrou no túnel, e o som dos seus pés, multiplicado pela ressonância das paredes e do calçamento, soava para ele como os passos de uma multidão. Sim, porque uma multidão de desolados nada vale frente à solidão, a descomunal solidão de um homem livre.



SEGUNDA PARTE

(REFLEXÕES E DESTRUIÇÕES)

CAPÍTULO I

AS IMAGENS

João se aproximou lentamente da menininha cor-de-rosa. Ela o fitou com suavidade. Percebeu que ele estava meio angustiado, como se estivesse sentindo uma necessidade bastante humana de se comunicar com alguém, de transmitir a esse alguém um segredo, um lamento, uma confissão, ou mesmo qualquer conteúdo, fruto de uma reflexão. Enclausurado na sua solidão, o Pescador não tinha muito com quem dialogar, a não ser consigo mesmo, como vinha fazendo há muito tempo, ou com a garotinha, mais recentemente.

— Quando cheguei neste lugar, fui acometido pela vertigem natural que acomete a todos os que se deparam com novas imagens do mundo, com novas realidades, por assim dizer. Claro que já conhecia o mar, as pedras, as gaivotas, e já me deparara e me deleitara profundamente com variados ocasos.

Mas cada mar tem o jeito feroz ou delicado de fustigar as pedras. Cada pedra tem seu jeito próprio de arrancar música das ondas e do vento. Cada céu colore nas águas um debuxo único e irrepetível. Por isso fiquei chocado.

Não foi com muita facilidade que a velha paisagem ou o mosaico de imagens que habitavam minha alma se deslocou um pouco para o canto da memória, a fim de permitir a penetração suave, porém dolorosa, do corpo estranho. Um corpo com o qual fui aos poucos me familiarizando e o qual foi paulatinamente me preenchendo o ser, de certa forma produzindo nele transformações bastante significativas.

A partir daí compreendi que o mundo se forma das imagens que fazemos dele e que há, dentro de cada indivíduo, a dança alucinada, um combate terrível entre as imagens existentes e as novas. Saber viver é, num sentido, saber acomodar todas essas imagens na alma, a despeito de suas divergências, de seus desacordos, de suas incongruências. Muito do homem, aliás, é formado por essas imagens. Todo seu consciente — posso dizer — está extremamente arraigado dessas imagens díspares, para que não sofra delas nenhuma influência.

Graças a esses jogos das imagens, podemos nos convencer da fluidez, da fugacidade do que comumente chamamos de “real”. A realidade é — num dado momento e num dado espaço — o somatório das imagens perceptíveis pelos nossos sentidos e nossas sensações. O mais é pura ilusão, pura idiotice, ou uma tremenda traça do destino.

A menininha achou exagerado o final do discurso do Pescador. Pensou em fazer-lhe algumas objeções, como já o fizera em outras ocasiões. Dessa vez, contudo, preferiu apenas ouvir os seus devaneios.

CAPÍTULO II

O CHEFE

— É verdade, Variata. Também tive um trabalho e um chefe a quem era subserviente como milhares de outros trabalhadores espalhados por aí. Meu chefe era, por assim dizer, imprevisível, de um humor bastante difícil. Às vezes ria muito, fazia gracejos, contava piadas, era bonachão e infantil. Outras vezes, contudo, era antipático, duro, carrancudo e de um terrível mau humor.

Curiosamente, nós, que fora do trabalho também tínhamos nossos pequenos dramas de existência, deixávamos-nos envolver por essas atmosferas alternantes. Ficávamos felizes o dia inteiro, quando ele estava feliz. Mas, por outro lado, ficávamos imensamente descontentes, se o desespero cotidiano, o ódio contra si mesmo, o mau humor fétido e desprezível o tornava uma fera enjaulada no próprio corpo.

O poder que exercia sobre nossas vidas — *vidinhas*, como ele mesmo de vez em quando chamava — era tão grande, que íamos para o trabalho, cada um a seu modo, pensando em seu humor e como agir em face dele. Na verdade, nossas alegrias e nossas tristezas, todas as nossas satisfações e apreensões eram, por causa desse medo, desse pavor antecipado, um tanto falsas, pois que calcadas na mais completa insegurança diante do imprevisível.

Lembro-me que gostava de promover festinhas, de dar presentinhos para os funcionários, de promover singelas benfeitorias. Lembro-me também que, a despeito do furacão que se apossava de si, costumava perdoar peque-

nas falhas dos funcionários. Dessa maneira, redimia-os e, de certa forma, redimia a si mesmo. Isso talvez pusesse sua consciência tranquila frente ao outro.

Todos, sem exceção, participávamos de uma espécie de jogo da sociedade, de uma representação teatral. Alguns acreditavam piamente nos seus papéis e representavam-no com eficácia bastante convincente. Mas o próprio chefe, hoje eu percebo isso, não era totalmente convicto da sua atuação, nem da verdadeira necessidade de executá-la. Talvez por isso desperdiçasse tanta bÍlis com insignificâncias.

Eu também não cria no meu papel e, em pouco tempo, se tornou fastidioso. Não era homem para me postar diante de um falso deus e curvar-me humildemente aos seus desÍgnios. Mas tenho um bom limite de tolerância. Fingia-me passivo, submisso e obediente. Ria quando o motivo era de riso. Enrijecia como uma cobra, quando a coisa era séria.

Gostava muito de fazer uma brincadeira com ele. Para cada problema administrativo, forjava três prováveis soluções, sabendo, de antemão, qual a mais acertada. Levava a questão para ele e, após colocá-lo a par das possíveis soluções, fingia pedir-lhe auxílio. Ele escolhia a solução e tinha a tola ilusão de que detinha o poder sobre a decisão. Dessa forma, pensava cumprir o seu papel de chefe e eu, o de subordinado. O que ele não conseguia perceber é que eu já tomara a decisão ao escolher, dentre tantas, apenas duas ou três possibilidades.

Isso prova como o jogo do poder é delicado, de modo que nunca se sabe ao certo quem é o dominador e quem o dominado, quem usa e quem é usado. Bem, de

qualquer maneira, uma coisa era certa: se por um lado ele usufruía do privilégio de supostamente comandar destinos alheios, por outro sofria de um grande fardo: aquele que detém o poder acaba por se tornar prisioneiro da imagem que construiu para si. Assim, os subordinados, aparentemente prisioneiros de sua condição, subtraem da sociedade uma permissividade maior para os seus atos, porque à ralé quase tudo se permite, por estar próxima à barbárie.

Como já disse, tentava cumprir o meu papel. Mas nunca fui bom ator. Em meio à representação, em meio àquela verdadeira pantomima, o ser autêntico, individual, terrível, emergia pouco a pouco do fundo de mim e, além de escarnecer, rosnava feroz para toda aquela hedionda estupidez, para aquela mentira deslavada e inútil.

Meu chefe percebia; era um cara perspicaz. O que difere um homem do outro, Variata, não é a inteligência, mas a perspicácia. No fundo, talvez percebesse minhas manobras. Tratava-me, por isso, de maneira diferente, com relativa distinção, ao que eu sorria com desprezo ainda maior do que se me tratasse como a mais um ordinário, mais um reles, entre tantos.

Todavia, numa ocasião em que minha tolerância se esgotou, falei-lhe, com a mesma indiferença de quem toma um café e suspira delicado: Para mim chega! Quer saber de uma coisa: o senhor é péssimo ator e sabe disso melhor do que ninguém. Eu também o sou. E isso, de algum modo, nos iguala. Por isso, embora demonstre uma complacência para comigo, por detrás de toda cortesia e deferência com que me trata, sei que me detesta. Pois eu também o detesto. E a toda essa fantasia e encenação a

que todos os parvos como o senhor chamam de realidade. Não sou um potro que se possa domar tão facilmente. Assim como o dia gasta o perfume das flores, também minha paciência esgotou-se.

Ele ficou aparvalhado, boquiaberto e completamente sem graça, sem reação. Não lhe dei tempo para que se refizesse do duro impacto que as minhas palavras produziram no seu ser. Voltei-me e, sem sequer olhar para trás, abandonei a secretaria. A fúria do meu volteio lançou papéis no chão, levantou a saia da secretária velha e decrepita. Derrubou no solo o retrato do senhor presidente com seu bigodinho da mais tenra e deliciosa mediocridade.

— Concordo com quase tudo o que você me relatou João, com pequenas ressalvas. Em compensação, agora se torna mais claro o motivo que o conduziu a essa ilha, a esse isolamento que você se impôs. A cidade grande tende a embotar nossa visão, a tornar opaca a nossa sensibilidade, a murchar as pétalas sensíveis do nosso ser.

— Perfeito, menina.

CAPÍTULO III

SER E APARÊNCIA

João Pescador estava preparando o almoço, quando o vento do norte invadiu a choupana, sacudindo-lhe com força a velha porta. Ele sorriu feliz. Sabia que, junto com o vento salgado, vinha sempre a menininha cor-de-rosa. Esse diminuto ente que, sem pedir licença ou permissão, passara a fazer parte de sua vida de uma forma tão poderosa, que, se ela o abandonasse, certamente sua existência soçobraria. Essa ideia lhe causava certo pavor. Mas, ao mesmo tempo, tranquilizava-o. Intuíva que ela só o deixaria, quando ele não precisasse mais dela. O que, aparentemente, não estava tão longe de ocorrer. Pelo menos, era essa a sua suspeita.

Perdido nessas divagações, ele mexia calmamente a panela. Ao terminar de preparar a refeição, sentou-se. Olhou nos olhos dela, que serenamente o fitava, e voltou a sorrir, contente. Aquela era uma forma velada de manifestar seu afeto por ela e, mais que isso, seu agradecimento por ela existir e vir preenchendo, nos últimos tempos, sua vida com uma alegria, com um contentamento indescritível. Ela também sorriu, olhando-o diretamente nos olhos.

Ficaram assim, nessa espécie de transe, de meiga sublimação, durante vários minutos. Certamente com receio de romper aquele encantamento; de quebrar, com qualquer gesto fútil ou palavra vazia, os elos daquela sólida cadeia, daquela poderosa relação. Era como se, nesses momentos da mais perfeita simbiose, sujeito e objeto se

fundissem de tal modo, que simplesmente apagavam tudo ao redor, reduzindo o mundo a sua volta a uma fina névoa de ausência. Passado o transe, João discursou:

— Durante muito, muito tempo, Variata, abominei a hipocrisia humana. Todo gesto que se furtasse ao autêntico me causava enjoo. Agora, porém, fico olhando o vento e penso: por mais autêntico, por mais honesto, por mais contido seja um homem, metade de sua vida sempre há de ser representação, metade dela há de ser supérflua.

Tantas e tantas vezes me políciei, vigiando o menor gesto em falso. Eu queria ser autêntico. Não pude. O máximo que consegui foi criar outra forma de representação. Olhava no contraespelho da realidade, mas a minha contraimagem não me convencia. Eu era um fingido.

Variata sorriu misteriosamente. Apontou a linha do horizonte e murmurou:

— O querer ser já é um afastamento do ser.

CAPÍTULO IV

A FRIA LÂMPADA DO VAGALUME

Recostado no tronco da amendoeira, João alimentava o pombinho. Claro que ele já podia se alimentar sozinho. Mas essa era apenas uma maneira carinhosa de se relacionarem, de manifestarem o seu amor, um pelo outro. Enquanto o alimentava, João refletia. O vento morno do fim da tarde aquecendo suavemente sua pele envelhecida:

“Nossa vida é diminuta. Infinitamente pequena. E temos tantas vidas pra viver! Mas de todas só nos resta uma, umazinha só. E esta se biparte em duas faces. Mesmo o pouco que nos resta é mal vivido. Fico olhando o mar imenso. Reparo nas ondas castigando as pedras. O mar há séculos é o mesmo. As pedras é que se modificam. Entretanto não mudam. Mudam suas formas. Contudo, sempre direi delas: são pedras.”

“Fico triste quando penso nisso, porque me sinto como as pedras. Na verdade, gostaria de ser o mar: grande, indefinido, dinâmico. Queria ser capaz de mudar as feições das coisas. Talvez assim não me desintegrasse paulatinamente como as pedras. Ergueria para o céu o meu olhar sem fim, sabendo que a última estrela da galáxia mais distante brilha somente porque eu existo.”

Como se a menina tivesse a capacidade de penetrar nos seus pensamentos, João dirigiu-se a ela:

— O que fazer, Variata, para multiplicar em muitas faces o que de vida em face resta?

— Repara na música do vento, João: não lhe pa-

rece a mesma desde Adão? Com efeito, as notas forjadas no metal dos séculos parecem sempiternamente repetir a mesma cantiga. Todavia, todos os dias o mar modifica o dorso das pedras. O vento sempre inventa uma nova canção. Agora repara no fogo, João, com suas labaredas amarelas e azuis. A brasa de um cigarro acesa na escuridão queima tanto quanto estas labaredas, porém com menor intensidade. Mas o princípio de combustão é o mesmo. Algumas lagartas, mesmo sem brasa ou labaredas, também queimam. Já a lâmpada fria do vagalume não oferece nenhum perigo.

Assim, João, vocês.

CAPÍTULO V

CAMPO DE BATALHA

— Como tenho pena, Variata, do soldado crivado de balas em terra estrangeira. Por mais condecorações que se lhe concedam, nada vai restaurar os escombros de sua vida. Para o Estado, naturalmente, ele é somente um número na memória dos arquivos, um número a mais. Contudo ele, com sua carne dilacerada e seu sangue tornado cinza, constrói a bandeira com que seu país marchará glorioso a cantar uma vitória impassível e desumana.

Sabe, Variata, vale menos um homem que uma instituição. Nossa vida, rica em pormenores, torna-se pobre ante a fome dos tiranos. Para o Estado, as potencialidades multiplicam-se como bactérias. Mas para o soldado morto no campo de batalha o eixo das possibilidades fecha-se como um leque no inverno e, à força de muitos balaços, fragmenta-se, interrompendo o seu ciclo e a sua dinâmica.

A menininha cor-de-rosa assentiu com a cabeça. O vento do norte a soprar-lhe nos cabelos. Subitamente, desmanchou o castelo que iniciara na areia e correu até as pedras. Ela — os cabelos encaracolados brilhando ao sol — se distraiu com o casal de botos que fazia gracinhas junto do ancoradouro. João não se aproximou. Com a convivência, aprendeu a respeitar as esquisitices da menina e a jamais indagar sobre os súbitos desaparecimentos dela. Depois de algum tempo, ela voltou.

— De acordo, João. Mas este ao menos teve uma utilidade. Quer dizer, sua morte não foi totalmente inútil, já que serviu para fortalecer o Estado. Você já pensou no destino ingrato dos soldados de um Estado derrotado? Suas mortes são duplamente inúteis. Primeiro por servirem aos impulsos inescrupulosos do Estado. Segundo por malograrem enquanto impulsos.

CAPÍTULO VI

ESPERANÇA

— Os outros pescadores saem de casa com os corações cheios de esperanças. Esperam que faça bom tempo. Esperam ter boa pescaria. Esperam voltar sãos e salvos para casa à tardinha. Se suas esperanças falham, voltam frustrados do mar. Entram amuados em casa e não percebem que no filho mais novo o primeiro dentinho brilha como um caroço de arroz, nem percebem que a filha mais velha manchou o lençol na vermelha confirmação de sua fertilidade.

Quando eu saio de casa de manhãzinha, meu coração não sofre com o peso de nenhuma expectativa. Absorvo, com enorme prazer, o sol em minha pele desgastada. Mesmo que a claridade intensa sobre a água machuque minhas retinas, gozo o sol como quem goza um amor. Fechando suavemente as pálpebras, deito na areia. Então a paisagem é toda ela cor de abóbora. A sensação de calor provoca-me arrepios maravilhosos. Abandono-me na areia. E no mundo há apenas o rumor das ondas nas pedras e do vento nos meus cabelos soltos. Mas se o dia é de chuva, sorvo em pequenos goles canecadas e mais canecadas dessa dádiva do tempo.

O dia não se faz de nossas esperanças. O dia será o que tem de ser independente de nossa vontade. Mas os outros pescadores não sabem disso. E passam mais da metade de suas vidas cultivando esperanças em geral fadadas ao malogro. Esperar é — de certa forma — deixar de ser; deixar de perceber tudo ao redor, no momento que

esse ao redor inunda toda a nossa vida com sua incontável presença. Perder isso é naufragar na inconsciência do mundo e amputar os membros do tempo vivido.

— Acho que você em parte tem razão. Mas também acho que você só considerou os aspectos negativos da esperança. É claro que uma esperança fracassada fatalmente conduz a uma decepção. Claro também me parece que a esperança, quando brota no coração de indivíduos ociosos, não passa de uma chama medrosa que resulta numa resignação, tornando-se incapaz, portanto, de engendrar qualquer revolução. É claro ainda que, se você nada espera, supostamente obtém lucro em todo ganho, por mais insignificante este seja.

Acontece, João, que a esperança é como lenha na fogueira da coragem, sendo capaz de, em alguns momentos, impelir até mesmo seres aparentemente fracos a uma luta sem trégua contra os piores inimigos. Além do mais, existem esperanças sustentadas por ações. Eis o que se pode chamar um *anacronismo* da esperança.

Por exemplo, João, os pescadores que você mesmo mencionou. Eles têm esperanças de fazer uma boa pescaria, mas não ficam esperando que chovam peixes do céu. Saem ao mar para pescar. Então suas esperanças são concretizadas em suas vontades. Logo, João, a esperança também é válida, desde que corroborada por uma vontade, desde que fortificada por uma ação. Em suma, só é validade se *anacrônica*.

CAPÍTULO VII

OBJETOS

Olho para aquele barco boiando à beira-vento. Percebo suas qualidades básicas, qualidades que me saltam aos olhos instantaneamente e que ninguém, aqui ou alhures, pode contestar. Diria que essas qualidades — cor, forma, tamanho, função — soam para mim como verdades fundamentais, essenciais e insubornáveis. Incontestáveis verdades. Aqui ou alhures.

Entretanto, se digo do barco “é belo!”, estou apenas revelando uma verdade circunstancial, pois estruturada num conceito exterior ao barco, a ele não inerente. Uma qualidade que atribuo a ele em troca do prazer que me provoca seu doce balanço na água salgada, o rangido da madeira e a música dos pregos.

Essa existência que transcende o próprio objeto, que vai além da aparência real do barco, é deveras duvidosa, por se tratar de uma verdade momentânea que nenhum sustentáculo encontra, na perpetuidade de si mesma. Outras pessoas, em face do barco, do mesmo barco boiando à beira-vento, a despeito de suas qualidades inalteráveis e indiscutíveis, salvaguardadas as diferenças idiomáticas de cada povo, podem não desfrutar do mesmo prazer que senti ao contemplá-lo, e não considerá-lo belo.

Eu mesmo não estou seguro de afirmar a beleza do barco a cada segundo de minha existência. Tudo o que existe chega até mim através de imagens. Logo todo objeto só existe na medida em que sua imagem absoluta possa ser apreendida por outrem. Meus sentidos é que

percebem as imagens de tudo quanto existe. Mas os objetos inanimados nada sabem das imagens que suscitam, não têm uma consciência de suas qualidades. Ainda que tenham qualquer utilidade, apenas existem.

Destarte, a espiga de milho nada sabe do ouro que ostenta; a roseira desconhece a beleza da corola; o mineral não tem noção dos elementos que o constituem. Não possuem existência intencional. A intencionalidade está em mim, que percebo suas imagens... É uma potencialidade dos objetos suscitar em mim imagens para além das primárias, ou faz parte da minha consciência multiplicar aleatoriamente as imagens de um objeto, algumas vezes exagerando-as?

Bem, de qualquer forma, considerarei até aqui o ser consciente em face do ser não consciente e algumas de suas prováveis relações. O que dizer, então, de um homem em face de outro homem? Dois objetos cujas consciências sabem de sua realidade objectual, mas conhecem de longe as variações naturais do ser e as que simplesmente podem ser provocadas. Como olhar para outro homem percebendo-lhe as qualidades mais imediatas, mais primárias, e as que eu atribuo a ele e ele se atribui a si? Como posso me colocar diante do outro, sabendo da minha inclinação natural ao simulacro, da negação mesma de mim ao atribuir-me imagens que me afastam do objeto primeiro que sou?

Oh, meu Deus! As imagens que formam de mim nem sempre dependem de minha vontade. Como, então, ser original? De que jeito atravessar o exército das imagens virtuais que se me oferecem com uma sensualidade mundana, para chegar ao cerne dos elementos? Como construir a ponte entre o sujeito e o objeto?

Eu disse, eu disse à Santa Bárbara que também o amor é uma imagem. Nem sei se ela compreendeu. Estava imersa demais nos próprios problemas. Mas o amor certamente é uma imagem. Há tempos tento me convencer disso. Duas pessoas se encontram cada uma com uma variedade muito rica de imagens que se interpenetram, se glorificam e se contestam. Os sentidos de ambas surpreendem no ar o bailado das imagens. Um sentimento lentamente se forma em seus corações. Ela adora nele o sorriso, a inteligência, a desenvoltura existencial, os cabelos loiros e os olhos esverdeados. Ele ama sua cabeleira ruiva, sua cintura de lua, seu quadril de estrela, e a clari-vidência com que encara a vida. Ambos se amam? Amam as imagens que construíram um do outro.

Todavia isso não nega o amor. As imagens não nasceram do nada: precisaram de um objeto que as engendrasse. As imagens circunstanciais não são imutáveis: variam constantemente. Portanto, é preciso que os amantes, arrefecida a paixão inicial que os uniu, acompanhem decididamente essas variações das imagens para que o outro não se torne irreconhecível; para que o conjunto das imagens não forme um todo cujas partes não se reconciliem entre si. Enfim, é preciso que haja uma perene resignação às novas imagens para a perpetuidade do amor.

Algo mais me chama a atenção: além das imagens reais e das virtuais, há ainda uma terceira forma de imagem que me remete para além, para muito além das qualidades primárias e secundárias de um objeto. Por exemplo, o barco boiando à beira-vento é o meu berço me embalando noutros tempos, é o gosto azedo

da fruta me travando os dentes, é o meu passado em-
balsamado no vento.

Além daquelas características, portanto, as ima-
gens ainda têm a propriedade sublime de me revelar a
música das coisas, sua substância secreta, sua poesia ab-
soluta e incorrigível. Têm a propriedade extraordinária
de unir minha essência à essência das coisas, de locu-
pletar-me a alma, transformando-me nas coisas, sem,
contudo, aniquilar minha identidade, minha consciência
mantendo inalterada.

Essa terceira característica da imagem, facilmente
percebida pelos artistas e por raras sensibilidades, enri-
quece os corações, dando um sentido melhor à existên-
cia absurda... Ai dos que só percebem do mundo o que
é em si mesmo, desconhecendo, sequer, o nível secun-
dário das imagens!

CAPÍTULO VIII

CARTA À NAMORADA MORTA

João amanheceu muito, muito triste. Dali a poucos meses completaria setenta anos. Mas esse sentimento de tristeza não provinha do medo da morte ou da velhice. Encarava ambas com perfeita tranquilidade. Então, por que sentia tanta tristeza se o dia amanhecera maravilhosamente azul? É que, bem lá no fundinho do seu coração, uma antiga perda corroía o seu espírito. Ou melhor, duas: a sua própria infância, que se perdera na vastidão do tempo, e sua primeira namorada, que morrera de meningite, aos quatorze anos. Duas perdas simplesmente irreparáveis.

João levantou-se. Antes de preparar o café, pegou um pedaço de papel e um cotoco de lápis. Sentou na única banquetta da choupana. Fincou os cotovelos sobre a mesa tosca e, saboreando docemente aquela tristeza que, afinal, não era tão ruim assim, começou a rascunhar uma espécie de bilhete ou de carta, talvez para a suposta namorada morta, talvez para si mesmo.

“Mais um ano se passou em minha vida, mais uma vez levei um grande susto com uma data redonda (não sei que metafísica elas encerram que me causa tanta estupefação). Quando fiz dez anos, mesmo sem ter a consciência que hoje tenho, senti essa espécie de medo, essa inquietação perante uma nova década, essa incerteza diante do que pode acontecer.”

“É como se, a cada decênio, uma etapa diferente de minha vida se iniciasse; como se, a partir dessa noção de

tempo fluido, minha vida projetasse para si uma transformação silenciosa, subterrânea, que não corresponde exatamente à transformação do ao redor. É em mim que essas mudanças ocorrem. É em mim que se processam, sendo por mim igualmente processadas.”

“Por quê? Por que o avançar do tempo me põe frente a um poço escuro, cujo fundo paulatinamente se alonga? Talvez a chave deste mistério esteja justamente aí: o avançar do tempo me afasta cada vez mais do menino-deus que um dia fui. O menino que amava o ribombar dos trovões e o clarão dos relâmpagos. O menino que adorava ouvir os cascos do cavalo-tempestade galopando nos telhados. O menino que ainda se deslumbrava diante de uma mulher nua. O menino extemporâneo que desconhecia a matéria e a finitude de tudo.”

“O tempo era um oceano no qual o menino largamente navegava. Não havia portos, não havia objetivos, nem havia pontes. Só havia pastos e postos naquele tempo. Naquele tempo as pernas andavam sem pensar. E como iam longe... Física quântica? Engenharia genética? Eletroquímica? Não existiam no mundo de sonho onde o menino-barco lançava suas âncoras.”

“Mas existiam plantas e pedras para além das pedras e plantas. Oh, o tempo escorria das paredes como chuva! E nas poças d’água do tempo minha imagem não mudava...”

João, depois desse pequeno exercício, dobrou cuidadosamente o papel. Pensou em guardá-lo no bolso da velha calça ou mesmo dentro do armário. Mas não fez nada disso. Levantou-se apressado e, apressadamente, dirigiu-se ao ancoradouro. Entrou no seu barco. Avançou mar

adentro. Quando chegou a uma relativa distância da orla, atirou o bilhetinho ao mar. O papel ficou boiando durante alguns minutos. Aí, os dois botos surgiram na superfície da água, exibindo seus dorsos rosados, que rebrilhavam sob o sol. Saltando um do lado do outro, arrastaram consigo, para o fundo escuro das águas, as tristes lembranças e considerações do Pescador.

CAPÍTULO IX

AMORES FORTUITOS

— Houve um tempo em que apreciei muito as mulheres mais que qualquer coisa no mundo. Matava e morria por elas. Cheguei mesmo ao despropósito de conviver com uma delas durante algum tempo. Mas nos desentendíamos com relativa facilidade e pelos motivos mais banais.

Certa ocasião, por exemplo, pensando em agradá-la, comprei-lhe um rocambole retangular e aparentemente delicioso. Para certificar-me de que a agradaria, provei uma fatia do doce. Mandeí o restante por um enviado para a casa dela. Antes, ofereci a ele uma fatia como recompensa e também para que, mediante o seu agrado, obtivesse a confirmação da minha boa escolha.

Todavia, o mau-caráter comeu quase todo o rocambole no meio do caminho, deixando para ela uma fatia pequenina e frágil. Quando uma hora depois cheguei à casa dela para levá-la ao cinema, deparei com uma criatura furiosa e mais estapafúrdia que uma galinha-choca. Acusou-me de egoísta e mal-agradecido. Atirou-me a fatia restante em plena cara e mandou que sumisse de sua vida.

Veja você, Variata, como é difícil fazer o bem. Às vezes, o tiro sai pela culatra. O bem e o mal são muito relativos, menina. E, não raro, estes dois extremos se encerram numa mesma ação. Talvez venha disso a total incapacidade que tenho de relacionar-me com elas, as mulheres, e com os homens de uma maneira geral. Daí também caracterizar a minha solidão não como uma condenação fortuita, mas como uma opção sóbria e consciente.

Entretanto, meu grande defeito naquela ocasião foi precisamente o querer agradecer. Agisse com naturalidade, deixando os acontecimentos caírem como caem as folhas, e nada disso teria acontecido.

— Você fala como se fosse capaz de prever, João, todas as reações de uma pessoa e, dessa maneira, comandar o seu destino. Quando isso não ocorre, você fica frustrado e parece, equivocadamente, atribuir-se o peso de uma condenação. Você não é o centro do universo. A vida das pessoas não funciona só dentro do previsto. O que há de mais belo na vida de qualquer pessoa, João, é sua cota de imprevisão, de possibilidades recônditas e sorradeiras. O mais é pura repetição, necessária, aliás, para o perfeito funcionamento do mundo.

CAPÍTULO X

DESEJO MALIGNO

— Vejo os passarinhos. Digo deles: “são pássaros”. Mas cada um, as rolinhas e os pardais, têm diferenças singulares. Os pardais andam aos saltos, movendo inquietamente a cabecinha para os lados. As rolinhas andam passo a passo, como se estivessem de salto alto. Quando andam, suas cabecinhas mecanicamente se movem para frente e para trás, como se bicassem no ar mi-galhas invisíveis.

Os pardais são desajeitados, estabanados, voam rápido. Aterrissam doidamente e gostam de se esponjar na areia. Os bicos são grossos, para facilitar a caça aos insetos e a quebra das sementes. As penas são espessas, rajadas, de cerdas um tanto desordenadas como um *hippie*.

As rolinhas voam reto, com elegância. Aterrissam suavemente, e seus pezinhos delicados deixam traços va-garosos na areia. Os bicos, mais compridos que os dos pardais, são finos e escuros. Servem para recolher pequenos grãos dispostos pelo chão. São mais femininas. Mesmo os machos esnobam uma elegância fina, encorpada por atitudes bastante comedidas.

Definitivamente, não são animais de guerra. Parece mesmo impossível que alguém, por pior que seja, possa fazer mal a um bichinho tão meigo, tão ingênuo e encantador. Dá vontade de acariciar as penas macias, de cerdas finas, finíssimas e compactas. Os pardais, contudo, esses pequenos vagabundos urbanos, são igualmente adoráveis, ingênuos e encantadores. Apesar de um tanto espalhafa-

tosos. São belos, como de resto é belo tudo que é simples e natural, tudo que canta aos nossos sentidos como uma música clara e perfeita.

— Não obstante, João, a queda de uma rolinha alvejada propiciou-lhe muitos prazeres em sua adolescência. E você nem sequer comia o bichinho. Que estranho prazer era esse, João, o de ver o sangue jorrando inutilmente de um corpo abandonado?

— Pois é. Eu era inocentemente compelido ao crime. Sabia que estava errado. Mas uma força imperiosa, superior à minha consciência, atraía-me para o mal. Tanto que, após a alegria do tiro certo, um arrependimento profundo irrompia peito adentro, inundando-me de uma tristeza ancestral e longínqua. Quando recolhia do chão o animal ferido e percebia a dor na pupila acesa, era como se um espinho se cravasse na palma de minha mão. Meu coração era uma noz quebrada. E minha voz uma canção sem cor. De algum modo, também eu morria com o bicho.

— No entanto, João, foi preciso que muito sangue sujasse suas mãos, para que em sua alma o bem sobrepujasse o mal; para que a consciência vencesse o secreto desejo de testar sua pontaria num objeto vivo.

— Me perdoa. A verdade é que a maioria de nós traz em si a semente do mal, oculta no peito, ruminando silêncio, prestes a explodir em temporal. O tempo flui nas folhas das árvores. O pássaro no fio não sente o bafejo da chuva, nem o infinito fluir a perpassar suas penas, carícia imortal. Tudo sobrenada no redemoinho do tempo, retornando ao nada inicial. Ao momento em que Deus sentia-se sozinho e nem a presença dos anjos aplacava sua ânsia de cristal.

— Por esse motivo se diz, João, que o homem é naturalmente mal e artificialmente bom. Mas eu não estou bem certa disso. Acho maniqueísmo demais para definir um ser tão complexo. Apesar disso, me parece que há duas espécies de homens: os que querem gozar a vida sem senti-la; os que a querem sentir sem gozá-la. Segundo penso, a vivência das emoções, suscitadas por qualquer modalidade de arte, e o sabor de uma onda salgada, *bebida* em pleno verão, equivalem-se. O fundamental é não tornarmos estas singelas sensações excludentes entre si. O homem é um universo capaz de equacionar polos contrários.

CAPÍTULO XI

MORTE UTILITÁRIA

— Se tivesse morrido aos cinco anos de idade, provavelmente me enterrariam num caixãozinho branco com flores rosa por cima e muito provavelmente a terra lamentaria a morte de mais um anjinho. Se morresse aos dez anos, já não seria o mesmo que morreu aos cinco. Assim como não seria o mesmo que morreria aos cinquenta. Embora o que sou no presente não signifique exatamente o aniquilamento do que fora no passado. É que às vezes tenho a ilusão de que um homem morto aos oitenta contribuiu mais para o mundo — mesmo que negativamente — do que se tivesse morrido aos cinco.

O que na verdade pressinto, no jogo da morte, é que Deus deu, a cada criatura, um tempo certo de vida, para que o conhecimento e desenvolvimento do mundo se dessem parte a parte, milimetricamente, o que impede o colapso da súbita evolução. Talvez um dia um homem de um futuro qualquer galgue o último degrau da escadaria e o embate entre a matéria e a imaterialidade resulte no fim dos tempos.

Variata, ouvindo o relato algo afobado de João, brincava com os cabelos. Quando João terminou as últimas frases e o som dos fonemas ainda vibrava no ar, ela, olhando para o mar, comentou:

— Acho que você em parte está certo, João. Mas acho também que você esqueceu o fundamental: já reparou que somos os únicos animais a possuir uma consciência da morte? Por quê? Todo homem, mais dia menos

dia, toma conhecimento dessa verdade irresoluta: estamos condenados à morte. Só que ninguém, salvo os condenados à morte por uma lei terrena, sabe ao certo quando nem como vai morrer.

Todos nós temos o nosso próprio tempo e dentro de cada indivíduo os carrosséis das possibilidades giram, atendendo a múltiplas peculiaridades. Alguns, os tolos, os mais débeis, tomam esse privilégio como um fardo extremamente pesado, como uma doença miseravelmente irremediável, e permitem que as oportunidades espoquem diante de seus narizes como bolhas de sabão. Passam a vida a maldizer a criação, são incapazes de semear amor, ternura e fraternidade. Outros, João, como você e eu, compreendemos a sabedoria divina e dela nos esforçamos por subtrair os ingredientes essenciais para uma existência sadia.

Por que, João, somos os únicos que sabemos que vamos morrer um dia? Para que sabermos isso? Não creio que seja à toa. Sabemos isso para nos vincularmos a uma religião qualquer e para garantir nossa entrada num suposto paraíso? Claro que não. Sabemos essa verdade para vivermos melhor uns com os outros. Por isso, João, em posse dessa verdade, só nos resta amar cada vez mais tudo que existe, das menores coisas às maiores, jamais duvidando da importância do que quer que seja. Sabemos essa verdade para, afinal, utilizar o máximo do nosso carrossel de possibilidades e assim saber que nossa existência sobre a terra não foi inútil.

Se todas as pessoas se dessem conta disso, procurariam uma convivência mais harmônica. Os pais amariam mais seus filhos, os namorados trocariam mais carícias, as

crianças brincariam mais; todos, sem exceção, tentariam desvendar em cada centímetro do corpo do outro o quanto há nele de ternura e primavera, de sensibilidade e canção. Talvez aí, quando um ente querido faltasse, não nos doesse tanto a sua perda, porque teríamos usufruído ao máximo, ao esgotamento, as delícias de sua companhia.

Mas o que faz a maioria das pessoas, João, é justamente o contrário. Sabendo quão efêmera é a vida, procura tirar dela prazeres superficiais, igualmente efêmeros, não raro descendo ao nível da vulgaridade. Como os indivíduos se isolam dentro do seu egoísmo, de sua mesquinha vaidade! Na iminência da morte, o que lhes sobra? A terrível sensação de se ter desperdiçado tempo e uma sede destruidora de eternidade e mais eternidade.

Por falar nisso, João, eis a grande burrice dos homens. De nada vale a tal eternidade. Ela e o paraíso não passam de uma ilusão precária e pobre. O que verdadeiramente tem valor, porque seguramente palpável, é nossa vida, João. É a vida de qualquer um. O mais é puro complemento de almas frustradas. É mero anseio de membros amputados e de árvores decapitadas.

Dizem que filosofar é aprender a morrer. Que devemos pensar o tempo todo na morte. Aparentemente, isso soa um tanto sombrio. Mas o que isso quer dizer é: pensando na morte, eu me preparo melhor para a vida, isto é, eu procuro viver mais intensamente e de uma forma mais generosa e atenciosa com quem está à minha volta. Em outras palavras: não adianta lamentar as nossas perdas, quando nada mais podemos fazer pelo outro. A plena consciência da morte, João, nos confere, concomitantemente, a plena consciência da vida. Portanto, se eu tenho

a plena consciência que um ente querido pode morrer a qualquer momento, a tendência é que eu valorize a cada instante a sua presença.

— Todos os dias eu me dou de presente um pôr de sol inédito. Todos os dias há um bater diferente de água nas pedras. Todos os dias as gaivotas criam rotas com suas asas e abastecem sua fome com peixes diferentes. No mar, como na terra e no ar, as imagens de toda a natureza se renovam a cada instante.

Como me sentir, pois, velho, se a cada segundo presença uma novidade no mundo? Morrer é exatamente isso: ficar cego perante a sucessão das cores, ficar surdo frente às mutações do som, tornar-se insensível ao sopro de todas as aragens e ao vigor de todos os aromas. Morrer é, em suma, ter os sentidos embotados.

CAPÍTULO XII

VELAMES DESTROÇADOS

— João, imagina um centro urbano bastante movimentado. Carros, buzinas, luminosos, freadas, guinchos, gritos, algaravia, estrondos. Num dos prédios mais altos, suponha uma escada no topo, pela qual um homem calmamente sobe. Este episódio, considerado sob esse aspecto, não tem qualquer ênfase, não merece qualquer apreciação mais delicada. Sabemos que o homem existe, pelo menos em nossa imaginação.

Mas sabemos, sobretudo, que para milhares de homenzinhos movimentando-se lá embaixo há uma proibição velada de se olhar para o céu. Então, a existência do nosso homem acaba de ser diminuída, fragmentária e precária que é, dada a relatividade de sua autonomia, frente aos homens distraídos, concentrados demais nos seus pequenos afazeres.

Preocupados, no centro urbano, em não serem atropelados pelos automóveis ou por outros transeuntes; em não serem mordidos por cães vadios; em não serem confundidos com algum mau elemento ou serem tragados pelo furor de velhas fãs. Concentrados demais nos próprios pensamentos, para notarem que, num céu de outono, o sol brilha infantil em meio a nuvens roxas e rosadas que o inibem e exaltam a um só tempo...

Voltemos ao nosso homem, João. Imagina-o, tal e qual na origem deste discurso, só que projetado numa tela de cinema. Focaliza o centro da cidade. Desloca a câmera para o alto do edifício. Detenha por alguns segun-

dos nas costas do nosso homem, até que ele termine de subir a escada e se perca no retângulo obscuro de uma janela entreaberta.

Pronto, João! Conferimos à sua imagem uma autonomia tal, que passa a transcender a própria existência (antes tão precária) daquele indivíduo. Pouco foi preciso para tanto. Apenas limitamos sua existência ao tempo-espaço da tela e a expusemos a uma dúzia de espectadores. Estes, em seu mórbido afã de aventuras e desfechos, encarregaram-se do resto.

Entretanto, quem pode garantir que o homem da escada realmente existiu? Quem pode provar que não fora apenas o vulto de uma mulher projetada pela luz do sol poente? Seria preciso rebobinar a fita durante algum tempo. Enquanto nas cadeiras os juízes do existente-não existente fumam cigarros apagados. Mas, rebobinada a fita, não há homem subindo escada, não há escada. Há somente um espelho enorme, onde as caras abobalhadas dos espectadores refletem — cada qual ao seu modo — uma expectativa diferente. E, por último, fracassada...

Aonde eu quero chegar com tudo isso? Ora, à precariedade de nossa existência, à relatividade de tudo quanto há no mundo. Mas não só a isso: quero chegar, principalmente, à certeza de que há uma estrutura perversa, tentando nos fazer olhar numa linha reta, à altura do nosso rosto. Há uma sedutora inclinação à normalidade, que nos impede de admirar o alto voo do condor. O que essa estrutura pretende é podar os nossos sonhos; é conduzir-nos na vida como se fôssemos gado marchando para a morte inadiável. Eis tudo, João.

João coçou a cabeça. Ficou, durante um tempo de-

masiadamente longo, pensativo, o vento do norte acariciando seu rosto envelhecido. Pegou o pombinho no colo. Acariciou a cabecinha da ave. O bicho pareceu sorrir — feliz. Fitando demoradamente o horizonte, apontou para o píer, e disse:

— Todos os dias, à hora em que o sol depõe sua coroa de bronze aos pés de Plutão, sentado à beira do cais, eu me ponho a olhar devagarzinho o passeio dos navios em outros tempos naufragados. Todas as proas me convidam para o longe. Todas as bandeiras me contam de ilhas que não existem senão em sonhos. E as quilhas quebradas, e os velames destroçados, e as sereias que jazem mortas no fundo do convés é toda a minha vida inanimada, submissa da rotina e subalterna do tempo sem revés.

CAPÍTULO XIII

A MORTE DO POMBO

João Pescador tinha dormido muito mal na noite anterior. Quando, por força do hábito, acordou de manhãzinha, ainda se sentia muito sonolento e exageradamente cansado. Como se tivesse trabalhado pesado a noite toda. Demorou um longo tempo deitado, antes de se decidir a levantar e, como fazia todas as manhãs, preparar o seu café, enquanto conversava com seu amiguinho pombo.

João não sabia exatamente por quê, mas um sentimento ruim anuviava seu semblante. Com muito esforço, levantou-se, arrumou a cama com grande dificuldade, lavou o rosto, acendeu o fogo e pôs a água numa vasilha para ferver. Notou que não ventava. Embora a janela e a porta da choupana estivessem abertas, o ar estava estranhamente parado, asfíxiante.

Pensou na menininha cor-de-rosa. Onde estaria àquela hora? Gostaria que ela se materializasse subitamente diante dele, como sempre fazia. Talvez a presença dela mitigasse em seu espírito aquela sensação esquisita. Mas de antemão sabia que ela não apareceria. O vento do norte estava recolhido à sua toca. Foi então que se deu conta da ausência do pombo.

Instintivamente, João associou a ausência do seu amiguinho àquela sensação incômoda, que o atormentava desde que tinha despertado. Todos os dias o pombo, religiosamente, esperava ele acordar para, após o café, saírem juntos perambulando pela praia. Ora pousado no ombro direito ou esquerdo do velho pescador, ora voando

baixo, a curta distância dele. Se bem que, após esse ritual, o pombo costumasse voar pela ilha, enquanto João distraía-se nos seus pequenos afazeres.

João resolveu, mesmo antes de a água estar no ponto, procurar pelo amigo nas redondezas. Saiu preocupado da choupana. Rodou a vizinhança toda, sem notícias da pequena ave. Perguntou por ele a alguns pescadores e a algumas crianças. Ninguém o tinha visto. Visivelmente cansado, ele retornou à choupana, para tomar café e depois retomar as buscas. Antes de entrar nela, o vento do norte soprou forte, fazendo João estremecer da cabeça aos pés.

Mesmo sem se voltar, sabia que Variata estava atrás dele. A menininha, que sempre lhe trouxera alento, dessa vez surgia como um mau presságio. A voz dela, feito um ruído metálico, feriu os tímpanos do Pescador de uma forma inusitadamente desagradável. João finalmente encheu-se de coragem e girou em sua direção. Nas mãos dela, todo ensanguentado, o corpo do pombo. Alguém o retirara da choupana, enquanto ele dormia. Levaram-no para longe dali e, sem piedade, alvejaram-no em pleno peito, matando-o instantaneamente.

As pernas de João bambearam. Ele caiu sentado na areia, completamente abatido. Como se o tiro que desferiram no seu amigo houvesse lhe atingido também o próprio coração. Por mais que puxasse o ar, não conseguia respirar. Achou que fosse desmaiar. Uma dor aguda no peito. A vista turva. Um cansaço ancestral percorreu suas veias e nervos. Fustigou a sua carne. Engelhou ainda mais a sua pele.

— João, eu vou sepultá-lo no fundo da choupana. Você vem comigo?

João permaneceu em silêncio durante algum tempo. Depois, sem responder à menina, caminhou na direção do mar. Entrou na água e foi andando, andando, andando, até a água atingir a altura do seu pescoço. Aí soltou um berro medonho, como um animal que, tendo sido atingido por um tiro, não consegue sequer morrer.

Variata levou o morto para o fundo da choupana.

CAPÍTULO XIV

MANOEL MANCO

João Pescador, depois de alguns dias embrenhado na mata, retornou para a choupana. Nela ele encontrou Variata, a menininha cor-de-rosa e cabelos cor de auro-rosa, sentada sobre a mesa. Puxou um banco e sentou perto dela. A menina lhe ofereceu o café que acabara de fazer. Ele aceitou, mas não bebeu logo. Ficou um bom tempo girando a caneca de lata, enquanto, absorto, olhava para o nada.

Sorveu um gole do líquido amargo e quente. Respi-rou fundo. Confessou:

— No dia em que o pombo morreu, andei à toa pela vizinhança, sondando as pessoas sobre o assassinato do bicho. Ninguém me falou claramente quem tinha sido. Mas um ou outro insinuou que talvez o meu querido amigo tivesse sido vítima de alguma vingança. Que quem atirou perversamente nele com certeza queria atingir outro alvo.

Concordei com eles. E lembrei que o único nas redondezas a possuir uma arma era o Zé do Trabuco, irmão do Manoel Manco. A princípio, fiquei com muita raiva dele. Mas depois ponderei que podia ter sido um acidente, que ele não tivesse acertado o pombo por maldade. Por fim, pensei que o único que acreditava ter motivos para se vingar de mim era o Manoel Manco, que tribu-tara a mim a morte do seu jegue.

Por isso, naquele dia fui até o bar do Juvenal. Sabia que encontraria os dois lá, bebendo cachaça. Havia poucas pessoas no local. O dono do estabelecimento, como se

tivesse adivinhado o que eu fora fazer ali, olhou inquietamente para mim e para os dois irmãos. Aproximei lentamente do balcão. Puxei um banco. Mas não falei com eles. Apenas fiquei olhando para eles com o mesmo desprezo de quem olha um monte de esterco.

Manoel Manco afastou-se de mim, arrastando atrás de si a perna defeituosa. Parecia que ia abandonar a birrosca. Mas, antes de sair, mudou de ideia. Veio em minha direção. Percebi a centelha de ódio germinando silenciosamente no coração e nos olhos daquele homem rude.

O marginal — os lábios escancarados, rachados pelo álcool, exibindo os dentes podres — me olhou desafiadamente e rosnou:

— É doloroso perder um animal de estimação, não é, João? — soltou uma gargalhada tão forte que estremeceu as paredes do bar. Zé do Trabuco, a mão direita apoiada na coronha da arma, também riu.

Sabia que eles não eram trigo limpo. Diziam que eram fugitivos da polícia. Mas não sentia medo deles, nem raiva, nem rancor, nem mágoa, nem nada. Na verdade, não sabia ao certo por que fora até aquele bar à procura dos dois facínoras. Talvez tenha ido só para ver qual seria a sua reação. Ou a minha reação. Definitivamente, não sei.

No entanto, de uma coisa tinha certeza: não me refugiara nesta ilha para, no final das contas, entrar em rota de colisão com gente daquela espécie. Ainda que possivelmente um deles tivesse matado estupidamente meu melhor amigo. Isso me fez lembrar o que você disse no outro dia: que a maioria dos homens é naturalmente má e artificialmente boa. Por isso, as leis. Por isso, as regras. Por isso, as penas para aqueles que as infringem. Aban-

donei o bar sem olhar para trás, porque quem olha para trás ou vira estátua de sal, ou se perde para sempre nas profundezas do inferno.

Enquanto voltava lentamente para casa, ia aos poucos me lembrando de uma situação, não exatamente igual àquela, mas bastante parecida, pelo menos quanto ao seu desfecho. Muitos anos atrás, quando eu ainda morava na cidade, e poderia me considerar um homem bastante *comum*, bastante *normal* — seja lá o que signifiquem essas expressões —, eu tive um problema com um vizinho que morava no mesmo prédio que eu. O cara era terrivelmente encrunqueiro. Embora o condomínio tivesse apenas oito apartamentos, ele já havia conseguido se desentender com quase todos os outros moradores.

O pior é que ele era muito cínico. Acho mesmo que, hoje analisando mais friamente seu comportamento, ele era meio psicopata ou no mínimo sociopata. Fazia-se sempre de vítima, de coitadinho, de certinho, para as outras pessoas da rua. Perante elas, falava mansinho, agindo como se fosse um carneirinho, ao passo que os outros, os que de alguma maneira tiveram um embate com ele, esses não valiam nada, eram pessoas sem escrúpulos, cuja única ocupação na vida seria azucrinar o seu juízo, seria persegui-lo sem tréguas. Desconfio mesmo que, de tanto repetir essas mentiras, ele próprio acabava acreditando nelas, o que o tornava obsessivo e obcecado pela ideia de perseguição. O mais grave ainda era que ele tinha tal poder de persuasão, que conseguia convencer a maioria dos seus interlocutores.

Ocorre que, para o meu azar, o meu apartamento era em cima do dele. Eu não podia fazer o menor baru-

lho que ele, que morava no primeiro andar, cutucava o teto com a vassoura, se sentindo inexplicavelmente incomodado. Inexplicavelmente porque era raro eu estar em casa, pois vivia trabalhando feito um burro de carga, e, quando estava, normalmente ficava lendo ou vendo televisão, num silêncio quase ensurdecedor. Na verdade, os ruídos não vinham do meu apartamento, mas do vizinho da direita, que tinha duas crianças extremamente agitadas, uma menor, de uns quatro ou cinco anos, filha do casal, e um maior, de aproximadamente doze anos, filho só da mulher.

Mas o infeliz não ousava bater de frente com esse vizinho. Já houvera uma discussão entre ambos. Só que o da direita era um cara mal-encarado e truculento. Além disso, ninguém sabia de onde tinha vindo. O povo da rua, baseado nessa ignorância, aproveitou para criar em torno dele toda uma mitologia. Inventavam inúmeras histórias escabrosas a seu respeito. A ponto de, depois de algum tempo que ocupara o apartamento, todos o temerem e o respeitarem. Faziam questão de, quando ele passava com a esposa e os filhos, ou mesmo sozinho, cumprimentá-lo cordial e assustadiçamente, como se fossem caranguejos que, ao menor sinal de perigo, chafurdassem no mangue.

O idiota do vizinho de baixo, que só vivia cheirando o rabo daquela corja, também temia o da direita. Então (só hoje compreendo nitidamente isso) agia de uma forma bem covarde, no entanto bastante artilosa: descontava em mim, um sujeito tido como pacato, que supostamente seria incapaz de fazer mal a uma mosca, toda sua raiva contra o outro, e, bastava que eu derrubasse um garfo, por exemplo, para ele cutucar furiosamente o teto do seu e o

piso do meu apartamento. Assim ele mandava um recado, de um modo bem enviesado e sujo, para aquele que não ousava encarar. Se o outro se queixasse, ele sordidamente iria argumentar que o problema não era o outro, mas eu. O pior é que ele criava quatro cachorros no apartamento que, além de latirem a madrugada toda, empestevam o ar com um cheiro insuportável de fezes e urina. Ou seja: era o sujo falando do mal lavado.

Curiosamente, eu, que não era nem um pouco afeito a ficar na rua jogando conversa fora, passei a frequentá-la diariamente. Mal chegava do trabalho, detinha-me com os desocupados do lugar e ficava mais de meia hora contando para eles das idiotices do vizinho. Ouviam-me com disfarçada atenção, com certeza apenas fazendo de conta que acreditavam na minha versão dos fatos. Sentia-me um pateta, um ridículo. Certamente o outro já se antecipara (afinal, era outro desocupado) e, por ser muito mais convincente que eu, conquistava muito mais adeptos para aquilo que, na falta de outra ocupação mais substancial, considerava a causa de sua vida, dela se nutrindo com inefável prazer. Depois de relatar as últimas peripécias do indivíduo para o meu pouco confiável auditório, seguia para casa profundamente arrependido de ter gastado o meu parco latim com aquele bando de vira-latas. Não obstante agisse rigorosamente da mesma forma no dia seguinte.

Um dia, não suportando mais as malditas cutucadas no piso do meu apartamento, desci furioso para conversar (pelo menos essa era inicialmente minha intenção) com o imbecil do meu vizinho. Chamei-o sem entrar na sua varanda. Ele apareceu com uma cara muito enfezada e,

rosnando feito um cão feroz, gritou o que eu queria com ele. Para evitar discussões na frente da mulher dele, que era uma verdadeira cobrinha e o insuflava veementemente contra mim, convidei-o, esforçando-me para falar de um modo o mais suave possível, a ir até o estacionamento, onde poderíamos conversar com tranquilidade. prontamente ele aceitou. Mas a minha suavidade não atenuou em nada a sua raiva. Parece até que serviu de combustível para aumentá-la ainda mais.

Detivemo-nos junto à grade do estacionamento. Eu, de costas para a rua, comecei a dizer-lhe que nada tinha contra ele, que não achava legal a atitude dele, que conversasse com a esposa dele e lhe pedisse para não me ofender, como vinha fazendo nos últimos tempos etc. etc. Com essas palavras, pronunciadas da forma mais delicada possível, acreditava piamente que o outro se acalmaria. Mas, para minha surpresa, deu-se precisamente o contrário: enquanto eu falava, ele começou a me ofender, a me caluniar, a me injuriar e a andar de um lado para o outro totalmente transtornado, num desequilíbrio emocional espantoso. Confesso que fiquei paralisado. Não sabia como agir diante de um surto daqueles. Ergui a mão direita, pedindo que se acalmasse. Piorou. Desferiu-me um soco no braço de cima para baixo com tanta força, que quase o partiu no meio. Afastei-me da grade e, para evitar maiores danos, fui para a rua. E dali direto para a delegacia, onde registrei queixa contra ele por lesão corporal, calúnia, injúria e difamação.

Depois deste lamentável episódio, tornou-se quase um inferno nossa já tão conturbada *convivência*. O cara fazia de tudo para infernizar a minha vida. Arranhou o

meu carro. Furou o pneu com um prego imenso. Estacionava o carro dele junto à porta do meu, de modo a que eu só conseguisse entrar pelo lado do carona. Vivia na rua falando mal de mim, tentando convencer os outros de que somente ele tinha razão. Jogava piadinhas quando eu passava diante de sua janela. Passou a cutucar o piso do meu apartamento com uma frequência insuportável, a despeito de eu já ter reclamado com o síndico — que era amigo dele — várias vezes, sem nenhum resultado. Eu ficava morrendo de raiva. E, mesmo em sua ausência, a nefasta presença dele continuava dentro de mim, como se nos tivéssemos tornado dois amantes. Passei a dedicar boa parte do meu tempo a esse rancor. Na verdade, a verter diariamente a bÍlis produzida pela minha fúria. Em suma, nossa relação se tornara completamente doentia, como a de dois amantes terrivelmente ciumentos. Em outros termos, estávamos ligados um ao outro por uma espécie estúpida de amor invertido. O que era bizarro.

Essa situação toda só melhorou após o ridículo, que levou uma surra de outros dois vizinhos, ter de fugir às pressas do condomínio, levando o traste da sua mulher com ele, e os detestáveis cães (os quais, na verdade, nada tinham a ver com a imbecilidade dos donos). O fato é que nunca mais vi o cretino. Mas, como ocorre com a maioria de nós, não conseguia me livrar completamente dele. Ou porque o cretino deixara em meu íntimo sentimentos muito ruins, difíceis de apagar; ou simplesmente porque os vizinhos, com sua natural perversidade, insistiam em me falar dele, fomentando em mim as mesmas maledicências de sempre, por mais que eu tentasse não lhes dar ouvido.

Finalmente, chegou o dia da nossa audiência. Cheguei ao fórum meia hora antes do horário estabelecido. Enquanto esperava, tentava me distrair lendo um livro. Mas a minha mente estava inteiramente concentrada na porta, por onde a qualquer momento meu adversário, acompanhado da sua odienta esposa e de sua advogada sem nenhum caráter, entraria, com a mesma cara de cachorro manso que costumava ostentar quando queria mover a opinião alheia a seu favor. Mas, chegado o horário da audiência, ele não apareceu. Nem ele nem as outras duas. O que me deixou até certo ponto aliviado.

Os dois conciliadores, depois de ouvirem minha versão dos fatos, perguntaram se eu gostaria de dar sequência ao processo (decisão que, tendo em vista o outro não ter comparecido, embora tenha sido igualmente intimado, caberia somente a mim) ou se concordava em arquivá-lo. Refleti durante uns cinco segundos e, com um ar de enfado (pois aquilo tudo havia me desgastado sobremodo), concordei com a segunda opção. Argumentei com os conciliadores que não valia a pena prosseguir com aquilo. Preferia botar uma pedra naquela história. E uma pedra a mais gigantesca possível que impedisse que o fluido nocivo daquela discórdia minasse por qualquer de suas extremidades, novamente contaminando o meu coração.

Saí revigorado do fórum, como se tivesse realmente retirado um fardo de cima de mim. Sentia o fluido positivo da existência circulando livremente pelas minhas veias e artérias, fazendo de novo o meu coração pulsar calmamente, serenamente. Então, compreendi que me tornara, de alguma maneira, prisioneiro do outro. Que de alguma forma ele atrelara sua vida parasitária à minha,

subtraindo, com um canudinho de refrigerante, parte da minha seiva, parte da minha luz boa e natural, quase me rebaixando à sua estatura de formiga. Ao mesmo tempo em que, por meio desse artifício, conferia à sua existência uma dimensão outra, tornando-a mais visível aos olhos alheios, sobretudo aos dos que compactuavam com ele, provavelmente porque suas parcas existências também carecessem de luz, ainda que artificial, ainda que alheia.

Enquanto ouvia o relato de João, a menininha cor-de-rosa riscava arabescos na mesa tosca. Quando este terminou, ela levantou a cabecinha loira, e o fitou profundamente nos olhos.

— Tudo o que você falou, tanto em relação a seu vizinho, quanto ao Manoel Manco e o irmão dele, demonstram que agiu acertadamente, ratifica o quanto você é nobre e generoso. Mas, meu amigo, não se iluda. Eles não foram feitos da mesma massa que você. Pode ser até que o seu gesto, perdoadando-os parcial ou integralmente, ao invés de atenuar a maldade que lhes irrita as almas, realmente contra você um ódio mortal, de consequências imprevisíveis. É como se o seu ato generoso fosse por eles interpretado como uma manifestação do mais absoluto desprezo, do mais radical desdém. E isso os reduziu a uma condição mais vil, mais miserável, feito você os tivesse reduzido a insetos.

A história nos prova que esses seres brutais acreditam, até o fundo do seu ser, no derramamento de sangue como a forma mais eficaz de resolver suas desavenças com os outros, não importando o tamanho delas, a sua maior ou menor intensidade. Não há, para eles, ofensa maior que lhes virar as costas, sem reagir às suas loucas

provações. Tornam-se, por causa disso, extremamente violentos, animais e (o que pode ser bem pior) terrivelmente vingativos. Por isso, João, tome muito cuidado. Não espere nenhum tipo de consideração, nenhum tipo de complacência desses homens. A matéria de que são feitos difere radicalmente da sua.

João debruçou-se no parapeito da janela. Ficou distraidamente olhando o mar, enquanto refletia nas palavras da menina. No fundo, sabia que ela estava com a razão. Realmente os dois irmãos não eram nem um pouco confiáveis. Mas não estava preocupado com isso. Já vivera o bastante. Pressentia que sua estrada estava chegando ao fim, que já havia penetrado no túnel, de onde não se pode retornar. Suspirou resignado. Voltou-se novamente para o interior escuro da choupana. Pretendia contar ainda outras coisas para a menina, porém ela não estava mais ali.

CAPÍTULO XV

CORTANDO O CABELO

João perambulava pela praia, quando encontrou Variata, sempre acompanhada do vento do norte e do casal de botos. Percebendo que ela tinha a intenção de, pela segunda vez desde seus primeiros contatos, chegar bem pertinho dele, ajoelhou-se diante dela. A menina sussurrou em seus ouvidos que estava na hora de ele cortar os cabelos. Que ele, embora ela soubesse que não era muito vaidoso, precisava cuidar um pouquinho mais da aparência. Mas não muito. Apenas o suficiente, o rigorosamente necessário.

A princípio ele estranhou. Por que essa exigência àquela altura de sua vida? Estaria falando sério ou apenas zombando dele? Seria aquilo alguma espécie de teste, só para ver qual seria a sua reação? Ou, por algum motivo oculto, ela realmente acreditava que ele precisava melhorar um pouquinho, *só um pouquinho*? Mas, como das outras vezes, resolveu obedecer. Despediu-se afetuosamente dela. Dirigiu-se à barbearia do Neco, que ficava ao lado do bar do Juvenal, onde não demorou muito a chegar.

O barbeiro, ao vê-lo entrar, franziu a testa, apertando ligeiramente os olhos. Obviamente estava estranhando a presença do Pescador em seu humilde estabelecimento. A razão desse estranhamento era deveras elementar: era a primeira vez que João entrava em sua barbearia. Aliás, não se lembrava de tê-lo visto entrando em qualquer das casas ou em outro estabelecimento. Vivia lá no fim da ilha, numa das pontas da enseada, ou enfur-

nado na sua choupana, ou perambulando pela praia, ou navegando sua pequena embarcação, sem sequer cumprir as outras pessoas. O que levava muitos a acreditarem que ele, ou era muito soberbo, ou era completamente maluco, como Antônio dos Raios.

Por fim, indicou a cadeira em frente a um espelho cheio de manchas. Depois de dizer ao homem como queria o corte, o Pescador sentou, enfadonhamente, na cadeira meio rasgada e extremamente desconfortável. O espelho, de tão velho, e provavelmente pela ação da maresia, perdera, em diversos pontos, o aço do verso do vidro, ostentando várias partes translúcidas. Através delas, João entrevia pedaços da parede encardida. Ele observou que, se movimentasse a cabeça de um lado para o outro, o espelho, semelhante à superfície da lua, não seria capaz de refletir a sua imagem por inteiro. Sentiu uma vontade quase incontida de sorrir com essa ideia. Mas, ao observar a cara enfezada e gordinha do barbeiro baixinho e rechonchudo, além de calvo, preferiu conter-se. Embora por dentro uma gargalhada sonora sacudisse todos os órgãos.

Enquanto o outro penteava seus cabelos com má vontade perfeitamente explicável, e brandia a tesoura rente à sua cabeça, como se tivesse a real intenção de degolá-lo, João fechou os olhos e deixou sua mente, como de costume, fluir livremente.

Estamos sentados na amurada do cais. Lá embaixo — entre as colunas enegrecidas da ponte — o mar brame como Brahma estupidamente gelada. Por que deveria o mar rugir como fera raivosa ou como Brahma estupidamente gelada bramir? Ou como? Para além do ruído da água marinha na amurada nada existe salvo o ruído da água marinha na

amurada. Pra que me utilizar de metáforas se o que quero representar representa-se por si mesmo através da denominação longínqua que lhe foi atribuída por uma mente primordial? O sol não pode jamais ser uma esfera de ouro porque não é esfera e muito menos ouro. Nem sequer percebo por que o sol se chama sol. Mas sei (por exemplo — e sensatez) que as palavras não foram inventadas a troco de nada, senão toda comunicação seria impossível e estaria, por conseguinte, destinada ao insucesso.

Estamos sentados na amurada do cais. Quando penso, meus pensamentos são palavras decoradas dispostas numa determinada configuração esquemática. Associam-se espontaneamente a algo ou a alguém. Se eu penso “Maria”, a palavra flutua no ar e em seguida repousa sobre uma imagem, interpenetra-se num corpo de mulher cujo nome (em hipótese alguma por coincidência) é precisamente “Maria”. Por outro lado, se penso “Maria” e ela representa uma pessoa alegre e descontraída ou ainda triste e introspectiva então minha reação emocional à pronúncia desse nome será de tristeza e introspecção ou alegria e descontração conforme seja isso ou aquilo. Assim a palavra “merda” me sugere uma ideia de repugnância tal é a força que possui em representar o objeto de que é nome. Evidentemente, porém, as palavras podem perder o sentido original.

Estamos sentados na amurada do cais. Quantos gestos evasivos se condensam num só indivíduo! Por que estas faces pintadas num quadro semelhantes? Que fazer se o ídolo cede espaço ao verme? Que fazer ante a derrocada das imagens constituídas em longo prazo, se quando caem causam escândalo? Neste momento a cidade se organiza em infíndos rituais. Que fazer se a existência se restringe ao nada e ainda assim

sobrecarrega o ser como um divórcio? A cada ação corresponde um movimento; a cada movimento, um gesto. Janete possui as mãos demasiado pequenas em relação aos braços e ao resto do corpo. Estou pra ver uma pessoa gesticular mais que ela (efeito psicológico?) a menos que possua corpo e braços maiores e as mãos — em contrapartida — menores que as dela.

Estamos sentados na amurada do cais. O vento nos to-lhe molemente como faca cega. Nada haveria a dizer se não houvesse as crianças. Queridas mães não me exibam seus filhotes se no fundo dos olhos uma interrogação alonga-se até mim como um alfinete. Meu diálogo com as crianças é quase um solilóquio de paixão. Nada tenho a lhes dizer, porque elas são anteriores às palavras e estas são posteriores a qualquer sentimento cuja representação não deve nunca se valer de gestos fúteis. De resto não aprecio certo tipo, certa classe de pessoas para as quais não existe senão um amontoado de mentiras sucessivas.

Depois dessa longa viagem, João abandona a amurada do cais, e retorna à cadeira do barbeiro cuja mão — espantosamente rápida — vibra a tesoura rente a sua orelha e vai modificando (pouco a pouco) a sua imagem na superfície lunar do espelho. Então percebe: todas as certezas caem como os seus cabelos.

O barbeiro, findo o árduo trabalho, retira, com uma escovinha bastante ordinária e ensebada, o excesso de pelos do rosto e das costas do Pescador, com uma agressividade excessivamente estúpida, como se quisesse arrancar o couro do pobre homem. Depois pega um espelho menor, oval, com a superfície intacta. Posiciona-se às costas de João e gira o espelho para que este possa avaliar o resultado. Ele, ao invés disso, fica observando a

figura patética do barbeiro. Novamente sente uma vontade quase incontida de soltar uma gargalhada. E novamente se contém. O homem podia lhe interpretar mal, e ficar muito bravo com ele.

Somente após ter caminhado muitos metros pela orla e ter se aproximado do local onde a menina, antes de encaminhá-lo para o próprio holocausto, estava, foi que parou e, não conseguindo mais conter-se, explodiu numa gargalhada tão alta, que o deixou sem ar. Envergonhado, olhou ao redor, mas, felizmente, ninguém presenciara seu pequeno surto.

CAPÍTULO XVI

A MÁQUINA DO CREPÚSCULO

A máquina do crepúsculo arrasta suas polias de penumbra, lusco-fusco, luz puída, sombra. Um pássaro corta o ar, capturando um inseto: a vida devora a morte, ou é a morte que recria a vida no corpo devorado e abjeto? O inseto, embora morto, fulgura: a máquina do crepúsculo crepita — obscura.

João Pescador, deitado no colo de Variata, fita o céu estrelado, pensativo. A menina acaricia afetuosamente os cabelos dele, agora bem menores depois da visita ao barbeiro. Após algum tempo, João comenta:

— Nascemos moribundos. Nossa vida é uma doença prolongada, encharcada de solidão turbulenta. Por isso somos deficientes no amor, paraplégicos no ato de existir. E pensamos e pensamos e pensamos. E doemos e doemos e doemos. Somos enormes como uma flor aberta, mas nossa imensidão está no mínimo, no mínimo fato de acontecer. Mas compreendo o pugilismo no qual nos integramos a cada volteio do dia: é doce herança uterina, quando éramos apenas um espermatozoide, nadando ao encontro do ovo.

Outra coisa, Variata, me aflige: Não compreendo meu tempo. Não sei se ele é fácil. Não sei se ele é difícil. Nem se ele é rápido ou lento. Não compreendo meu tempo. Também não compreendo os homens do meu tempo. Às vezes desejo rachar-lhes o crânio estúpido como a uma abóbora podre. Às vezes, porém, gosto de sua humanidade tola, gosto do cheiro bom do seu cigarro, da

sua carne fresca e ao mesmo tempo repulsiva...

Nos homens eu me perco e reencontro, contudo não os compreendo. E assim, ignorantes de tudo, vivemos juntos o drama da incompreensão, sem qualquer ênfase, sem o menor ânimo, perpassados somente pela velha luz que incendeia a solidão.

A menininha cor-de-rosa nada respondeu. Continuou passando os dedinhos rosados entre os fios dos cabelos de João. Este, após um longo silêncio, concluiu:

— A maior parte das mulheres passa a vida falando de comida, das suas toaletes e dos seus homens: são gulosas, vaidosas e volúveis. A maior parte dos homens passa a vida falando de dinheiro, de poder e de suas conquistas amorosas — reais ou fictícias: são ambiciosos, fracos e vulgares. E todos, até mesmo eu (que me pretendo diferente), estranham o espelho quando as vestes caem. O homem só é ele mesmo quando morto.

Variata deteve os movimentos dos dedos. Olhou seriamente para João, e redarguiu:

— Antes de atirar pedras em alguém, mire-se primeiro no espelho: ele tem sempre coisas muito interessantes a dizer a nosso respeito.

CAPÍTULO XVII

INUTILIDADE DA PRESSA

João Pescador, depois de um dia inteiro perambulando pela praia, sem ter o que fazer, ou melhor, sem vontade de fazer nada, encontrou Variata. Ela estava sentada numa velha canoa, brincando com umas conchinhas extremamente brancas e polidas pela água marinha. Ele sentou ao seu lado e ficou, durante algum tempo, observando-a em silêncio. Ela também se mantinha quieta, compenetrada na sua brincadeira. O Pescador — que costumava normalmente respeitar aquele distanciamento — não resistiu à tentação de conversar:

— Hoje de manhã, assim que acordei, fiquei olhando o Tempo, como se ele tivesse forma e cor e tudo e se permitisse ao reles olhar de um homem que perdeu o sono. E o Tempo me olhou com a mesma estúpida curiosidade de quem, recentemente acordado, tem os olhos abertos, mas nada apreende do velho ao redor. E nos quedamos susto com a verdade não revelada.

Depois, fiquei alguns instantes na frente de minha choupana, olhando o mar e pensando na vida. Pensei na morte do jegue do famigerado Manoel Manco. Pensei na morte covarde do meu pombo. E na morte de tantos amigos dos quais não restaram senão poucas lembranças. Minha mente ainda ficou divagando por alguns minutos. E, não sei bem por quê, me lembrei da época em que morava na cidade e trabalhava como professor.

Três vezes por semana, passava em frente ao cemitério do município onde lecionava. O carro avançava ve-

lozmente pela rua mal iluminada e deserta. Num impulso quase suicida, me esforçava para chegar cedo ou no horário, como se estivesse sempre fugindo de alguém. Mas quem me perseguiria na noite vazia? Quem me instigaria a tanta correria? O Tempo — esse monstro de cinco patas, uma para cada um de meus sentidos.

Os mortos (bem sei) me viam passar, implacavelmente fustigado pela pressa. De suas covas rasas ou profundas, ricas ou pobres, ornamentadas ou nuas, riam cínicamente de mim e do meu afã desesperado de vencer a peleja contra o cronômetro cotidiano, porque também eles sabiam que ninguém chega cedo ou no horário a lugar algum, a não ser no ínfimo espaço em que a vida e a morte se enlaçam, num abraço definitivo e irrevogável.

A menininha não retrucou. Durante o tempo em que ele falava, ela sequer levantara a cabeça. Manteve-se totalmente concentrada na sua diversão. Por fim, olhou para ele e, antes de se levantar e se afastar no mais fragoroso silêncio, entregou-lhe as sete conchinhas muito lustradas e branquinhas, talvez para que ele, toda vez que olhasse para elas, se lembrasse da menina ou mantivesse vivo em seu coração o fulgor de sua presença.

CAPÍTULO XVIII

SORTILÉGIO DA CHUVA

Depois de bastante tempo rolando de um lado para outro da cama, com uma preguiça inusitada de levantar, João ergueu-se lentamente. Bocejou uma, duas, três vezes. Olhou para o teto da choupana, para os móveis a sua volta, a cabeça ainda enevoada por uns resquícios de sono. Sem, como de costume, se dedicar a preparar o café, aproximou-se da janela entreaberta. O parapeito úmido da chuva que caía desde à tarde do dia anterior. Olhou para a praia. Começou a devanear:

“Debruço-me à janela de um dia melancolicamente cinza. Meu ser — estranhamente repleto de si — espia a chuva que inebria a paisagem. Aos poucos vou me desligando de mim como se já não houvesse nem gravidade nem adversidade a atarem-me os pés à terra. Nem, na minha boca de pedra, o barro comum dos mortais.”

“Seguramente há — no passado no presente no futuro, em mil diferentes confins do mundo —, seguramente há outros homens debruçados às janelas, degustando o sortilégio da chuva. Homens irrepreensivelmente comuns. Suas almas, embebidas nessa poesia líquida e permanente, comunicam-me a perenidade da lua e o vulto absconso de Deus.”

Depois de longo tempo absorto nessa atitude contemplativa, João afastou-se da janela. Chegou até a porta. Recostou-se no umbral. Ele ficou demoradamente namorando a chuva que encharcava as embarcações, as águas inquietas do mar cinzento e barrento. Pensou em Variata,

a menininha cor-de-rosa. Havia alguns dias que ela, de sua forma peculiar, não brotava diante dele. Por onde andaria? Teria abandonado a ilha? Evaporado na poeira dos dias? Seria verdadeiramente real ou apenas uma aparição, uma ilusão forjada por sua mente solitária?

Não. Não acreditava ser ela apenas uma ilusão. Variata era, com toda certeza, real. No entanto, ele sabia que a realidade que a constituía não poderia ser comparada a uma realidade ordinária. A realidade dela era, por assim dizer, de outra natureza. Do contrário, não se poderia explicar a maturidade e profundidade das suas concepções, das suas argutas e lúcidas visões de mundo. Seria praticamente impossível. Quem a olhasse distraidamente a confundiria, naturalmente, com uma criança qualquer. Mas se os outros a conhecessem como ele, também ficariam abismados com a sua capacidade fora do comum de penetrar profundamente no âmago das coisas.

Às vezes João tinha até receio de pensar muito nisso, porque, se o fizesse, necessariamente seria forçado a se colocar diante de perguntas às quais teria enorme dificuldade de responder. Na sua concepção, não se poderia afirmar categoricamente ser ela uma criança normal, como os filhos dos outros habitantes da ilha, por exemplo. “Ora”, matutava João, intrigado: “se não era o que geralmente se considera *normal*, então o que seria?” Mas ele não costumava avançar muito além dessas indagações. Primeiro porque aparentemente tinha medo das respostas; segundo porque achava uma violação inquirir tanto a respeito de outro ser. Uma violência, quase.

De qualquer modo, não deixava de ser estranho ela aparecer diante dele como se ela se materializasse-

se do nada e desaparecer da mesma forma, sem deixar qualquer vestígio. Aliás, só agora João se dava conta de um fato no mínimo curioso: nunca presenciara a menina conversando com ninguém da ilha, nem mesmo com as outras crianças. Inevitavelmente, essa atitude estranha o conduzia, ainda que se esforçasse por conter a hemorragia de curiosidade, a novos questionamentos: Seria ela notada, de fato, pelos outros moradores do lugar? Ou sua presença seria invisível aos seus olhos? Se assim o fosse, por que só ele detinha tal privilégio? E se somente ele detinha esse privilégio...

De vez em quando, sentia uma vontade imperiosa de segurar um dos pescadores pelo braço e perguntar-lhe: “O senhor viu a menininha cor-de-rosa por aí, a dos cabelos loirinhos e cacheados e olhinhos muito, muito azuis?”. Talvez respondesse: “Eu sei. A que anda sempre com o senhor, a que parece estrangeira? Vi sim. Estava agorinha mesmo perto do cais”. Ou, o que seria um desastre: “Claro que eu não vi. Nessa ilha, meu senhor, não existe nem nunca existiu uma menininha cor-de-rosa. Todas as crianças daqui são — como o senhor mesmo já deve ter observado — pardas. Não. Eu nunca vi menininha cor-de-rosa nenhuma. Tem certeza de que o senhor está se sentindo bem? Às vezes o sol muito forte provoca na gente doidas ilusões”.

A cabeça de João, toda vez que pensava nisso, rodopiava feito um pião dentro de uma *panela*, enredando-o num vicioso círculo de questionamentos insolúveis. O melhor a fazer? Simplesmente esquecer. Simplesmente? Mas como era difícil! Bom, já que seria mesmo difícil se livrar de todas as suas dúvidas, o Pescador se contentava

apenas em fruir ao máximo aquela amizade fabulosa, que tanto o entretinha, preenchendo o vazio de sua solidão; que tanto abria sua mente, quase totalmente embotada pela vida agitada que outrora levava.

João respirou fundo. Decidiu desistir daqueles pensamentos. Resolveu dedicar-se, como de hábito, aos seus miúdos afazeres domésticos. Apressou-se em preparar o seu café. Ele lhe daria forças para suportar mais um dia de vida.

CAPÍTULO XIX

DO ATO DE AMAR

— Durante muito tempo, três passarinhos da espécie São Jorge (ou Noivinha ou Martim Pescador) poustavam à tardinha na árvore ao lado de minha choupana. Eles passavam a noite ali, somente indo embora ao amanhecer. Aí vieram centenas de saúvas e começaram a cortar as folhas da árvore, levando-as para sua rainha. Os passarinhos desapareceram.

No início, fiquei chateado. Mas depois passei a apreciar a paciência e a eficiência das formigas. Trabalhavam dia e noite, incansavelmente. Até que um dos pescadores, sem que eu lhe pedisse, espalhou veneno, ao redor da árvore, acabando com as pobrezinhas. Apesar disso, os pássaros nunca mais voltaram. A árvore, sim, voltou a se cobrir de folhas. Mas um estranho sentimento de ausência deixou minha choupana mais triste.

Isso me fez lembrar, agora, de um episódio de muitos anos atrás. No bairro onde morava, tinha umas casas com umas vidraças bem grandes. Um dia, quando passava em frente a uma delas, ouvi um barulho, e voltei para ver. Uma rolinha, o corpo ainda muito quente e macio, exalava seus últimos suspiros. Recolhi do chão a pobrezinha. Demorei um pouco a entender o que lhe acontecera. Pensei ter sido alvejada por algum garoto.

Olhei para a vidraça, na qual vi meu próprio rosto refletido. Então compreendi: o passarinho viera voando reto e, ao se deparar com o vidro, tinha sido vítima de uma ilusão de ótica. Acreditara que a superfície espelha-

da prolongava a paisagem. Daí o choque, o estrondo, o baque contra o solo, o pescoço quebrado. A rolinha havia finalmente entrado numa realidade outra.

Com o bichinho ainda em minhas mãos, comecei a refletir quantas vezes também eu, iludido pelas vidraças da vida e pelas falsas realidades que seus espelhos projetavam, quebrei não só o meu pescoço, mas também a minha alma. Essa reflexão me fez sentir muita pena dela, da rolinha. Fiquei triste em face à pequenez do meu amor pelos passarinhos e por tudo quanto existe.

Variata, sorrindo meigamente para ele, mais uma vez reorientou o seu discurso:

— João, nada é pequeno no amor. Aqueles que esperam por grandes ocasiões para demonstrar a sua ternura não sabem amar.

CAPÍTULO XX

BARCO À DERIVA

João Pescador caminhava lentamente pela areia da praia, enquanto observava alguns adolescentes junto às embarcações. Sua alegria. Sua força telúrica. Suas expressões oníricas. Sua energia extraordinária. Sua gigantesca força vital. A menininha cor-de-rosa, que andava ao seu lado, pareceu ler seus pensamentos. Sorriu. Apontou para os jovens. Em seguida, se deteve, virando-se para o velho pescador.

— A adolescência é uma fase curiosa da vida. Curiosa e contraditória: nessa etapa, forças centrípetas e centrífugas unem-se, ora favorecendo, ora contrariando o adolescente, cujo corpo, em alucinada mutação, se transforma numa singela, porém irrequieta antítese, em que a ânsia de afirmação muitas vezes se converte em anulação — e susto.

O adolescente quer gritar, mas esbraveja. Quer acariciar, mas arranha: inconsequente gato. Tudo nele é excesso. Nele tudo marcha para a rebentação do próprio ser. Estranho corpo contraditório, o adolescente é implosão e explosão: quer, a todo custo, ser. Mas, ao exagerar na busca de si mesmo, excede limites, desconhece fronteiras, ignora e invade o território do alheio. Os deveres, embora para ele sejam um fardo, reivindica para si todos os direitos.

Muitas vezes, após um dia inteiro de tediosas tentativas de expansão, o adolescente, naufragado na penumbra do quarto, encontra-se consigo mesmo e, despido de

sua aura de angústia e ilusão, se espanta com o descomunal mutismo do espelho. O corpo, farto de tanto agito e de exibição tanta, elabora uma antiga pergunta que a alma, agora desperta, se escusa responder: aquele minúsculo barco, perdido num oceano de bruma e vibração, atingirá o horizonte cor-de-rosa?

João nada respondeu. Olhou longamente a menininha cor-de-rosa. Um pensamento sombrio perpassou fugazmente seu coração enxovalhado. No íntimo, desconfiava que ela jamais chegasse à adolescência. Certamente, não seria esse o seu destino. Contudo, isso não parecia incomodá-la. Aliás, não poderia mesmo importuná-la, já que, embora parecesse uma criança, sua idade era simplesmente indefinível.

CAPÍTULO XXI

A NOVA ERA

Depois de ter delirado a noite toda, por causa de uma febre cuja origem desconhecia completamente, João, se sentindo um pouco melhor, decidiu levantar-se. Precisava, apesar de não estar totalmente recuperado, cuidar dos pequenos afazeres domésticos, como arrumar a cama, preparar o café, lavar a louça da janta, varrer o chão da choupana, entre outras miúdas atividades. Talvez essas ações ajudassem a restabelecer de vez a sua fragilizada disposição. Uma indisposição que, aliás, já vinha o incomodando há algum tempo, mais ou menos desde os primeiros contatos com a menininha cor-de-rosa. Não que a julgasse responsável por isso. O mal — se mal houvesse — já estava nele, aguardando apenas o momento preciso a partir do qual se manifestasse.

Já iam dar nove horas, quando a porta da choupana se abriu com uma lufada um pouco mais forte de vento. João voltou-se rapidamente para a entrada e aguardou, com relativa impaciência, que a menininha cor-de-rosa chegasse com seus olhos muito azuis e os cabelos cacheados. Acostumara-se ao seu surgimento inopinado, sempre antecedido pelo vento do norte e pela forte emanção de maresia que provinha dela. Largou o prato ainda sujo dentro da pia, lavou freneticamente as mãos, enxugando-as, em seguida, na calça desgastada pelo uso e pelo tempo.

A menina não demorou a brotar diante dele, com o mesmo sorriso de sempre estampado no semblante, com a mesma leveza e suavidade, a mesma aura cheia

de mistérios e segredos, o mesmo olhar arguto que vê muito além da realidade imediata, embora na aparência não seja mais que uma criança. João sentiu uma vontade quase incontrollável de estender os braços para ela, de envolvê-la num abraço fraternal e terno, como costumava fazer com o pombinho, antes que este fosse covardemente alvejado e morto por mãos inescrupulosas. Essa lembrança o deixou atordoado. Preferiu conter-se. Por mais que gostasse dela, por mais afeição tivesse por ela e soubesse que ela também nutria por ele uma ternura acima do comum, evitava, na imensa maioria das vezes, certos arroubos. No fundo, tinha medo de, ao tentar estreitá-la nos braços com maior vigor, apalpar somente o vento do norte e seu doce odor de maresia. Temia que, ao agir assim, ela evaporasse para sempre.

— Bom dia, João. Vejo que você já está melhor. Gostaria que você fosse até o mar comigo. A gente podia dar um passeio no seu barco. Apreciar a linha do horizonte. O que você acha?

João aceitou de imediato. Sabia que a menina não teria feito aquele convite, se não tivesse algum objetivo em mente, ou melhor, um bom propósito. Obviamente, não poderia compará-la ao comum dos mortais, cujos objetivos têm, na maioria das vezes, fins absolutamente pessoais, interesseiros. Se ela o convidou para o passeio, certamente queria lhe mostrar algo extremamente importante, como vinha ocorrendo desde que a conhecera. Importante e, no final das contas, inadiável, imperativo. Por isso, ele largou o pano de prato encardido sobre a mesa, deixando seus afazeres para outra hora.

Navegaram durante alguns minutos, perpendicular-

mente à linha do horizonte. Ao chegarem a cerca de trezentos metros da costa, João deteve o barco. Fechou por uns momentos os olhos e ficou saboreando, com enorme prazer, o sopro morno do vento nas suas faces enrugadas, nos seus cabelos agora mais curtos, no seu corpo magro e alquebrado. Quando, depois desses instantes de deleite, reabriu os olhos fatigados, deparou com aquilo que julgou, inicialmente, tratar-se de uma miragem ou uma ilusão: no mastro do barco, seu amiguinho pombo, as penas pretas e brancas muito limpas, sem nenhuma mancha de sangue, olhava para ele com amor.

Teve ímpetos de se aproximar dele. Pegá-lo no colo e beijá-lo afetuosamente. Mas Variata ergueu rapidamente a mão direita, detendo-o. Incrédulo, João ouviu a explicação da menina. Não era o seu amiguinho pombo. Era a mãe dele. Depois da morte estúpida do filho, ela decidiu morar do outro lado da ilha. Mas veio se despedir dele e agradecer pelo zelo com que cuidara do pombo desde que era apenas um bichinho quase só penugem. Os dois fitaram-se longamente e de fato a pombinha parecia estar lhe dizendo alguma coisa só com o olhar, alguma coisa que ele, naturalmente influenciado pelas palavras da menina, interpretou como gratidão. Só não entendia por que ela não o procurara antes. Variata, lendo seus pensamentos, esclareceu que ela se sentia envergonhada por ter abandonado o filho naquele temporal.

João, um pouco relutante, aceitou a explicação. No fundo, o que importava para ele, além da manifestação de gratidão do bicho, era o fato de ter, de uma forma um tanto enviesada, revisto o *seu amiguinho*. A pomba, percebendo sua emoção, olhava-o com um carinho tão intenso,

como se olhasse o próprio filho. Sem sequer despedir-se dele, subitamente ruflou as asas e, com uma velocidade espantosa para um pombo, voou para o outro lado da ilha, dando rasantes espetaculares na superfície da água, feito uma gaivota faminta à procura de peixes. O Pescador suspirou fundo. Em silêncio, ficou olhando demoradamente a linha do horizonte, como quem contempla, com extrema paixão, o rosto da pessoa amada.

Mas João sentia, intimamente, que Variata não o trouxera até ali somente para ter o encontro com a mãe do seu falecido amigo. Claro que isso provocou nele uma emoção tão potente, que revigorou suas parcas energias. Olhou interrogativamente para a menina e, com certa inquietação, ficou aguardando o que mais ela tinha para lhe dizer ou lhe mostrar. A garotinha sorriu, e havia em seu sorriso uma mescla de alegria sorrateira e ruidosa comiseração. Sem mais delongas, voltou-lhe as costas, executou um semicírculo com a mão direita, como quem circunscribe a abóbada celeste, e, com a voz atipicamente cansada, esforçou-se por satisfazer a curiosidade do velho amigo, que a fitava profundamente ansioso.

Lembrou a ele que já estava chegando o fim do século. Muitas pessoas, em diversas partes do planeta, temiam o fim do mundo. Percepção, aliás, absolutamente natural. A mente humana tem mesmo essa capacidade de se inquietar, com relativa facilidade, diante de datas consideradas cabalísticas. Basta lembrar que, todo final de ano, as pessoas festejam de inúmeras maneiras, quer para sepultar tudo de ruim que aconteceu no decorrer do ano, quer para celebrar sua permanência na vida, ou ainda para renovar, em seus corações fatigados, as esperanças

de que no novo ano que se inicia tudo se torne melhor. Segundo ela, também isso faz parte da natureza humana.

Mas com toda certeza o mundo não acabaria. O apocalipse seria, sem sombras de dúvida, adiado sabe Deus para quando. Entendendo o apocalipse, obviamente, como a vinda dos quatro cavaleiros, que decretariam o fim dos tempos, instaurando aquilo que se denomina Juízo Final. Porque, se o entendêssemos de outra forma — prosseguiu a menina, olhando de novo para o Pescador —, o apocalipse acontece todos os dias, de forma mais ou menos homeopática. Quer dizer: pequenas ou grandes catástrofes acontecem diariamente em diversas partes do mundo, promovendo para muitos o famigerado juízo final. Fazendo parecer que os quatro cavaleiros ora agem isoladamente cada um, ora se unem em dupla ou em trio na fábrica dos flagelos. Terrível mesmo será o dia em que os quatro se unirem e, fundindo suas energias poderosamente atômicas, produzirem uma gigantesca e definitiva hecatombe.

Mas os prognósticos revelam que isso levará um longo tempo para realmente acontecer. A humanidade precisará ainda ser pisoteada e esmagada, diuturnamente, sob as patas selvagens dos cavalos. O pior é que são patas completamente cegas: não distinguem, em meio às gentes, quem é bom ou ruim, velho ou moço, homem ou mulher, religioso ou ateu, rico ou pobre, culto ou ignorante. Para elas, tal os exércitos nas guerras, os danos colaterais nada significam. Não têm o menor sentido. É da natureza dessas patas pisar, cegamente, indiferentemente, impiedosamente, tudo o que se coloca em seu caminho. Absolutamente sem nenhuma nódoa de pra-

zer e sem nenhuma mancha de misericórdia, sem qualquer contentamento, mas também sem qualquer mágoa ou rancor. Simplesmente esmagam as pessoas, como se fossem pilões esmagando as mandiocas, até reduzi-las a uma massa informe, pastosa, que, depois de desidratada, se torna finalmente farinha. Eis ao que estamos fadados. Virar essa pasta desidratada, sob as patas insensíveis dos cavalos do apocalipse.

Por outro lado, disse a menina, o mundo em nada se tornará melhor, ainda que a maioria das pessoas tenha a plena consciência dos cascos constantemente prestes a achatar seus pobres corpos ignominiosamente vulneráveis. É claro que, nos próximos vinte anos, a tecnologia vai se desenvolver de um jeito tão extraordinário, que muitos pensarão: “Caramba, somos tão fenomenais que podemos mesmo prescindir da existência de Deus!”. Embora vá, paradoxalmente, ocorrer uma proliferação de religiões e de religiosos jamais vista na história da *civilização* humana. Paradoxalmente, porque faltará, à maioria deles, o que é verdadeiramente essencial, e está acima das rugas entre as religiões todas: o sentimento de religiosidade. O mesmo que você, João, desenvolveu, na época que sua mãe o levava para assistir às ladainhas de Dona Sinhá, e você ficava profundamente encantado com a voz poderosa daquela senhora e, principalmente, com as imagens dos santos.

Apesar desse fabuloso *boom* das velhas e novas religiões, os homens, no rastro da sua infinita pobreza espiritual e da sua torpe crueldade, continuarão a se matar como percevejos, e pelos motivos mais banais. Aliás, a morte de qualquer ser humano, não importa

a cor, ou o credo, ou o sexo, ou a idade, ou a nacionalidade, tampouco as causas ou o nível de barbaridade, causará pouco impacto na moderna sociedade do espetáculo. Comoção, se houver, será muito pequena, e tão logo se precipite com suas águas outrora caudalosas, será absorvida pela maldita esponja, que a tudo nivela, a tudo torna homogêneo; a força explosiva de qualquer ação ou reação, aniquilando, feito as patas cegas dos cavalos do apocalipse, reduzindo a pó qualquer indivíduo, qualquer individualidade.

Os homens terão acesso a redes de comunicação que os tornarão conectados a todo tempo uns com os outros. Amigos reencontrarão amigos que não viam há muito tempo.

Parentes próximos ou distantes se conhecerão e se reconhecerão, para a concomitante alegria e tristeza de suas vidas. O acesso a qualquer tipo de informação dar-se-á de forma tão instantânea, que bastará pensar “*Fiat lux*”, e a luz do conhecimento imediatamente acenderá, mas, apesar de tudo — e contraditoriamente — não iluminará as mentes das pessoas, nem a capacidade extraordinária de conexão manterá elas decididamente conectadas. Todo mundo será especialista em tudo, cada um terá suas miúdas certezas tão iluminadas, que ofuscarão as certezas alheias e serão por elas ofuscados. A circulação de informações chegará a tal nível, que ninguém mais terá plena convicção do que é mentira ou do que é verdade. Isso praticamente produzirá, ao mesmo tempo, a crença e a descrença em tudo. E erguerá maniqueísmos colossais. Enfim, as relações conhecerão as mais absurdas deliquescências.

Mas isso, João, ainda não é tudo. Velhas ideologias decrepitas se erguerão das suas tumbas, do lodo nocivo em que chafurdavam, e novos ditadores continuarão a velha prática de exterminar pessoas como se fossem moscas, sem a menor consciência de injustiça. Continuarão a bombardear escolas e hospitais, terminando de matar e mutilar os que de per si já estavam mais do que mortos e mutilados. Não que isso represente um ato de bondade, um favor, comparável ao famigerado tiro de misericórdia, como o que Zé do Trabuco desferiu no jegue de Manoel Manco. Não haverá misericórdia nos seus atos, tampouco qualquer remorso por suas inevitáveis e nefandas consequências. Nada disso. Seus gestos serão revestidos apenas do pó do ouro das riquezas que tanto prezam e defendem.

A menina, ofegante, conteve a enxurrada de profecias. Ficou durante muito tempo quieta, contemplando a linha do horizonte. João, ao seu lado, também nada dizia. Seus olhos horrorizados, igualmente voltados para a linha do horizonte, projetavam no ar as imagens nefastas que as duras palavras da menina exprimiam. E, sem saber exatamente por quê, sentiu-se, apesar do desalento e da tristeza que lhe corroíam o ser, subitamente feliz. Inicialmente, envergonhou-se daquele sentimento mesquinho. Como podia ficar feliz, diante de um quadro tão dantesco? Como podia ficar contente, sabendo que muitos continuariam a perder as vidas sob os escombros e tantos e tantos outros seriam mutilados, pelas mais terríveis e sofisticadas armas de guerra? Como se entregar a qualquer tipo de contentamento, tendo a plena consciência de que a fome, as guerras, as perseguições políticas e religiosas, a miséria, enfim, todos esses cancrios da humani-

dade levariam ao que tudo indicava multidões inteiras a abandonar seus países, suas famílias, seus entes queridos, em busca de uma suposta vida melhor, numa espécie de novo êxodo que certamente resultaria, muitas vezes, num suicídio em massa? Já que não haveria nenhum Moisés a conduzi-los, com segurança, através do Mar Vermelho. Justamente por isso, finalmente deu-se conta, sentia-se tão feliz: tinha certeza absoluta de que não sobreviveria para presenciar aquilo.

A menina manteve-se em silêncio durante o trajeto de volta, deixando o Pescador absorto em seus pensamentos. De alguma maneira, encerrava ali a sua missão. Sabia que João o pressentia. E sabia também que, apesar do estrago que aquelas previsões produziram na alma dele, entendia bem o propósito dela.

João atracou o barco no ancoradouro. Antes que a menina se afastasse, como sempre o fazia, seguida pelo vento norte e pelo casal de botos cor-de-rosa, ele estendeu cautelosamente a mão direita, acariciando, com os dedos encarquilhados e nodosos, os cabelos cacheados dela, em sinal de afeto e gratidão. A menina sorriu ligeiramente, discretamente. E se despediu dele apenas com um aceno de cabeça.

João retornou para os seus miúdos afazeres domésticos.

CAPÍTULO XXII

AS BESTAS

João Pescador amanheceu extremamente melancólico. Fazia uma semana não desfrutava da companhia de sua misteriosa amiguinha. Depois daquele passeio no mar, em que ela fez previsões terríveis, não o visitou mais. Nem ela, nem o vento do norte, nem o casal de botos rosa. Parecia que ela, por uma razão inexplicável, o havia definitivamente abandonado. Mas, também *por uma razão inexplicável*, sabia que ela, no momento oportuno, reapareceria, nem que fosse pela última vez. Isso consolou seu pobre coração.

Apesar da aproximação rápida de algumas nuvens baixas e pesadas, resolveu perambular um pouco pela orla. Precisava aliviar sua mente de alguns pensamentos nefastos que lhe oprimiam o ser, como se, assim como as nuvens escuras, imprimissem no seu espírito conturbado um mau presságio. Olhou a sua volta, talvez tentando adivinhar de onde provinham aqueles pressentimentos ruins. Mas nada na paisagem ao seu redor denunciava qualquer anormalidade. Tudo parecia absolutamente tranquilo. Por que, então, aquela inquietação na alma?

Aproximou-se lentamente do Bar do Juvenal, frequentado, àquela hora, apenas por uma meia dúzia de desocupados, entre os quais João reconheceu, com desagrado, as figuras de Manoel Manco e Zé do Trabuço. Eles, assim que perceberam a aproximação do Pescador, fecharam a cara, e o primeiro deles cuspiu no chão, com desdém. João fingiu ignorar aquele gesto estúpido. Não

queria saber de confusão. Há muito tinha decidido não aceitar provocações daqueles desgraçados. Apesar de as mortes do jegue e do pombo (principalmente deste) ainda estarem entaladas em sua garganta; ainda clamarem por vingança. Decidiu seguir em frente sem sequer olhar para eles. Esta lhe pareceu, pelo menos naquele momento, a melhor forma de desprezo.

Não tinha caminhado nem cinquenta metros, quando ouviu os gritos de Antônio do Mangue, cuja presença na praia lhe passara totalmente despercebida:

— Fugam! Fugam enquanto é tempo! Os raios! Os raios! — gritava e agitava freneticamente os braços, enquanto avançava na direção dos que estavam à porta do bar. João estacou, e ficou observando a cena.

Todos caíram na gargalhada, e começaram a zombar do pobre homem. Este não parava de gritar e gesticular, cada vez mais agitado, como se um tremendo surto lhe fizesse tremer todos os músculos e ossos. João nunca o tinha visto agir assim, e ficou sinceramente preocupado com a reação dos outros, especialmente dos irmãos facínoras, que eram capazes de praticar alguma perversidade contra o infeliz, assim como certamente fizeram com seu pombo. Por isso, aproximou-se vagarosamente, detendo-se a poucos passos deles.

Não se sabe ao certo se irritados com a insistência do louco, ou se incomodados pela muda presença do Pescador, os dois irmãos acercaram-se de Antônio dos Raios e, enquanto este continuava a gritar e gesticular, eles começaram a girar em torno dele, o que o deixava mais agitado e confuso. João pressentiu que aquilo não ia acabar bem, mas preferiu não se intrometer, a menos que

eles passassem dos limites. Manoel Manco, gargalhando e exibindo os dentes encardidos, talvez percebendo a intenção do Pescador, ao mesmo tempo em que empurrava Antônio Maluco, vociferou:

— Fora daqui, seu louco fedorento! Volta pro lamaçal de onde você saiu!

— Fora, seu merda! — ajuntou Zé do Trabuco, acariciando a coronha da arma. Os outros desocupados gargalharam mais alto, incitando os irmãos a escorraçarem o pobre homem.

No momento em que Manoel Manco ameaçou empurrá-lo novamente, Antônio do Mangue jogou instintivamente a mão direita para trás e atingiu, sem querer, o rosto do perneta. Este cambaleou. Teria caído, caso seu irmão não o amparasse. Manoel ficou furioso, e investiu contra o louco. Este gesticulava ainda mais, como se estivesse morrendo afogado, e gritava: Os raios! Os raios! Vão pulverizar vocês! O Manco foi atingido novamente no rosto, só que desta vez cambaleou, e caiu.

Zé do Trabuco rapidamente sacou a arma e apontou para a cabeça do louco, premindo levemente o gatilho, disposto a disparar. João Pescador, que até então permanecera em silêncio e imóvel, resolveu intervir. Avançou velozmente. Meteu-se entre os dois homens. Olhou duramente o mau elemento e, com a voz calma e extremamente fria, ordenou:

— Baixa a arma, homem! Ele não atingiu seu irmão por mal. É só um pobre-diabo.

Zé do Trabuco permaneceu alguns segundos em silêncio, talvez avaliando a situação. Ou simplesmente paralisado pela atitude resoluta e inesperada do Pesca-

dor. Olhou o irmão caído no chão. Guardou a arma. E o ajudou a levantar-se. Manoel Manco cochichou algo em seu ouvido esquerdo. Ele assentiu com a cabeça. Voltou a olhar com ódio para João e Antônio do Mangue. Retornaram ao bar.

Enquanto se afastava com o louco, que não parava de falar e gesticular, João pensava no ocorrido. Preferia não ter se intrometido naquela encrenca. Mas, por outro lado, não podia permitir que maltratassem ou mesmo executassem o infeliz. Primeiro porque era praticamente inofensivo; segundo porque já sofrera demais e carregava, para o resto da vida, um fardo insuportável. Não o importunassem, e ele não teria se agitado tanto, teria ido embora. Por fim, lembrou-se do que Variata disse, e temeu sinceramente pela vida dele.

Ao chegar perto da choupana de Antônio do Mangue, João retornou. Quando passou em frente ao Bar do Juvenal, ele viu os dois irmãos sentados a uma mesa, bebendo e fumando, falando e rindo alto. Assim que o viram, calaram-se, e cravaram os olhos cheios de ódio em sua figura magra. Mas permaneceram sentados. Seguiu reto em direção ao seu barco. Decidira pescar um pouco. Precisava espairar. Subiu na embarcação. Partiu para alto mar. O coração cheio de saudade da menininha cor-de-rosa. Por onde andaria? Tornaria a vê-la? Sentiu-se estranhamente só e desamparado.

No final da tarde, um pouco antes de o sol se pôr no horizonte, decidiu voltar. Ao invés de seguir em linha reta até o píer onde ancorava o barco, navegou em semicírculo, contornando a enseada, de modo a passar primeiro em frente ao mangue, onde ficava a choupana de Antônio dos

Raios, ao lado da qual um pequeno cemitério guardava os filhinhos dele, os seis natimortos e o que foi pulverizado por um raio. Mal dobrou a extremidade da enseada, deparou-se com um terrível espetáculo: a choupana ardia em chamas. Vários moradores corriam em sua direção, talvez com a intenção de apagar o fogo. Mas as labaredas já haviam consumido quase toda a habitação.

João atracou o barco. Correu o mais que pôde pela areia. Estarrecido, viu Antônio do Mangue estendido no chão, o corpo bastante queimado e um orifício de bala na testa. Ao lado do cadáver, Zé do Trabuco, com a arma ainda em punho, e Manoel Manco. Ao redor deles, murmurando baixinho, ao mesmo tempo incrédulos e amedrontados, um punhado de pescadores, por entre os quais João abriu passagem. Ao chegar próximo aos dois irmãos, apontou para o morto:

— Por que vocês fizeram isso com ele? Que porra de covardia foi essa?! — alguns pescadores, munidos com baldes, facões e pedaços de madeira se aproximaram um pouco mais.

— Não fala merda, Pescador. A gente também gostava dele. — respondeu Zé do Trabuco.

— Então por que o mataram? — os pescadores entreolharam-se, certamente se perguntando a mesma coisa.

— Nós fomos os primeiros a chegar aqui. Tentamos apagar o fogo, mas já era tarde. Encontramos o louco se contorcendo na porta da choupana, e o arrastamos pra cá. Jogamos areia nele e apagamos o fogo de suas roupas. Mas ele já estava muito queimado, urrando de dor. — disse Manoel Manco.

— Sei. Aí vocês decidiram executar ele?

— Não. A gente queria levar ele para o posto de saúde. Mas ele não quis. Começou a tossir e cuspir sangue. Implorou que a gente desse um tiro de misericórdia nele, e pediu pra ser enterrado junto com seus filhos. — completou Zé do Trabuco. E aduziu: — Só fiz o que ele pediu. Por pena, não por maldade.

João Pescador, não acreditando nem um pouco na história daqueles dois, voltou-se para os demais e perguntou:

— Algum de vocês viu o que aconteceu aqui?

Todos negaram com a cabeça. Ninguém tinha presenciado o momento em que o tiro fora desferido. Viram apenas o incêndio de longe. Quando ali chegaram, os dois irmãos já estavam no local, junto ao corpo daquele infeliz. João suspirou fundo. Sabia que, mesmo que alguém tivesse presenciado os fatos, nada falaria, seja por medo dos dois irmãos, seja por acreditarem ter sido melhor para Antônio morrer. Assim poderia juntar-se aos seus. Escolheu três deles e, parecendo ignorar a presença dos dois facínoras, murmurou, a voz cansada e os olhos úmidos:

— Me ajudem a sepultá-lo.

E, para os outros:

— Acabou o espetáculo. Vão cuidar de suas vidas! Se é que isso é possível. — completou, olhando para o céu, agora encardido de nuvens escuras e recortado de sinistros relâmpagos.

A multidão, depois de alguma resistência, finalmente dispersou-se. E a chuva não demorou a cair. Grossa. Pesada. Violenta.

CAPÍTULO XXIII

AS PRAGAS

Os raios

João Pescador, após sepultar Antônio do Manguê, retornou a sua choupana, o coração brutalmente entristecido. Receando que algum raio pusesse fim a sua parca existência, andava sob a tormenta o mais rápido possível. Enquanto caminhava apressadamente, ia relembando os últimos acontecimentos, tentando avaliar, sem grande sucesso, cada um de seus pormenores. Era peso demais, mesmo para o peito de um homem fustigado pela vida e pelo tempo. Por isso voltou a sentir uma tremenda falta da menininha cor-de-rosa. E olhava para todos os lados, na esperança de, em meio à cortina de água, reencontrá-la.

Trovões. Relâmpagos. Estrondos. Clarões estupendos. E raios. Dezenas. Centenas de raios castigando furiosamente toda a orla. Destroçando inúmeros barcos. Derrubando árvores. Arrebentando as tábuas do cais. Atingindo violentamente as choupanas de alguns pescadores. Choros. Rezas. Gritos de fúria e desespero. Lamentações. Agonias. Pavores. Duas mães correndo sob a chuva, com seus filhos ensanguentados ao colo, um deles em estado grave. Enlouquecidas. Cegas de dor. Sem entender direito por que tudo aquilo estava acontecendo justo com elas. Nem elas nem João entendiam por que aquelas crianças pagavam por crimes que não tinham cometido. Mas o Pescador estava exausto demais para intervir. Que a vontade de Deus se cumprisse! Que os justos pagassem

pelos pecadores! Que a ilha toda submergisse sob a fúria das águas e dos raios! Nada disso lhe dizia respeito. Estava farto de tudo e de todos.

Quando chegou frente ao Bar do Juvenal, um estrondo terrível sacudiu todas as moléculas do ar, fazendo-o estremecer. Parte do telhado da bodega ruiu. E uma grande chama laranja e azulada se ergueu em meio às paredes derruídas, mas foi logo apagada pela chuva torrencial. Alguns vultos surgiam de entre os escombros. Machucados. Apavorados. Aterrorizados. Extremamente atordoados.

Apesar da pouca visibilidade, João reconheceu Zé do Trabuco. Carregava no ombro esquerdo seu irmão desfalecido. Não havia grandes escoriações no resto do seu corpo, mas a perna sadia tinha sido amputada na altura do joelho. Viam-se, na ponta do cotoco, fragmentos de ossos, frangalhos de carne e pele e nervos. O Pescador se aproximou. Observou-os em silêncio. Não sentiu pena dele. No íntimo, achava que Manoel Manco tivera o que merecia. Avaliou os estragos na perna do homem, e concluiu que sobreviveria. “Vaso ruim não quebra”, pensou. E totalmente ensopado, seguiu rumo à choupana. Sentia-se um farrapo. No corpo e na alma.

Os peixes

No dia seguinte, João acordou mais tarde que o normal. A chuva intensa perdurou toda a noite, não deixando dormir direito. Felizmente, a choupana, embora bastante precária, resistiu. Sem ao menos tomar o café costumeiro, resolveu andar pela orla. Queria avaliar os

estragos produzidos pelo temporal e resgatar seu barco que, em meio àquela confusão toda, esquecera ancorado em frente ao que restou da choupana do pobre Antônio do Mangue.

Ao sair da humilde habitação, andou somente alguns passos e, estarecido, se deteve: o temporal tinha destruído quase todas as embarcações; parte do ancoradouro principal; derrubara pela raiz várias árvores; arrancara diversos galhos de outras; danificou várias choupanas; provocou um deslizamento de terra, soterrando completamente uma das casas; destruiu parcialmente o Bar do Juvenal; além de outros estragos de menor proporção.

O Pescador, passado o susto inicial, continuou caminhando vagarosamente pela areia da praia. Alguns pescadores lhe informaram o saldo da tragédia: oito feridos, uma menina morta por um raio e uma família de três pessoas, as quais alguns moradores pelejavam para retirar dos escombros da residência soterrada. Outros habitantes da ilha se empenhavam em recolher todo o lixo deixado pela devastação e consertar principalmente os barcos e habitações e estabelecimentos danificados. A família velava a criança morta.

O sol, extraordinariamente quente, calcinava tudo em torno, infectando o ar com um mau cheiro horrível, emanado dos milhares de peixes mortos que boiavam na água suja, coalhada de destroços. Gaivotas, pelicanos, atobás, fragatas, biguás, rabos-de-palha, tordas-mergulheiras e outras espécies de aves marinhas mergulhavam vertiginosamente no mar, alimentando-se dos peixes que ainda estavam relativamente frescos. Mas não conseguiam dar conta de tão farto banquete.

João Pescador perambulava letárgico pela areia. No início, até pensou em ajudar os outros. Mas sentia-se, naquele momento, cansado demais. O moral terrivelmente abatido. Só queria mesmo era chegar à outra ponta da ilha, de onde partiria com seu barco para longe de toda aquela ruína. Só retornaria no final do dia, quando tudo estivesse mais calmo.

Durante o percurso, tentava entender o que ocorrera ali, mas os episódios do dia anterior, o cenário encontrado pela manhã e o cansaço da noite mal dormida impediam-no de refletir. Seguiu reto, o mau cheiro exalado dos peixes entranhava no seu nariz, na sua roupa, na sua pele, na sua alma. Sentiu náuseas.

As moscas

Passava do meio-dia. O sol tenaz continuava com sua fábrica de decomposição, tornando imprestável todo aquele alimento. Parecia um milagre às avessas. A maré havia baixado e, para piorar a situação, toneladas de peixes exibiam sua carcaça prateada na areia quente, empestando ainda mais o ar com seu prurido. Milhares de moscas domésticas e varejeiras pousavam nos cadáveres, alimentando-se da carne putrefata, em cujos restos depositavam seus ovos. Não se sabia o que era mais funesto: o ruído sinistro produzido pelas moscas ou o fedor de carniça dos peixes.

Fora João, que seguira nauseado até seu barco, os outros moradores da ilha estavam atarefados demais para se ocuparem com os peixes e as moscas. Mas, quando terminassem os trabalhos de resgate da família soterrada,

de cuidar de seus feridos e mortos, de reorganizar toda aquela bagunça, forçosamente teriam de se ocupar daquele novo inconveniente. O odor tornara-se praticamente insuportável, e os insetos não se limitavam a pousar nas carcaças. Espalharam-se por toda a parte, infernizando ainda mais a vida daqueles infelizes.

O Pescador, conforme prometera a si mesmo, só retornou à ilha no finalzinho da tarde. Um pouco mais animado. Entrevira, quando estava prestes a voltar, o casal de botos. E jurava que, no dorso de um deles, a menininha cor-de-rosa lhe fazia sinais com os bracinhos erguidos. Essa visão, entretanto, tinha durado apenas um átimo. Fruto, talvez, de suas retinas fatigadas. Pensando ternamente na menina, aproximou-se lentamente da praia. Antes mesmo de atracar no que sobrou de um dos atracadouros próximo a sua choupana, sentiu o forte bafio. Mas novamente resistiu à náusea. E, ao descer da embarcação, seguiu reto para casa, perseguido pelo maldito cheiro e por dezenas de moscas.

No dia seguinte, juntamente com os outros habitantes da ilha, João ajudou a abrir, na parte mais deserta do lugar, um grande fosso, onde começaram a jogar o que restara dos peixes. Todos se empenharam arduamente nessa tarefa, homens, mulheres e crianças. Exceto os feridos e os que tinham perdido seus entes queridos. Acreditavam que aquela estratégia acabaria com o enxame das moscas. Mas elas haviam se reproduzido rapidamente. Seria preciso, pois, adotar outros expedientes.

Enquanto trabalhavam, o Pescador soube que dois dos moradores da casa soterrada tinham sido resgatados com vida. Infelizmente, o filhinho do casal não resistiu.

Já eram duas crianças mortas, uma menina e um menino, ambos, por uma terrível coincidência, filhos únicos e com sete anos de idade. João supôs que os outros moradores, esfalfados pela energia desprendida na labuta, não tinham percebido aquele pormenor. Preferiu, contudo, abster-se de compartilhar esse dado nefasto com os demais. Mas não conseguiu conter o arrepio que lhe percorreu da cervical até o cóccix. E intuiu, sinceramente, que aquilo ainda não era o fim dos seus martírios.

Apesar do feroz combate contra as moscas empreendido durante uma semana, milhares delas ainda infectavam tudo ao redor, por meio de suas patas, saliva e cerdas do corpo, com um sem número de vírus, bactérias, protozoários e helmintos, cujos efeitos nocivos rapidamente fizeram novas vítimas: vários adultos e crianças adoeceram. Mas, talvez por ironia do destino, somente duas crianças, um menino e uma menina, com sete anos e filhos únicos, sucumbiram. Com isso, o total de vítimas fatais subiu para quatro. Cada uma de uma família diferente.

Os anuros

Na segunda semana após a grande tempestade, as árduas tarefas, o desgaste físico e emocional pouco a pouco exauria as forças dos moradores da ilha. Diuturnamente combatiam as moscas, mas centenas delas persistiam. Felizmente, por um arranjo da natureza, surgiram os anuros: rãs, sapos e pererecas de variada espécie, das mais inofensivas até as mais venenosas. Ninguém sabia de onde tinham surgido. Centenas deles se espalharam por toda orla, invadiram barcos, estabelecimentos comerciais

e casas. Onde havia moscas eles apareciam, e as engoliam com voracidade.

Embora muitos deles apresentassem um aspecto nauseante, os sofridos habitantes da ilha agradeceram, no início, a presença dos bichos. Aos poucos as moscas foram desaparecendo. Mas eles começaram a se proliferar de uma forma absurda. E o pior é que a maior parte deles, especialmente os mais coloridos e bonitos, eram venenosos. Suas peles e glândulas expeliam poderosas toxinas, capazes de provocar, nos seres humanos, febre, dores severas, convulsões, falha respiratória, queimadura, inchaço na pele, e até mesmo a morte, embora não sejam animais peçonhentos, pois seu veneno não é inoculado.

Os moradores da ilha empreenderam, então, um feroz combate contra os anuros. Matavam-nos e os queimavam em grandes fogueiras. Mesmo assim, inúmeros deles sobreviviam teimosamente à caçada e, no final da semana, tinham envenenado vários moradores, os quais lutavam penosamente para sobreviver, com os pouquíssimos recursos médicos de que dispunham. Entre eles, Zé do Trabuco, que sobreviveu graças ao seu irmão mutilado. Este, embora a ferida na perna amputada não estivesse totalmente curada, fez tudo o que pôde para salvar o irmão. E intimamente tributava toda aquela tragédia a duas pessoas: João Pescador e Antônio do Mangue. Isso aumentava seu ódio.

Assim como a tempestade e as moscas, os anuros também fizeram uma vítima fatal: um menino. Novamente sete anos. Novamente filho único. Mais uma família sentia sobre si a mão pesada de Deus. Ou simplesmente o conluio da natureza.

As serpentes

No início da terceira semana, a população de anuros, apesar de todos os esforços de João e dos moradores da ilha para destruí-los, mantinha-se relativamente grande. Então surgiram as serpentes, isto é, diferentes espécies de cobras e víboras. Algumas inofensivas, outras extremamente venenosas. Umas pequenas, outras com mais de cinco metros de comprimento e acima de vinte centímetros de diâmetro.

A princípio, não eram muitas. Sua voracidade, porém, era enorme. Devoravam tudo quanto era rã, sapo e perereca que encontravam. Com a ajuda do Pescador e dos moradores, que continuavam combatendo tenazmente essa praga, reduziram, em pouco tempo, centenas de anuros a apenas algumas dezenas. Os habitantes da região agradeceram, inicialmente, a presença daqueles predadores tão eficazes. Acreditavam que, com a possível escassez alimentar, o número de serpentes reduzisse, antes mesmo de causarem qualquer dano. E, com isso, pudessem retornar a sua vida normal. Que seu martírio teria fim.

Contudo, além de as espécies de serpentes que já estavam ali se reproduzirem rapidamente, ainda surgiram novas espécies, infestando toda a ilha. Elas se espalharam por todos os lugares: choupanas, casas, estabelecimentos comerciais, barcos, árvores, moitas, plantas. Logo, a caçada mudou de foco, mudou de alvo. Era preciso urgente exterminá-las. Sobretudo as peçonhentas e as de grande porte. A caçada se tornou feroz. Matavam-nas às dezenas e, assim como os anuros, queimavam-nas numa grande pira.

No meio da semana, os répteis já haviam picado vários moradores, e uma sucuri gigante arrancara o braço de um deles. O pequeno posto de saúde avançado já estava apinhado de gente. Os diferentes tipos de soro antiofídico começavam a escassear. Se aquela situação durasse mais uma semana, provavelmente muitos sucumbiriam. Por isso os combates se intensificavam. Os moradores, embora bastante enfraquecidos pela luta contra as outras pragas, reuniam as últimas forças, e passavam o dia e a noite estraçalhando, com toda sorte de arma, aqueles bichos tão repugnantes quanto letais.

Doentes, mutilados, machucados e exaustos, os ilhéus chegaram ao final da semana, a eterna fogueira incinerando os corpos dos animais e espalhando um odor horrível por toda a região. Muitos oravam, rezavam, imploravam aos céus o fim daquele tormento. Apesar de o número de serpentes ter-se reduzido drasticamente, e a quantidade de ataques aos habitantes resultarem quase nulos, uma menina de sete anos e filha única do barbeiro foi picada por uma serpente, cujo veneno teria poder de matar até vinte elefantes. Como o veneno foi diretamente inoculado em uma de suas artérias, não houve tempo sequer de lhe aplicar soro. Morreu nos braços do pai, a caminho do posto de saúde.

João Pescador, que durante aqueles dias mostrou-se incansável, combatendo as pragas, socorrendo os feridos, sepultando os mortos e acalentando as famílias, milagrosamente se manteve ileso. Era um dos poucos que não tinha sofrido nenhum tipo de lesão ou perda. Isso o deixava feliz, mas ao mesmo tempo triste: preferia ter morrido no lugar de uma daquelas crianças. Única forma de suavizar o

martírio de seu coração era entregar-se com afinco a sua nobre missão. E torcer para que tudo aquilo terminasse.

Já nos limites de suas forças, os moradores do lugar notaram que a maldita população de serpentes fora reduzida a algumas dezenas, restando apenas algumas espécies, a maioria cobras, que são inofensivas, e umas poucas víboras, que são peçonhentas, portanto, perigosas. As de maior dimensão, ou foram mortas, ou tinham desaparecido na floresta. Isso representava certo alívio para aquelas pobres almas.

As aves de rapina

No princípio da quarta semana, os moradores foram surpreendidos, assim que acordaram, por uma nova invasão: centenas de ave de rapina, de várias espécies e tamanhos, sobrevoavam o lugar, feito uma nuvem de gafanhotos. A maioria de hábitos diurnos: águias, falcões, gaviões, acauãs, carcarás, condores, harpias, abutres, entre outros. E várias espécies de corujas, todas de hábitos noturnos. Pousavam em todos os lugares, emporcalhando tudo com suas fezes. O mais importante: atacavam as serpentes, capturando-as e matando-as com as garras poderosas e os bicos afiados.

No início, aquilo representou um alívio para todos. As aves, em sua maioria, eram de uma beleza extraordinária. Era incrível admirar o espetáculo dos seus voos e a perícia com que caçavam os répteis, quase os dizimando por completo. As serpentes contorciam-se inutilmente nos seus bicos e garras. Mas boa parte delas morria já no primeiro ataque, tal a eficiência daqueles caçadores.

Implacáveis e insaciáveis, os rapinantes exterminaram, antes do fim da semana, várias dezenas de serpentes. Contentes com a suposta vitória, homens, mulheres e crianças efusivamente comemoraram, crendo que as aves, findo o seu repasto, voltariam para os lugares de onde vieram. No entanto, elas permaneceriam até o início da semana seguinte. Durante essa permanência, elas começaram a atacar todas as criações dos moradores: pintos, galinhas, pássaros, preás, coelhos, gatos, cães.

Como eles reagissem a essa nova ameaça, munidos de paus, pedras, facões e, para a surpresa de João Pescador, com várias armas de fogo, as aves de rapina passaram a revidar, atacando furiosamente a todos os humanos do lugar, sobretudo as crianças menores. O número de feridos aumentou rapidamente, alguns menos outros mais graves. Parecia uma luta sem tréguas.

Felizmente, a dedicação encarniçada dos habitantes na batalha dizimou boa parte das aves e afugentou as que restaram. Antes, porém, uma harpia gigantesca cravou suas garras perversas num menino de sete anos, matando-o instantaneamente. Juvenal, o dono do bar, tombou de joelhos diante do corpo ensanguentado do seu filho único, chorando convulsivamente.

João Pescador, como das outras vezes, ajudou a cuidar dos feridos, a enterrar o menino e a consolar os familiares.

Os homens

Na semana que sucedeu a esses acontecimentos, as pessoas, finalmente livres das pragas, e relativamente recuperadas das sequelas, voltaram a se dedicar aos seus afazeres domésticos, às suas miúdas batalhas cotidianas. Precisavam urgente refazer as suas vidas. As cicatrizes demorariam muito a desaparecer, as físicas, as morais e as espirituais. Tinha sido uma duríssima lição.

Mas aprenderam, durante a tragédia, a respeitar e a admirar o incansável João Pescador. Não o consideravam mais um arrogante, ou um louco. Nele percebiam um homem de estatura acima do normal. Certo que outros também demonstraram o seu valor. Mas ele era um homem solitário. Não tinha parentes nem amigos ali. Poderia simplesmente ter-se esquivado. Cuidado da própria pele. Mas não o fez.

Quase todos passaram a tratá-lo com carinho, e certa deferência. Exceto, é óbvio, os dois irmãos. Esses, tão logo se recuperaram das suas lesões e doenças, iniciaram uma feroz campanha de difamação, injúria e calúnia contra ele. Não conseguiam admitir que o seu maior inimigo fosse idolatrado *por aquele povinho de merda*. Era preciso, pois, esfregar a verdade na cara deles. Mostrar quem realmente era aquele indivíduo. Diariamente reuniam pequenos grupos de moradores e lhes apresentavam seus argumentos erísticos:

— Vocês não passam de uns tolos, uns bobões. Idolatrando esse filho da puta desse Pescador — dizia Manoel Manco, o mais veemente dos irmãos.

— Por que você afirma isso? Sabemos que não gosta dele — retrucavam os mais corajosos.

— Pensem, homens, pensem! Quantas crianças morreram? Quais as idades dessas crianças? Elas tinham algum irmão ou eram filhas únicas? — E acrescentava: — Pensem um pouquinho.

— E daí? — indagavam os outros, sem conseguir acompanhar o raciocínio do aleijado.

— Explica pra eles, Zé. Tô perdendo a paciência.

— É simples. Quais foram os únicos que não perderam ninguém, nem ficaram doentes, nem foram feridos? — perguntou Zé do Trabuco, um tanto enfasiado.

— Pois eu digo a vocês, rebanho de inocentes. João Pescador e os três pescadores que ajudaram a sepultar Antônio do Mangue — faz uma pausa. Quantos filhos tiveram o dos Raios e a mulher dele? Sete. Quantos nasceram mortos? Três meninos e três meninas.

— Na verdade, ele só teve um filho único, que morreu aos sete anos, atingido justamente por um raio — completou o impaciente e perneto Manoel Manco. O que aconteceu aqui foi fruto de uma maldição, um pacto com o diabo. E nós sabemos muito bem quem é o principal culpado — concluiu.

Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura, diz o adágio popular. *Uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade*, apregoava um general alemão. Ambos têm razão, o militar e o povo. Ao longo de toda a semana, bombardearam os ouvidos dos outros moradores com a mesma lenga-lenga, especialmente daqueles cujos filhos haviam sucumbido à hecatombe.

O resultado não poderia ser outro. Voltaram a hostilizar o Pescador. Primeiro timidamente. Depois, mais abertamente. Alguns lhe viravam as costas, sem responder a seus cumprimentos. Outros cuspiam no chão, quando ele passava. Os três pescadores, que também passaram a sofrer certas retaliações por terem ajudado a sepultar o louco do Mangue, contaram para João o motivo de tanto rancor, de tanto desprezo. Ele nada respondeu. “Os homens, os homens já não me iludo”, pensou. E sorriu, amargurado. A mão direita no bolso da velha calça, premindo as sete conchinhas brancas que Variata lhe dera.

CAPÍTULO XXIV

A CANÇÃO DE VARIATA

1

Cinzentos de um outono quase branco, quase fraco, quase nulo...

Todos os anos, a chegada do outono traz mudanças consideráveis. O mar não fica nem violento nem calmo, se bem que pela manhã costuma ficar mais plácido. Como há sempre alternância na tonalidade das nuvens, o mar pinta-se de três cores básicas: ou se revela verde-musgo um tanto desbotado, ou cinza-escuro tendendo ao desespero, ou azul-marinho mesclado com o marrom dos rios transbordados.

Há sempre chuvas fracas, pouco volumosas, permeadas de sol morno. Essas chuvas acinzentam um pouco a paisagem, dando a ela um aspecto triste e comovente. O ar fica constantemente úmido e causa um prazer enorme ao ser tragado pela manhã.

O vento, que agora vem do sul e sobe todo o litoral, fica ressecado pelo salitre. As árvores, caladas e pálidas, desabam verde pelo chão. As flores não vão além de botões medrosos, frustrados, encalistrados. Ora o céu fica repleto de nuvens brancas, brincalhonas e infantis. Ora de nuvens cinzentas, arroxeadas, carrancudas e pesadas.

Em meio a tudo isso, ilhas de azul resplandecem. E porque o céu se apresenta variegado de cores, e porque o sol teima em brilhar por entre nuvens insistentes, e porque as gotas de chuva umedecem o ar, é favorecido o res-

surgir de lindos arco-íris e o sol pinta nas nuvens crepúsculos de inabalável beleza, de uma firmeza embalsamada.

De madrugada, postes enormes, solitários, em meio à bruma intensa, transformam-se em guardiões de uma cidade. As fachadas dos prédios apresentam-se sempre úmidas e os telhados das casas rejuvenescem. Até nos bichos ocorrem mudanças: as cigarras desaparecem, desaparecem as formigas, os pássaros acordam mais tarde e há sempre líquido em suas cantigas. Uma camada fina de umidade deixa sempiternamente um cheiro molhado na terra e nas plantas. Sobre a relva e sobre as flores, pequenas gotas de orvalho tornam-se espelhos onde se miram comovidos cães.

Poças d'água alastram-se despudoradamente em todas as irregularidades do terreno. Algumas pequenas, transparentes, com riscos coloridos dos óleos dos automóveis; outras grandes, espessas, lamacentas. Em todas elas o céu se movimenta — imóvel. E todas são pouco duradouras como o são as chuvas, constantemente enxutas pelo sol pouco louvável. Poças sem fundo em que se mergulhe. Apenas com uma superfície intransponível, inquebrantável, onde os rostos, transmudados em almas, serenamente boiam à beira-mágoa.

As alegrias do verão, agora defuntas ou adormecidas, mudam em serenidade. As correrias sob os gritos lancinantes do sol viram sensatez, cautela, muita calma. As pessoas, se não estiver chovendo, parecem andar mais devagar, com um ar compenetrado e ausente. Toda a natureza cinza, vagarosa (no entanto vigorosa), cala fundo, dentro das gentes, cava fundo dentro das gentes um túnel espaçoso, no fim do qual todos se deparam

com o próprio indivíduo que foram um dia; que, apesar de tudo, ainda são.

Os namorados, mãos dadas pelas alamedas, sorrisos discretos e encantados, ainda mais se enamoram. As mães suspiram ternamente por seus filhos. Os pescadores trabalham com maior vigor e satisfação. As flores de maio despejam aromas pelo ar, e o mato, crestado pelo vento rotineiro, esfrega na areia os cabelos negros. Na aldeia dos pescadores, a areia vergasta a madeira das choupanas, os barcos dançam sobre as ondas e peixes diminutos e gai-votas infelizes rolam mortos sobre as pedras.

Na cidade, a gritaria das igrejas deixa Deus en-surdecido. Os operários, voltando do trabalho, passam a chuva no aperto das marquises. Têm lama respingada nas batatas das pernas. E dentro dos apartamentos e das casas demoram-se luzes vermelhas e azuis. Os dentes da noite devoram uma fatia do dia: amanhece mais tarde, anoitece mais cedo. Com tanto vento, tanta nuvem, tanto cinza, o mundo parece menor.

Respirar deixa nos peitos um pesar de coisas mortas, uma vaga saudade do que se foi e do que se vai deixar de ser. Saudades passadas e futuras. Lembranças da antiga namorada e da namorada improvável feita de sonho e ilusão. Pensamentos cinzas, movimentos cinzas, mas corações cheios de uma tristeza boa, salutar, restauradora da condição humana.

A ponte sobre o rio da sensibilidade. O homem em face de si mesmo. O homem em face de outro homem. O homem em face de todos os homens. O Homem. Ver e sentir são uma só comoção. Tudo o mais é secundário, subalterno, de uma insignificância mundana. Outono se-

ductor, penetrando as almas femininas com sincero impudor, com uma ferocidade controlada, com um carinho, com uma dor! Ah, outono! Cavalgar solto no lombo dos teus ventos! O beijo matutino do teu alento! Beber no teu orvalho o sabor do tempo! Ah, outono!

2

Cinzentos de um outono quase branco, quase fraco, quase nulo... Um outono sem autenticidade, sem virilidade, sem qualquer encanto. Cinzentos de um outono pardo, de um outono pálido, de um outono ocre. Pior outono dos últimos cem anos, dos últimos mil anos, pior outono de todos os tempos.

Outono sem mar feroz, de poças vazias; de flores murchas e matos revoltados. Outono sem orvalho fino, sem cabelos soltos, sem crepúsculos belos e insuperáveis. Outono sem mais nada. Mentira de outono. Outono de mentira. Outono sem nuvens meninas e sem nuvens solteironas. As almas caladas no fundo dos corpos. Poças sem superfícies. Verdades sem fundo. Calabouço. A vida é calabouço. As choupanas, calabouços. O mar, o vento, as pedras, a areia, as árvores, tudo calabouço. Adeus romantismos! Outono desumano!

A máquina feroz do outono dilacera as ilusões, entorpece os nervos, esteriliza os beijos e os abraços. A máquina feroz do outono movimenta sua fábrica de ruínas. Outono mais pro lado de inverno. Outono indeciso. Indecisas emoções. Outono de casas quietas, manietadas ao chão lamacento. Os saltos dos sapatos calam-se no chão molhado.

Outono de calças compridas, de rostos fechados. A falta de sensualidade instiga a música das carnes. As barbas dos homens crescem no silêncio do outono. As baionetas caladas de um amor interdito entre o sol e a sede. Este outono castra o amor dos homens. Soturno, noturno outono. Dono do meu, do teu, de todos os destinos. Estação descontrolada, enviesada. Errada estação. Inverno. Outono inverno. Invernado outono. Mutilado outono. Outono miserável!

Outono de cabelos curtos, de vontades frouxas, de vozes encalacradas. Esmegma, sol amargo e carnificina. Outono morto, definitivo, insofismável. Outono suco gástrico, acidez de laranja e podridão de frutos gastos. Ó outono indecifrável! Farpas de sol cravadas no teu colo nu. Cada folha é um poeta. Cada pedra é um poeta. Cada palha é um poeta. E cada poste. Todavia espantalhos. Ó outono indecifrável! Farpas do sol cravadas no teu colo cru.

3

Cinzentos de um outono quase branco, quase fraco, quase nulo... A chuva fina, renitente, encharcando as choupanas, emudecendo as vozes, calando profundamente os corações dos pescadores. Os barcos difundidos pela chuva densa não movem corais. As ondas loucas sobre as pedras roucas apagam cristais. O outono cai, como caem os dentes de leite — inevitavelmente. O outono cai como o vestido roto do potro selvagem.

Das janelas das choupanas, os pescadores esquadriham a solidão do cinza, a imensidão do tédio da paisagem morta. As portas se calam. Os pés se acomodam na

dura insistência de apontar para o teto. Oh, verticalidade amargurada! O tempo se arrasta como uma lesma. Como é duro atravessar o dia! Como é difícil preencher o espaço do tempo ocioso. As crianças, ainda que pouco numerosas, multiplicam-se mil no curto espaço das choupanas. Os telhados cheiram a cachorro molhado.

Pelas paredes de taipa, lacraias vermelhas e roxas fremem ferozes os ferrões. Águas-vivas quase mortas, com os corpos transformados em bolhas pelo vento, proliferam pela orla. O limo das paredes tem o verde restaurado. E na madeira apodrecida das embarcações, os cupins desesperados roem o pó do pau molhado. A corrosão crava os dentes nos pregos enferrujados. E há em tudo quanto se percebe uma decomposição acentuada, como se as formas, cansadas de si mesmas, incondicionalmente apodrecessem.

A matéria se desgasta ante o céu degradingolado. Gaivotas e peixes rolam mortos sobre as pedras. Os vermes alucinados avançam sobre a deliquescência dos cadáveres. Tudo tem um ar de acabado, esmaecido, aniquilado. Parece o fim do mundo. Mas é apenas outono. Outono enviesado. Feroz negação de si. Revolta dos deuses contra o fulgor das tempestades, das iniquidades do mundo. Outono vagabundo, mas que porque vaga passa, não obstante a força das sonoras.

4

Chega o fim do outono. E a paisagem é rigorosamente a mesma! Contudo, num belo dia, a canção de uma voz chega até nós como um torpedo. E o impacto que

causa em tudo abala definitivamente o tédio do outono, reacendendo as luzes da manhã. A chuva milagrosamente cessa, e as gotas persistentes marcham agora de volta para o céu, como se as sorvesse um desentupidor de pia. As gaiótas e os peixes, antes devorados pelos vermes, têm os debuxos restaurados. Os telhados das choupanas cheiram a rosa, violeta e manjerição.

As notas inauditas da canção atravessam o tempo, rompem as vidraças do vento e estilham um montão de nuvens. O sol brota sereno, belo, magnífico. As crianças são as primeiras a saltar das camas e a correr para fora das choupanas. Deslumbradas, elas sentem na pele o beijo quente do sol maravilhoso. Um velho aleijado, quase surdo, arrasta-se sobre o quadril devastado, chegando-se à porta da choupana. Ao ouvir aquela música inédita, suspira fundo, muito fundo. O suspiro, embora baixo, bem baixinho, é ouvido em toda a orla marítima e faz brotarem três botões de rosas vermelhas, sangrentas, espanholas, na pedra mais distante, mais agreste e inviolada.

Peixes saltam para os barcos dos pescadores sem pressa nem acrimônia. As beatas se debruçam nas janelas, benzendo-se várias vezes, naturalmente achando que aquilo é obra de Deus, ou de Satanás. Mas a canção continua entorpecendo o ar. Não há madeira, não há água, não há molécula que não vibre com a magia daquele cantar. É um canto límpido, cristalino, transparente. Mas de tão forte se pode pegar.

Os meninos correm com pedaços de canto nas mãos. Os homens depositam quantidades de canto em grandes tachos de barro e em vasilhas de alumínio. E a música não para. Atravessa o tempo, colaborando na construção das

horas. As horas, libertas do canto seco e austero dos relógios, dançam fora de si. O sol, sacudido de um lado para outro por causa da indecisão das horas, pede clemência ao movimento do universo.

Mas a canção continua cada vez mais forte, mais potente, mais bela e cristalina. O dia progride. Mas a canção continua. Os homens se amam. Mas a canção continua. E é uma canção azul, amarela, vermelha, verde, lílãs, branca como um arco-íris. Bela como um arco-íris. Tão cheia de traços definitivos e sensuais que até parece uma mulher. Que belas pernas tem essa canção! A magnificência dos seios empinados... De onde vem este canto cujo manto tanta flor evola? Quem cantará este canto cujo manto tanta dor consola? É Variata, a menininha cor-de-rosa. Do alto das pedras, ela agita os bracinhos, regendo uma orquestra invisível.

5

João Pescador, que também acordou com as primeiras notas da Canção de Variata, sentou na areia, com o queixo descansando na palma da mão esquerda. A mão direita no bolso apalpando as sete conchinhas brancas. Ficou olhando admirado para o céu. Viu as lesmas desaparecerem, as lacraias se autodevorarem e as lagartas apodrecerem nos pés de árvore. Viu o limo escapulir-se das paredes. Viu o vento enxugar os telhados das choupanas. Viu os pescadores dançarem nus e viu manchas azuis pintando seus corpos. Fechou os olhos. Seu corpo estremeceu devagar. Uma paz infinita, como uma brisa suave, escorrendo pela sua pele desgastada. Já não pensava mais

no pombinho, nem no jegue de Manoel Manco, ambos mortos pela estupidez humana. Na verdade, não pensava mais em nada. Todo seu ser era uma serena negação de si. Suprema abstração. Pulverização da matéria, produzida, inexoravelmente, pelo estalido seco da intuição, que regenera tudo, que tudo reduz a uma perfeita unidade.

Enquanto o sol agonizava lentamente, tendo por sepulcro a linha do horizonte, os homens se amavam como cães. O vento do norte soprava levemente as folhas dos coqueiros. O casal de botos, exibindo seu dorso rosado, fazia peripécias junto aos barcos ancorados. As gaivotas davam voos rasantes em toda a orla marítima, mergulhando, feito punhais, na água fria, de onde saíam com peixes nos bicos aduncos.

Incansável, Variata regia a orquestra invisível. Varria, com as notas musicais, as tristezas acumuladas nos dias passados. Variata cantava, docemente cantava. E o canto de bronze reacendia nas ondas o cristal dos vendavais.

CAPÍTULO XXV

RETORNO AO NADA

João Pescador voltou para a choupana. Estendeu-se, de barriga para cima, sobre a mesa tosca. Cerrou os olhos. Começou a lembrar, vagamente, seu passado na cidade grande, sua vida agitada numa peneira fina, de onde caíam apenas minúsculos grãos de satisfação. Lembrou a sua vida atual, desde o momento em que conheceu a menininha cor-de-rosa. Suas premonições. Seu contato com o sobrenatural. Sua capacidade de prever o futuro. Sua superconsciência.

Intimamente, João sabia que não a veria mais. Que aquela canção, entoada de uma forma tão magnífica, era, na verdade, uma canção de despedida, mas também de redenção. Sabia inevitável a separação. Antes, quando pensava nessa possibilidade, ficava imensamente triste. Agora, curiosamente, nada abalava seu coração cansado, um coração que lentamente, mas sem dor, se despedia da vida.

João Pescador sentia-se como um cântaro vazio. Fora preciso que o recipiente ficasse cheio até a borda, com o conteúdo das várias vivências, para finalmente transbordar e extravasar todo, até não restar senão vácuo, ausência da ausência. Apenas João. Uma árvore sem folhas. Um esqueleto que fora despido aos poucos de seus adereços, até atingir a nudez absoluta. Vácuo sobre vácuo. Seu mais completo e tenro esquecimento. Tinha aprendido com a menininha cor-de-rosa que era melhor um odre vazio, onde a qualquer momento se pudesse depositar um conteúdo do mais alto teor proteico, do que um cantil re-

pleto de um conteúdo visceralmente contaminado pelas imundícies da vida.

Ficou deitado naquela posição durante um longo tempo, como se estivesse terrivelmente fatigado, como se os últimos acontecimentos houvessem sugado totalmente suas energias, a mente agora completamente focada na imagem do pombo ensanguentado, nas feridas incuráveis do jegue, repletas de moscas varejeiras, no seu embate com o antigo dono dele, nos olhos azuis e nos cabelos encaracolados de Variata, no lobisomem, em Juru-pari, em Santa Bárbara e em tantos outros seres magníficos que passaram por sua miúda existência. Retirou as conchinhas brancas do bolso da calça e as colocou ao seu lado. Sentia-se um pouco oprimido.

Mas ele não estava propriamente cansado, esgotado. Estava apenas mergulhado numa suprema passividade. Numa estranha forma de inatividade produtiva, pois, através da inércia, sua mente podia fluir livremente e ele podia fruir o prazer advindo dessa entrega, atingindo um estado quase comparável a um nirvana. Porém ele não era um santo, ou um asceta. Apenas um homem comum, fabulosamente comum, entregue ao total esquecimento de si.

Entretanto, um forte ruído de madeira sendo destruída subtraiu João àquela letargia, sobressaltando-o. Vinha do ancoradouro onde, desde o dia em que voltara do mangue, havia deixado o barco. Apesar da idade e da saúde já um tanto precária, levantou-se da mesa rapidamente, e voou porta a fora. Mal dera alguns passos na areia úmida, estacou. Junto ao ancoradouro, seu barco, completamente destruído e em chamas, naufragava len-

tamente. João pensou em correr, com o intuito de evitar que submergisse. Desistiu. Nada mais restava a fazer. Intui que aquilo não tinha sido um acidente. Não ventava. O mar estava sereno. O barco ainda mantinha-se amarrado. Nada havia que pudesse produzir o incêndio.

O Pescador curvou-se para frente, apoiando as mãos nos joelhos ossudos, terrivelmente abatido, desanimado, enquanto seus olhos vidrados observavam, com profunda tristeza, a agonia do seu pobre companheiro. E o seu mais fragoroso submergir. Sem fogos de artifício. Sem ostentação. Sem glamour. Somente um tosco barco, mais uma vítima da covardia alheia, de uma perversidade que, para ele, certamente tinha nome e endereço.

Infelizmente, já não possuía forças para reagir, para tentar se vingar. Sentia-se como se um enorme fardo tivesse desabado sobre ele, esmagando-o com toda sua fúria de fardo. Sentiu-se pequeno, fraco, pusilânime. Embora não fosse — nem nunca tenha sido — covarde. Desejou, ardentemente, o próprio naufrágio. Claro que isso seria muito ruim. Talvez até, por uns resquícios de autopreservação, se debatesse freneticamente antes de sucumbir. Mas, pensando bem, isso não seria de todo ruim. Ao contrário. Pelo menos assim ele ficaria livre, definitivamente livre da ruindade inata dos homens. Procurou as conchinhas brancas no bolso. Não estavam mais ali. Lembrou-se de que, enquanto estava deitado ruminando, as tinha retirado e colocado na mesa. Contorceu os lábios, contrariado. Aquilo não era um bom sinal.

Naquele que talvez fosse seu último gesto de desespero, cruzou as mãos atrás da nuca, dobrou os joelhos, não para rezar ou pedir clemência aos céus, mas para

contemplar, com um olhar de despedida, as últimas labaredas se apagando na superfície lustrosa da água. Por isso não ouviu o estampido. Sentiu apenas o impacto violento no peito, que o arremessou para trás, e uma dor quente e aguda dilacerando o coração extenuado, o coração que, durante setenta anos, executou mecanicamente seus movimentos de sístole e diástole, às vezes fracamente, às vezes com a intensidade de um terremoto ou, mais exatamente, de um maremoto.

Assim como o barco, também ele entrou numa lenta e derradeira agonia. Fechou os olhos, enquanto sua consciência, feito uma pálida chama, lentamente se extinguiu.

João não viu nem sentiu mais nada. E o espírito de Deus voltou a se mover sobre a face das águas.



Vencedor
na categoria
ROMANCE

